

ASSIS CINTRA



AS AMANTES DO IMPERADOR



Assis Cintra

AS AMANTES DO IMPERADOR

Edição Digitalizada
2019

Digitalização, capa, composição
e notas adicionais por

L Vallejo – 2019

<http://cloneclock.blogspot.com.br/>

Prólogo do Autor

É possível que algum casmurro grite contra este livro, chamando-o de inconveniente ou licencioso.

Walter Scott descreveu as loucuras amorosas do rei da Inglaterra Henrique VIII; Alexandre Dumas focalizou as amantes do rei Henrique IV, da França.

Nem por isso houve crítico, por mais hirsuto que fosse, que condenasse esses escritores por terem romanceado os amores pecaminosos dos monarcas de suas respectivas pátrias.

Nestas crônicas procuramos fazer um ligeiro perfil da figura “freudiana” do nosso primeiro Imperador.

Repetimos informações já prestadas ao público por escritores como Melo Moraes, Alberto Rangel, Cipriano Barata, Grandone e outros.

As fisionomias femininas surgem aqui muito ligeiramente retratadas. Em um outro livro, que virá depois deste, aparecerão as outras amantes de D. Pedro I, já registradas pelos cronistas antigos.

O autor.

Índice

- 1 - O LOBO IMPERIAL**
- 2 - A PRETINHA ANDREZA**
- 3 - MADAME BOMPLAND**
- 4 - ANNA STEINHAUSSEN**
- 5 - MARIA JOANA**
- 6 - MADAME DE SATURVILLE**
- 7 - ZINDINHA**
- 8 - NOÊMIA VALENCY**
- 9 - LUIZINHA DE MENEZES**
- 10 - CARMEM GARCIA**
- 11 - MADAME SAISSET**
- 12 - GERTRUDES MEIRELES**
- 13 - A BARONESA DE SOROCABA**
- 14 - A MARQUESA DE SANTOS**
- 15 - CARTAS DE AMOR DE D. PEDRO I
DIRIGIDAS À MARQUESA DE SANTOS**

1 - O Lobo Imperial

Os mestres da patologia sexual ensinam que as prodigalidades do amor constituem uma doença. Dão-lhe um denominativo arrancado do grego clássico: *satyriasis*.

Modernamente, o famoso Freud, com a sua complicada teoria, estudou essa tão discutida anormalidade, batizando-a com a nome de “*sexualismo vulcânico*”.

Loucuras de amor ou sexualismo vulcânico, essa foi a moléstia que atormentou a mocidade galante do nosso primeiro imperador.

Amou, amou desesperadamente, na anarquia sexual das arrancadas violentas, aqui, ali, acolá, impelido apenas pelos desejos desordenados de alguns instantes, desprezando todos os preconceitos, ora nas senzalas, onde reboavam as malcheirosas escravas, ora peregrinando pelas vielas escusas do velho Rio de Janeiro, na caça de aventuras galantes, ora prendendo nas teias do seu amor as baronesas, condessas e marquesas do Império.

Foi esse o destino amoroso de D. Pedro I. O galante Imperador, di-lo o austero Escragnoles Dória, não soube amar uma só vez: partiu o amor em pedacinhos.

Delavat, representante espanhol no Rio, em seu ofício de 12 de junho de 1826, dizia ao Secretário de Estado de sua pátria que D. Pedro I fora “*bastante variable en sus conexiones com el belo sexo*”.

Em ofício de 11 de junho de 1829, o mesmo cônsul Delavat acentuava que o Imperador “*habiendo elegido para sus galanteos, entre nacionales, italianas, francesas, y aun americanas espanholas, un objeto distinto para cada semana, ninguna conseguiu fijar su inclinación*”.

Para o pintor Debret, autor de “Viagem Pitoresca ao Brasil”, “*il s’occupe bientôt plus particulièrement des demonstrations gracieuses de quelques françaises*”.¹

Para Oliveira Martins, escritor português, D. Pedro foi, na ampla acepção da palavra, um avatar de D. João Tenório.²

Alberto Rangel, o magistral e interessante retratista da Marquesa de Santos, comentou e explicou que os monarcas mulherengos, Henrique IV e Carlos II, comparados a D. Pedro, podiam ser

¹ Ele imediatamente dirige suas atenções às demonstrações graciosas de algumas francesas (NE)

² Vale sempre lembrar as fases de idade do tarado: Chegou ao Brasil com 9 anos de idade, proclamou a independência aos 23 anos, foi expulso do Brasil com 32 anos e morreu em Portugal com 35 anos, oficialmente de tuberculose, mas provavelmente de doença venérea – sífilis – (NE)

considerados com o direito a recordes de castidade.

O debochado rei Henrique II seria um ingênuo; Luiz XIV, tanto quanto o pai e o bisneto, apontados como devassos incorrigíveis pelos seus biógrafos, junto ao nosso Imperador não passariam de inocentes ermitões.

A tendência de nossa raça, no modo de pensar de Alberto Rangel, alargou demais a lista das façanhas venéreas do primeiro Imperador, “*salpicando-lhe a vida de historietas dignas de constituírem temas de Bocage ou de ornarem as memórias desavergonhadas de Casanova*”.

O velho e bisbilhoteiro Melo Moraes, na sua tão conhecida “**Crônica do Brasil**” (II, 173), conta que “*D. Pedro I teve muitas amantes de diferentes classes, cores e condições, das quais não fazia caso, ridicularizando-as e achincalhando-lhes os maridos*”.³ A Marquesa de Santos, acrescenta o cronista, foi a única mulher por quem o monarca se apaixonou.

Mais adiante (II,283), Melo Moraes explica que “*D. Pedro teve muitos filhos naturais*⁴ *com mulheres de várias espécies: brancas, mulatas e negras*”.

³ Na verdade D. Pedro era um psicopata epiléptico, um tarado degenerado que com poder ilimitado sobre tudo e todos tinha todas as suas vontades satisfeitas (NE)

⁴ Filhos ilegítimos (NE)

Aliás, o meio social da época era propício aos desregramentos amorosos de qualquer pessoa, pois os princípios de moralidade tinham sido postos à margem, postergados tanto pelo povinho, como pela fidalguia.

O mau exemplo vinha do próprio Paço. A mãe de D. Pedro farreava até com os moços da cavalaria real. E a irmã? Dela se diziam coisas inacreditáveis.

O historiador da Marquesa de Santos focalizou a sociedade do primeiro reinado com estas verdades cruas: *“Que a moralidade reinante no Rio de Janeiro se apresentava bem precária, testemunham quantos observaram o nosso meio, mesmo de passagem”*.

Coldclench proclamou que a esse respeito *“os habitantes do Brasil não são confiáveis”*.

Luiz de Freycinet, nos traços salientes do carioca, encontrou o sensual, e entre os vícios dominantes, a libertinagem; refere-se ao *“país onde não é difícil encontrar-se todos os gêneros de excessos”*.

Saint Hilaire observou que *“o esquecimento da moralidade se tornou universal”*, e atribui aos maus exemplos, dados pela Corte de Portugal no Brasil, o aumento dos maus costumes públicos, desde a união ilegítima até a venalidade da justiça e simonia⁵ do clero.

⁵ venda de artigos espirituais (NE)

E esse amigo da nossa terra, escarmentado, observou: “*on est devenu indifférent sur les devoirs les plus essentiels; les fautes contre les mœurs sont à peine aujourd’hui des fautes*”.⁶

Arago apontou o Rio de Janeiro como “*une ville royale où les vices de l’Europe débordent*”.⁷

Depois desses devaneios com opiniões estrangeiras, Alberto Rangel conclui afirmando que, no Rio de Janeiro a prostituição se fazia sem rebuço e o adultério estava na moda, era usual.

Froger, oficial da marinha francesa, no seu livro “*Relation d’un Voyage*”, descrevendo os costumes do Rio, disse que até os padres, frades e demais religiosos, eram devassos e libertinos: “*non seulement les bourgeois, mais même les religieux peuvent entretenir des femmes sans craindre la censure et les médisances du peuple, qui leur porte un respect tout particulier* (pág. 72 e 73).⁸

O nosso primeiro Imperador, vivendo nesse meio corrompido, e tendo nas veias o sangue de D. João V, tinha que ser o que foi.

⁶ Ficamos relapsos com os mais essenciais deveres; as faltas contra a moral, dificilmente hoje, são consideradas faltas (NE)

⁷ Uma cidade real onde transbordam os vícios da Europa (NE)

⁸ Não somente os burgueses mas até os religiosos perseguem as mulheres sem temer a censura e fofocas do povo, que lhes têm um respeito especial (NE)

Referindo-se a esse antepassado de D. Pedro, o duque de Chatelet, em sua *“Voyage en Portugal”* (Paris, 1801, vol. I, pág. 56), escreveu o seguinte relato que a História Universal registrou:

“O convento de Odivellas continha, no reinado d’El-Rei D. João V, trezentas religiosas, todas jovens e bonitas. Entregavam-se ao requinte do galanteio e do amor, e passavam por ser as mulheres mais belas e sedutoras do país. Dali saíram os numerosos filhos naturais d’El-Rei D. João V, que deste mosteiro fazia o seu verdadeiro harém ou serralho”.

Se um de seus avós, D. João V, transformou um convento português em serralho⁹, o galante Imperador D. Pedro I fez da capital do seu Império o harém onde desembestou a sua libertinagem, nas explosões vulcânicas de sua loucura amorosa.

Muitas outras mulheres não citadas neste livro ocuparam a atenção voraz do Imperador donjuanesco.

Foram muitas, muitíssimas as ovelhas que o lobo imperial devorou; porém, pouco mais de duas dúzias dessas ovelhas sacrificadas deixaram a lâ com que os cronista vão tecendo a túnica erótica do fundador do Império do Brasil.



⁹ local, casa etc., destinado à prostituição; lupanar, prostíbulo (NE)

2 - A Pretinha Andreza

A Imperatriz estava indignada, não compreendendo bem o que acontecera naquele dia. Nem ela, nem a sua amiga e confidente, a Marquesa de Aguiar, puderam resolver aquela charada.

- Afinal, Marquesa, que acha deste caso? Leia novamente a carta de soror Caetana de Jesus.

A Marquesa de Aguiar tomou nas mãos uma carta que se achava sobre o aparador e leu em voz alta:

“Majestade.

É portadora desta a serva leiga deste convento que se chama Andreza¹⁰. Quando escolhi o sossego angelical do claustro ao delírio da vida de sociedade, meu bondoso pai Elias da Silva, vassalo e amigo devotado do Sr. D. João VI, conseguiu permissão do Bispo capelão-mor do Rio de Janeiro, e da Santa Abadessa desta casa

¹⁰ Joaquim José de Carvalho, autor de algumas obras históricas, conta que, em menino, conheceu uma negra de nome Andreza, mãe de um filho de D. Pedro I. E Luiz Augusto May, diretor do jornal “A Malagueta”, em um dos seus panfletos, fez referência a um escandaloso caso sucedido com a pretinha Andreza, do Convento da Ajuda, pretinha que as freiras mandaram de presente à Imperatriz, e que, três meses depois, deu à luz uma criança, sendo voz corrente que essa criança tinha sangue real. May disse ainda que Andreza era uma formosa pretinha de dezesseis anos.

de Deus, para que eu trouxesse comigo para serviços domésticos do convento a minha aia e escrava Andreza.

Ficou ela encarregada de levar aos amigos deste convento, entre os quais V. Majestade, as bandejas de “obséquios” que aqui fazíamos, fora das horas de devoção e piedade.

Levando todas as quintas-feiras uma bandeja de quindins e balas de ovos como lembrança nossa a V. M., a Andreza foi vista pelo nosso Augusto Imperador, amante de tais guloseimas.

O Sr. comendador Gomes, em nome do Sr. D. Pedro, procurou o nosso capelão e propôs a compra de nossa quituteira por qualquer preço.

O convento não pode negociar escravos e a Sra. Abadessa resolveu que se mandasse a pretinha à Imperatriz, para que aí, no Palácio Imperial, mais facilmente pudesse preparar os quindins tão apreciados pelo nosso Imperador.

Junto a esta remeto a V. M. a carta de alforria que meu pai Elias Silva concedeu à portadora desta, que vai agora servir à casa Imperial muito livremente.

Devo, entretanto, chamar a atenção de V. M. para o estado de saúde de Andreza, que, na opinião do médico desta casa de Deus, está sofrendo de barrida d'água, ou como dizem os doutores, hidropisia.

Beija a mão de V. M. a serva em Jesus Cristo Caetana de Jesus”.

Acabada a leitura, a Imperatriz ficou-se um instante, triste e pensativa, e depois deu ordens para que se chamasse o médico da família Imperial, o famoso Barão de Inhomirim.

Mais tarde, chegado aos aposentos de D. Leopoldina, o esculápio examinou a notável fazedora de quindins do convento da Ajuda. Em seguida ao exame, voltou-se para a Imperatriz:

- *Majestade, posso afirmar com segurança que esta grávida não tem barriga d'água.*

- *Então, Dr., que será isso? Algum tumor?*

O médico sorriu maliciosamente, e respondeu:

- *Oh! Não. Apenas um corpo estranho, de que a rapariga se verá livre daqui a três meses.*

- *Que está dizendo, doutor?*

- *É isso mesmo, Majestade. É um caso típico e evidente de gravidez de seis meses.*

- *De seis meses... E esse é o presente que as freiras, minhas queridas amigas, mandam para aqui, como fazedora habilíssima de quindins...*

- *De seis meses...* - balbuciou ao lado a Marquesa de Aguiar.

D. Leopoldina, com aquelas largas passadas de homem, que a caracterizavam, cruzando os

braços no peito, enfrentou Andreza e rispidamente perguntou:

- *Anda lá, lambisgóia, conte como você, morando em um convento, foi arranjar essa coisa, e porque as freiras a mandaram para cá.*

Andreza, com grande desenvoltura, desembuchou:

- *Ah! Minha senhora, não foi no convento, foi aqui no Palácio que arranjei a minha barriga d'água.*

- *No Palácio?*

- *Sim, aqui no Palácio. Eu vinha todas as quintas-feiras trazer quindins e balas de ovos que as freiras mandavam para V. Majestade. Lá em baixo, perto da escadaria, tia Gertrudes, cozinheira do capelão do convento, me esperava como de costume.*

Numa das vezes que vim aqui, notei que dois homens olhavam muito para mim, e um deles falou ao outro que eu era um belo animal. Não compreendi bem o que ele queria dizer, chamando-me de animal, e desci as escadas, ao encontro de tia Gertrudes que, então, me disse que os dois homens que subiram eram o Imperador e o seu secretário, o Sr. comendador Gomes. E fomos saindo, eu e tia Gertrudes, quando, com espanto, ouvimos um psiu, psiu ! Era o comendador Gomes. Chamou tia Gertrudes de lado, e, depois de uns cochichos, ela me mandou acompanhar o comendador, porque D. Pedro queria me falar. Fui com o Sr. Comendador. Descemos para a mordomia. Havia do lado esquerdo o quarto dum

criado do Paço. O Sr. Gomes levou-me para esse aposento e imediatamente veio o Sr. D. Pedro, e depois o que aconteceu não posso contar a V. Majestade porque não sei.

- Ora, essa, sua desavergonhada. Você não sabe o que aconteceu, não é?

- Não sei mesmo, minha senhora. Juro pela salvação da minha alma que não sei. Nessa ocasião, eu estava muito distraída. Depois, no convento, as freiras começaram a notar que minha barriga crescia... “Barriga d’água”, dizia a Abadessa. Mas, um dia veio o médico do convento. Examinou-me e falou à Abadessa. Houve um reboliço, um barulho dos diabos, como se o Tinhoso ali tivesse entrado. Chamaram-me. Interrogaram-me. Conteí o que acabo de contar, e mandaram-me para cá.

- Oh! que pouca vergonha! - balbuciou a Imperatriz com os olhos cheios de lágrimas.

A Marquesa, afogueada de indignação pelo que ouvira, aproximou-se de D. Leopoldina e murmurou:

- Senhora, Nosso Senhor Jesus Cristo está fazendo de Vossa majestade uma santa.

- Preferia o martírio das feras no circo romano do que esta humilhação. Até com as negras, meu Deus! Isso é demais!...

E voltando-se para a pretinha Andreza, gritou-lhe:

- *Acompanhe-me.*

Andreza acompanhou a Imperatriz aos aposentos do Imperador. Lá estava D. Pedro conversando com o Chalaça e com o Plácido de Abreu.

D. Leopoldina, vermelha de cólera, estacou, e gritou estas palavras cheias de dor e de ironia:

- *Pedro, as freiras do Convento da Ajuda me mandaram esta pretinha para fazer quindins no Palácio, pois Você propôs, por intermédio do Sr. Francisco Gomes, a compra da doceira por qualquer preço. Aqui está a fazedora de quindins, com uma escandalosa barriga d'água. Ela é sua e pode aproveitar, à vontade, os quindins dessa preta... aonde quiser, menos aqui. Vá comer os quindins da Andreza na casa da Marquesa de Santos, que é lugar mais próprio. Aqui, não, porque se isto acontecer, eu irei com meus filhos para a residência do Marechal, Ministro de meu pai, o Imperador da Áustria, e da casa do Ministro para Viena.*

Em seguida, sem esperar resposta, a Imperatriz retirou-se apressadamente.

O Imperador, imperturbável, olhou para Andreza, e sorriu com um cinismo revoltante. Depois, disse ao Plácido de Abreu:

- *Plácido, meu amigo, você leve a Andreza para a sua residência, e amanhã arranje-lhe uma casinha na rua da Viola e ponha-lhe mobília por minha conta.*

E depois, voltando-se para Andreza, piscando-lhe o olho e dando-lhe uma palmada na nádega:

- Então, com barriga d'água, hein? Pois olhe minha cabrocha, de hoje em diante você vai ter casa própria, fazer quindins para quem quiser, menos para mim, que não os quero mais. Sendo liberta, agora é como gente branca, e por isso, trate de sua vida como puder.

Andreza baixou a cabeça, enquanto D. Pedro, o Chalaça e o Plácido, formidável trindade de devassos, estrondeavam numa gargalhada cínica, que foi abafar, através do corredor, os soluços da desditosa Imperatriz do Brasil.

A Marquesa de Aguiar, no dia seguinte, contando o caso ao marido, encerrou o com esta exclamação:

- Coitada da Imperatriz! Traída até por uma preta de quindins!



3 - Madame Bompland

O Imperador acabava de chegar das estrebarias do Paço, onde estivera examinando os fogosos cavalos de raça, comprados em Montevideu pelo seu amigo Oviedo.

O secretário Chalaça anunciou-lhe dois pedidos de audiência: o do Almirante Cochrane¹¹ e o do sábio naturalista, Aimé Bompland.

- Mande entrar o Cochrane, e veja o que quer esse francês - ordenou D. Pedro.

Veio o Almirante. Estava indignado com o Ministro da Marinha.

- Se V. M. pensa que deixei o Chile para vir a esta terra fazer o papel de mequetrefe, está muito enganado. Ou V. M. cumpre as promessas constates do meu contrato, promessas até hoje não cumpridas, ou então...

- Ou então o que?...

- Vou-me embora para a Grécia, onde requisitam os meus serviços...

¹¹ Em suas Memórias ou Narrativas, o Almirante Cochrane, Marquês do Maranhão, revelou os amores de Pedro I com a mulher do escritor francês Aimé Bompland.

- *Almirante, com o senhor ou sem o senhor nós faremos o que quisermos fazer.*

- *Mas fui chamado pelo representante de V. M. e como o governo do Brasil assinou um contrato que não está sendo cumprido...*

- *Há de se cumprir...*

Em seguida, pondo as mãos no ombro do inglês, observou-lhe D. Pedro:

- *Não me apareça mais aqui com essa rompância. Se não estiver satisfeito comigo, pode ir para a Grécia, seu Almirante.*

- *Oh! yes, very well, Sire...* - balbuciou o inglês e saiu, batendo as botas no largo assoalho do saguão.

Em seguida, surgiu o Chalaça com um grosso volume nas mãos.

- *Majestade, o escritor Aimé Bompland, acompanhado de sua madama, trouxe este livro da autoria dele, e pede uma audiência para se entender sobre a publicação de um livro sobre a flora do Brasil.*

- *Ora bolas, Chalaça! Você bem sabe como estamos ardendo com esta luta da independência. Na Bahia, o Madeira a azucrinar a nossa paciência; no oceano, os navios do meu augusto e sereníssimo pai, o Sr. d. João VI, a perturbar o nosso comércio externo; aqui este atrevimento do Cochrane a fazer*

exigências de dinheiro e prerrogativas descabidas, brigando todos os dias com o Secretário da marinha. E ainda você tem a coragem de me anunciar um francês, que quer dinheiro para descrever plantas brasileiras?

- Vossa Majestade tem razão. O diabo é que a Imperatriz já se comprometeu com o francês em ajudá-lo no que for possível e me recomendou o tal...

- Pois devolva o tal para a Imperatriz. Não o recebo, está acabado. Ponha-o na rua, mande-o para o inferno. Se você trouxer aqui alguma gente de livros, ou de plantas, ou de queijandas maluquices, quem vai para o olho da rua é você, seu biltre.

Chalaça, o astuto Francisco Gomes da Silva, alcoviteiro e secretário particular de D. Pedro, conhecia bem o seu amo, o Imperador. E por isso tratou de ir saindo de mansinho, ante que a tempestade caísse sobre sua cabeça.

Voltou à sala de espera e disse a Monsieur Bompland.

- Meu caro, Sua Majestade o Imperador sente profundamente não poder recebê-los. Está atarefado com sérios negócios de Estado. Como deve saber, ainda temos inimigos armados. Na Bahia, no Maranhão...

- Oh! mon cher secretaire, parfaitement...

- *Pois é assim, meu ilustre amigo. Sua Majestade agradece a oferta do livro... e sente não lhe marcar a audiência...*

- *Nem amanhã?*

- *Não é possível.*

- *Na próxima semana?*

- *Nem...*

D. Pedro passava nesse instante pela sala, e, diante da insistência do francês, gritou-lhe na cara:

- *Nem amanhã, nem na semana que vem, nem no próximo mês ou ano, nem nunca. E ponha-se daqui para fora. Vocês, franceses, não passam de exploradores da ignorância dos americanos. E não me aborreça mais.*

Virando-se para o Chalaça:

- *Já não lhe disse que pusesse esse sujeito na rua, seu truão?!*

Em seguida, furiosamente, enveredou pelo corredor da direita, desceu as escadarias, e, montando a cavalo, viu o francês e a mulher, essa mulher que, na sua ira, não teve tempo de apreciar bem, descenderem, medrosos e apressados, em demanda do portão do parque de São Cristóvão, em cujo local os esperava uma sege do cônsul francês.

Dois dias depois, aniversário do Visconde do Rio Seco, que era no Brasil o maior credor do Tesouro Nacional e do próprio monarca, D. Pedro passou pela residência de seu grande amigo e fornecedor de dinheiro nas aperturas.

A sala estava cheia de visitantes, entre os quais o cônsul e a consulesa da França, que se apressaram em beijar a mão do Imperador.

Fez-se um círculo em torno de D. Pedro.

Nessa ocasião, ele viu duas pessoas, que, cautelosamente, procuravam sair para o alpendre. Eram um homem de uns quarenta e tantos anos e uma linda mulherzinha loura, de pouco mais de vinte anos.

Plácido de Abreu, que estava presente, foi chamado pelo Imperador, que desejava saber quem era aquela gente que fugia dele.

- Oh! Majestade, aquele é o sábio Aimé Bompland, naturalista, que, com o Barão de Humboldt, escreveu um famoso livro...

- E a moça, quem é?

- Esposa dele.

- Franceses?

- São.

- *Quero saber por que fugiram de mim. Chame o cônsul francês.*

Mal tinha vindo o representante da França, D. Pedro foi dizendo:

- *Então os seus patrícios fogem do Imperador do Brasil?*

- *Não sei do que se trata, Sire?*

- *Um tal Bompland e a mulher, ao me ver, escaparam-se. Por que?*

- *Se V. M. me permite falar...*

- *Fale a vontade.*

- *É que eles foram pedir uma audiência em palácio a V. M. e foram...*

- *Foram postos na rua por serem impertinentes, querendo me forçar a recebê-los.*

Em seguida, virou as costas ao interlocutor, e foi refrescar-se com um grande copo de limonada que lhe trazia numa artística salva de prata, a dona da casa.

Foi essa a segunda vez em que D. Pedro se encontrou com Madame Bompland, sem, contudo, poder reparar na linda e encantadora francesa...

Depois disso, ainda mais uma vez o destino pôs perto do Imperador a formosa francesinha. Mas, neste caso, pôde vê-la bem.

Ele fora falar com a Imperatriz. Chegando aos aposentos da esposa, encontrou-a em amistosa palestra, em francês, com uma mulher fascinante.

- Pedro, essa é Madame Bompland, que fez, com o marido, uma viagem ao redor do mundo. Eles embarcam amanhã para a França. O marido escreveu um belo livro em colaboração com o Barão de Humboldt. Aqui está o livro.

E, ao falar, tomou de uma estante próxima um volume que entregou a D. Pedro.

Este, vencido pela beleza da francesinha, leu rapidamente a folha de rosto.

- VOYAGE AUX RÉGIONS EQUINOCALES DU NOUVEAU CONTINENT PAR ALEXANDRE DE HUMBOLDT ET AIMÉ BOMPLAND - PARIS, 1814.

Depositando o volume nas mãos de D. Leopoldina, o Imperador, sorrindo, disse:

- Ora, Leopoldina, eu já conheço o escritor Bompland. Dei-lhe uma audiência e devo recebê-lo ainda hoje, à tarde.

A estas palavras a formosa lourinha não conseguiu esconder um movimento de espanto e assombro. Como aquilo seria possível?

Durante meia hora D. Pedro ali esteve, em alegre conversa com a Imperatriz e com a francesa. Ao sair, estava vencido, completamente vencido pela graça gaulesa de Madame Bompland.

Já nos seus aposentos, mandou chamar às pressas o Chalaça, e, quando este o atendeu, atirou-lhe esta ordem desconcertaste:

- Você tem que me trazer hoje, sem falta, o mais depressa possível, já, agora, o Bompland, aquele francês do livro. Se ele não quiser vir, prenda-o e traga-o preso. Não me apareça aqui sem ele.

O Chalaça arregalou os olhos, estupefato. Que seria aquilo, afinal? Que haveria nessa reviravolta? Positivamente, o seu amo andava maluco, se já não era doido varrido.

Pois o Bompland aparecera no Palácio recomendado pela Imperatriz, e ele, Chalaça, simpatizando com o homenzinho, tudo fizera para que D. Pedro o recebesse, e D. Pedro, sem mais aquela, o mandara pôr na rua. Agora, de repente, o mesmo Imperador exigia a presença do francês, fosse como fosse... que atrapalhada!

D. Pedro, positivamente, era maluco.

Então, o Chalaça, com aquela sua presteza em cumprir ordens, correu imediatamente ao consulado francês, à procura de Bompland.

- O Bompland? Onde está o Bompland, Sr. cônsul?

- *O Bompland está na rua do Ouvidor, na casa do Corvisier, de quem é hóspede.*

Sem perder tempo em agradecimentos ou despedidas, o secretário do Imperador correu para a rua do Ouvidor.

- *Sr. Corvisier, por favor, onde está o Sr. Bompland?*

- *Lá em cima, no banho.*

- *Pois tire-o já do banho. Quero falar-lhe com urgência.*

- *Que urgência é essa, Sr. Comendador Gomes?*

- *São coisas que não lhe interessam saber. São ordens. É segredo de Estado.*

- *Segredo de Estado? Ora essa... Que tem a ver com o Estado o pachorrento Bompland, que leva a vida a estudar botânica? Em todo o caso, vou lá em cima arrancá-lo do banheiro...*

E se bem o disse, bem, o fez.

Ao ver Bompland o Chalaça foi dizendo:

- *O Imperador quer vê-lo imediatamente.*

- *Imediatamente, não pode ser...*

- *Sim, o senhor vai comigo.*

- *Ora essa... Embarcarei amanhã de madrugada. Irei hoje, com minha mulher, jantar na casa do cônsul da França; devo despedir-me da família do Visconde do Rio Seco; tenho que... sabe de uma coisa, Sr. secretário? Sua Majestade me desfeiteou, a mim e à minha mulher. Sou um cidadão francês, não sou obrigado a prestar vassalagem, nem obedecer ordens do Sr. D. Pedro. Não vou, e o senhor bem sabe que não pode obrigar-me a fazer o que não quero. Não vou e não vou, está acabado.*

O Chalaça que precisava levar de qualquer forma aquele francês à presença do Imperador, lembrou-se da ordem recebida: *“nem que seja preso, traga-o aqui. Não me apareça sem ele”*.

E foi então com espanto do negociante Corvisier e do sábio autor da “Voyage” que o comendador Gomes, vulgo Chalaça, secretário do Imperador do Brasil, deu o golpe final:

- *Nesse caso, está preso por ordem de D. Pedro. Siga-me, e bico calado, se não quiser más conseqüências...*

Pálido, gaguejou Bompland:

- *Se é assim. Eu vou.*

E foi. Foi e ficou maravilhado com a recepção que teve. O Imperador recebeu-o de braços abertos, alegre, alvissareiro, explicando-lhe:

- *Que aquilo que acontecera dias antes fora um mal entendido. Já passara um formidável*

descompostura no secretário, pois ele era o único culpado. Anunciara mal o sábio Bompland, dizendo-o explorador e maluco. Uma trapalhada. Nem lhe falara em livro, em viagem, em estudo da flora brasileira. E por falar em flora, a Imperatriz era doida por botânica. Vivia pelo mato a estudar plantas.

- Sim - respondeu Bompland - a Imperatriz já falou sobre isso à minha senhora. Tornaram-se amigas.

- Pois quero que você fique meu amigo, meu caro Bompland. Hoje você vai jantar comigo.

- Oh! Majestade, que honra! Porém já tenho compromisso com o cônsul.

- Manda-se avisá-lo.

- E minha mulher?

- Será avisada também. Sossegue. Olhe. Meu caro Bompland, eu soube que você vai embarcar amanhã cedo. Não consinto que vá assim, sem fazer um estudo da nossa flora por conta do governo. Vários sábios o estão fazendo, você também o fará.

- Porém, Majestade....

- Não há porém, nem meio porém. Você fica. Eu o indenizarei das passagens compradas e lhe pagarei uns bons cobres pelo seu trabalho de naturalista.

E então o francês, maravilhado com tal acolhida, começou a querer bem esse extraordinário moço, que governava um Império tão grande como o Brasil. E também começou a compreender que, realmente, a terra de Santa Cruz dava tudo a todos. Era só questão de oportunidade.

Conversaram, passearam no parque, voltaram ao Palácio, e foram ao salão de jantar, onde, na melhor camaradagem, D. Pedro e o Chalaça faziam o francês rir das anedotas picantes, em que sempre entrava um frade português e uma modista francesa:

- Era uma vez - dizia o Chalaça - um frade do Carmo de Lisboa. Tinha o tal frade fama de santo. Chegando a paris, foi passear na rua Vivienne, e ali, por acaso, olhando para cima, viu num terceiro andar uma janelinha aberta, e por ela uma linda midinette mudando de roupa. E vai daí, piscando, benzendo, babando-se...

O Chalaça não pôde concluir porque, esbaforido, o criado do paço entrou e pediu licença para dizer que na ante-sala estava o Sr. cônsul francês, acompanhado de uma senhora, ambos insistindo desesperadamente para falar com sua Majestade ou com o Sr. Gomes, coisa de grande importância, assunto inadiável, urgente.

- Chalaça, vá ver do que se trata, - disse d. Pedro

O Chalaça foi e voltou, explicando:

- *É Madame Bompland que soube que o marido estava preso e veio com o cônsul reclamar a soltura do prisioneiro.*

- *Pois mande entrar aqui o Sr. cônsul e Madame. E você, disse ao criado, arranje nesta mesa mais dois lugares.*

Voltou o secretário com os suplicantes. Madame Bompland pasmou do que acabava de ver. Em vez do marido aprisionado, ali o encontrava, jantando e bebendo champanha com o Imperador.

Beijando o esposo, a francesinha balbuciou:

- *Meu querido Bompland, isto até parece sonho.*

- *Não é sonho não, Madame* - retrucou D. Pedro. *O meu amigo Bompland não embarca amanhã nem depois. Fica aqui, contratado pelo governo. E, além do mais, quero que ele seja um dos meus grandes amigos. Mandarei mobiliar a minha chácara da Tijuca para o Bompland. Está ouvindo, Sr. secretário?*

- *Amanhã mesmo tratarei disso* - respondeu o Chalaça.

D. Pedro convidou os dois novos hóspedes para sentarem, e depois, enchendo de novo a taça de champanhe, virou-se para Madame, nesta saudação sincera e quente:

- *Eu saúdo a França na pessoa do que ela tem de mais encantador: Madame Bompland. O Imperador*

do Brasil sente-se venturoso em saudá-la neste momento. Bebo à sua saúde.

Madame ficou pasma. Isso seria possível? Pois aquele mesmo homem que colocara na rua ao marido e a ela própria, agora, no Palácio, erguia uma taça de champanhe para saudá-la? Oh! como era estranho, agradavelmente incompreensível, esse belo príncipe, tão desigual; e tão cavalheiresco!

E o casal Bompland ficou no Brasil, magnificamente instalado na chácara imperial da Tijuca. E Bompland passou a ser um dos amigos diletos do Imperador.

Quando fazia suas incursões para estudos botânicos, o Imperador ia a Tijuca ouvir as palavras doces e sedutoras de Madame, que lhe servia invariavelmente um delicioso refresco em taça de finíssima matéria prima francesa.

E depois? Depois as más línguas taramelaram, o casal prosperou, e o Almirante Cochrane, em suas memórias ou narrativas, revelou bisbilhoteiramente a amizade de Madame com o Imperador, contando que ela, a linda e loura Margarida Bompland, casada com o sábio Aimé Bompland, tinha singulares oportunidades para se enfronhar... nos segredos de estado do galante monarca que foi o nosso Pedro I.



4 - Anna Steinhausen

No dia 9 de junho de 1828 houve no Rio de Janeiro uma verdadeira “Noite de São Bartolomeu”, em que o instinto sanguinário desembestou pelas ruas da cidade.

O alemão Eduardo Teodoro Bösche que era oficial de um dos batalhões revoltados, narra detalhadamente os acontecimentos no seu livro “*Quadros Alternados*”, assim traduzidos pelo erudito e apreciado cronista Hermeto Lima:

“Soldados alemães e irlandeses, contratados na Europa para servirem o nosso país, sendo cruelmente ofendidos pelos oficiais que os dirigiam, não puderam mais suportar tais vexames.

Esses soldados levavam uma vida verdadeiramente anárquica. Não se respeitavam entre si, tratavam-se por tu, bebiam e jogavam juntos.

No calor das libações alcoólicas, injuriavam-se, acusando-se mutuamente de todas as infâmias, insultavam-se, engalfinhavam-se.

Mas, quando um soldado raso saía vencedor da contenda com um oficial, este se desforrava, infligindo-lhe, sob pretexto de uma falta qualquer,

muitas vezes imaginária, castigos atrozes, como cem, e até duzentas vergastadas.

Esses castigos corporais, a que todos passivamente se submetiam, eram aplicados em virtude de uma simples denúncia, sem inquéritos nem averiguações.

Praticavam tais barbaridades, que, muitas vezes, os soldados morriam após as chibatadas recebidas. Muitos soldados alcoolizavam-se, a fim de que a morte os levasse mais depressa. Outros suicidavam-se a fim de pôr termo aos seus tormentos.

Havia um oficial saboiano que era um verdadeiro algoz para os subalternos.

Um outro instigava os praças ao roubo dos estabelecimentos, cuja guarda lhes confiava o governo.

Às vezes, provenientes desses roubos, os soldados levavam para o quartel barris de vinho e aí, com os oficiais, faziam verdadeiras orgias, finalizadas com rixas, e até mortes.

Em quantidade fantástica, os mosquitos, as pulgas, os percevejos, e até os ratos não deixavam os pobres militares, nos infectos quartéis, repousarem o necessário, expulsando-os dos seus leitos, que consistiam de esteiras estendidas sobre o chão.

Para dominar o tédio da monotonia da noite, eles se divertiam bebendo e jogando como entendiam.

De manhã piorava a situação deles. Levantavam-se às quatro horas e almoçavam às dez, um único prato de sopa de feijão carunchado.

Às duas da tarde, tomavam uma sopa de arroz, feita simplesmente com água, sem gordura e sem sal, e um pedaço de carne seca.

Os exercícios interrompidos de manhã, recomeçavam, depois do jantar, às duas horas, e terminavam à noite, voltando os pobres soldados completamente exaustos para o quartel.

Era, como se vê, uma situação desesperadora.

Para saírem daquele inferno usavam de mil recursos, entre os quais o mais comum era a deserção do serviço pelo suicídio, quando não podiam fugir do Rio.

Os que conseguiam fugir eram facilmente presos e barbaramente castigados. Mal porém as feridas das chibatadas cicatrizavam, fugiam novamente, às vezes em bandos, armados de fuzis, constituindo verdadeiras quadrilhas nas estradas.

O governo mandava patrulhas armadas procurar os fugitivos, estabelecendo-se verdadeiros combates. Os que conseguiam escapar das batalhas, embrenhavam-se pelas matas da Tijuca e, às vezes, morriam de fome na grande floresta.

Durante o tempo do aquartelamento do nosso batalhão na Fortaleza da Praia Vermelha, diz Eduardo Bösche no seu livro, fomos freqüentemente honrados com a visita de suas Majestades Imperiais.

Ao romper do dia, entrava D. Pedro a cavalo pelo portão da fortaleza, acompanhado pela esposa e alguns cortesãos.

Não há talvez soldado algum que saiba, melhor do que D. Pedro, o manejo das armas, o exercício da carabina. Os soldados nunca a sabiam manejar convenientemente.

D. Pedro, então, pegava uma espingarda, fazendo exercício junto com eles. Executava magistralmente todos os lances, obrigando veteranos que tinham estado a serviço de seus países a reconhecerem que nunca haviam visto pessoa mais exímia no manejo de armas do que esse Imperador.

Era, porém, destituído de maneiras, sem sentimento algum de conveniências. De uma vez eu o vi galgar o muro da fortaleza para satisfazer uma necessidade natural, e, ainda arranjando as calças, ordenou que o batalhão desfilasse diante dele.

D. Pedro tratava os soldados alemães com certa familiaridade, e estes sempre lhe pediam que lhes melhorasse o rancho.

Contínuas eram as brigas entre soldados alemães e brasileiros.

Em um domingo à tarde, espalhou-se o boato no 3º Batalhão de Granadeiros que dois alemães tinham sido mortos por soldados do 13º Batalhão de Caçadores, composto de tropa brasileira.

Imediatamente se reuniram alguns germânicos e verificaram ser o fato verdadeiro. No posto da Carioca tinham trucidado dois soldados. À vista dos corpos ensangüentados, os alemães juraram vingança.

Estava o comandante junto de sua amante e o oficial de dia, tenente Prah, em estado de embriaguez, quando os corpos dos soldados saxões chegaram ao quartel.

O tenente Prah, à frente de um grupo de patrícios, saiu para atacar o posto da Carioca, cuja guarnição era de doze homens e um oficial, sendo todos eles trucidados a golpes de baionetas pelos germânicos enfurecidos.

As coisas iam indo assim, quando, em fim de 1827, chegaram da Irlanda os soldados que o coronel Cotter fora aliciar.

Vieram todos andrajosos e trazendo consigo um séquito de prostitutas, o que produziu na cidade uma impressão muito desagradável.

Em pouco tempo esses soldados mostraram o que valiam. Roubavam e assassinavam

freqüentemente, espalhando o terror entre os habitantes do Rio.

Vendo-se ludibriados nas promessas que o seu incorporador, coronel Cotter, lhes fizera e que o governo brasileiro não cumpria, aumentaram o número dos descontentes.

A rebelião rebentou em 9 de junho de 1828. Às oito horas da manhã desse dia, foi um soldado irlandês condenado a 150 chibatadas por ter deixado de prestar continência a um oficial que se apresentara à paisana no quartel. Este soldado pertencia ao 2º Batalhão de Granadeiros, aquartelado em São Cristóvão.

- *Sr. Major*, - disse o soldado, recusando-se a tirar a camisa para receber as chicotadas, - *eu servi com dedicação o Imperador durante três anos e seis meses e nunca sofri castigo. Desejo que um Conselho de Guerra julgue o meu caso, e prefiro morrer fuzilado a ser chicoteado como escravo africano.*

Em vez de atendê-lo, o Major ordenou que o agarrassem e o despissem, e o amarrassem a um poste, dizendo, depois disso:

- *Em vez de 150 chicotadas, você vai tomar mais cento e cinquenta, trezentas ao todo: 150 por não ter prestado continência e 150 por ter protestado contra o castigo.*

O carrasco, impassível e inexorável, ia contando as chibatadas. Quando chegou em 230, o soldado

caiu morto. Nessa ocasião estrondeou no quartel um urro de selvagem protesto.

A tropa que estivera alinhada, dispersou, aos gritos de “Morra o tirano”, “Morra o carrasco”. Não houve soldado que não investisse de baioneta para o lado do major. Este, que estava a cavalo, desabalou em louca disparada para fora do quartel.

Os soldados, enfurecidos, saíram em seu encalço, chegaram à sua casa, mas o comandante, disfarçado em operário, já tinha fugido pelos fundos.

Irritados, os perseguidores quebraram tudo o que encontraram, deitaram fogo ao prédio, reduzindo aquilo a um monte de cinzas e de pedras.

Surgiu, nessa ocasião, outro oficial, o Major Benedito Theola, tentando apaziguá-los. Esse Major tinha fama de roubar parte dos soldos da tropa.

Mal acabou de falar, aos gritos de “Morra o ladrão”, era ele estraçalhado a pontações de baioneta”.

E assim começou essa famosa revolta.

Acalmados com um recado do Imperador, transmitido corajosamente pelo capelão da tropa, a soldadesca formou-se sob o comando de um sargento, arvorado em capitão, e foram todos a São Cristóvão.

O Imperador recebeu a comissão de rebelados, ouviu todas as queixas e prometeu atendê-los. Voltaram os soldados aos quartéis e ensarilharam as armas. Todos os oficiais tinham fugido.

Passados dois dias, os soldados já se impacientavam. Dirigiram-se ao centro da cidade, às onze da manhã do dia 11 de junho, uns quatorze homens do 2º Batalhão de Granadeiros, com o fim de prender o comandante que dera motivo ao movimento.

Conseguiram vê-lo, foram ao seu encalço, mas o homem, que era ágil, e já escapara uma vez, conseguiu fugir e esconder-se em um posto policial guarnecido de tropas brasileiras.

O posto foi assaltado, mas o comandante conseguiu escapular mais uma vez. Saquearam e queimaram a segunda residência do oficial.

Cerca de oitenta irlandeses reuniram-se ao grupo de quatorze alemães. Voltaram novamente para o quartel, embriagados pela pinga que iam bebendo pelas vendas do caminho.

Chegando ao quartel, arrombaram o paiol, e cada homem se muniu de cem cartuchos. Sedentos de sangue, conseguiram descobrir o esconderijo de alguns oficiais, que foram mortos a coronhadas.

Invadiram as casas de família, mataram os seus donos, e carregaram ou destruíram os objetos que encontraram.

Exterminaram até velhos, mulheres e crianças. Agarravam moças e meninas, que eram violentadas impiedosamente, e as que resistiam eram assassinadas”.

A esse batalhão desenfreado, vieram reunir-se outros batalhões de estrangeiros, e a carnificina começou com mais fúria. Em um posto policial do campo da Aclamação, assassinaram seis soldados brasileiros, e queimaram o prédio.

No caminho do Aterrado, um soldado, depois de violentar uma menina de oito anos, espetou-a numa lança e levantou-a no ar, no meio dos risos e chacotas dos outros.

Na Rua dos Ciganos, outro soldado saciou seus instintos bestais numa senhora casada, e, ao verificar que ela estava grávida, arrancou o sabre, dizendo-lhe ter curiosidade de reparar bem como se achava na barriga uma criança antes de nascer. E, abrindo-lhe o ventre, dali arrancou o feto, que mostrou rindo aos comparsas dessas loucuras.

Na rua do Carmo, invadiram a casa de um sexagenário, e, ante o protesto do velho contra o estupro de suas duas filhas solteiras, mataram-no a coronhadas.

O Rio de Janeiro tomou o aspecto de uma cidade morta. Todas as famílias se fecharam em casa, a sete chaves, e as que tiveram tempo refugiaram-se nos morros, abandonando seus haveres para só cuidar da vida.

Igrejas, casas comerciais, residências familiares, tudo fechado. Os revoltosos, bem armados e em número de cerca de 2.000, foram senhores da capital do Brasil durante três dias.

No dia 12 de junho, com a notícia dos preparativos de guerra das tropas que ficaram fiéis ao governo, os batalhões revoltosos aquartelaram-se no Campo da Aclamação, esperando o ataque do exército brasileiro.

O imperador, em pessoa, dirigiu o combate contra os batalhões estrangeiros.

No campo da Aclamação, entrincheirados, os alemães, ingleses, suíços e italianos, defendiam-se ferozmente contra os ataques dos brasileiros, constituídos por um grupo de artilharia a pé, dois batalhões de caçadores, dois esquadrões de cavalaria, 200 soldados de polícia e cerca de 1.000 paisanos armados, entre os quais 50 frades de diversas congregações e mais de 100 padres e estudantes.

A batalha foi encarniçada e quando acabou a munição dos revoltosos, estes resolveram arvorar a bandeira branca. Sem um único cartucho, famintos, exaustos pelo combate, os batalhões estrangeiros renderam-se.

Nessa batalha, morreram, da parte do exército nacional, 97 soldados de infantaria e 23 de cavalaria e ficaram feridos entre paisanos e militares, 180 combatentes brasileiros.

Os estrangeiros, metralhados pela artilharia e fuzilaria, tiveram 240 mortos e 300 feridos. Por aí se vê como foi encarniçada e sangrenta esta batalha, iniciada e terminada no Campo da Aclamação e adjacências.

O erudito tradutor de Teodoro Bösche, de quem tiramos esta narrativa, exclama que no fim de tudo era preciso encontrar um Cristo para crucificar, e que esse Cristo foi o soldado alemão Augusto Steinhaussen, fuzilado em 16 de dezembro de 1828, em São Cristóvão, num lugar próximo ao Palácio do Imperador, na presença de toda a guarnição e de um destacamento de 50 soldados revoltosos, desarmados.

Teodoro Bösche descreve assim esse fuzilamento:

“No dia em que se procedeu à execução, os arredores da enorme praça estavam cheios de curiosos. O condenado marchou com passo firme e ao som de um tambor coberto de crepe, despedindo-se dos companheiros de armas e acenando-lhes com um lenço branco.

Pediu, quando o destacamento se preparava para fuzilá-lo, que o deixassem comandar a voz de - Fogol... Concedido esse favor, pronunciou com voz firme a palavra fatal e, ao pipocar dos tiros, caiu fulminado por dez balas. Foi enterrado no Cemitério dos Ingleses.

Outros soldados, condenados às galés perpétuas, pediram para serem também fuzilados, e não o

conseguindo, apedrejaram um general, aos gritos de “Morra o Imperador!”.

Augusto Steinhausen era tido como um rapaz direito. Fora acusado de ter maltratado um oficial austríaco, que chegou ao oficialato superior por meio de indignidades e calúnias.

Na ocasião da revolta, tendo esse oficial caído nas mãos dos soldados que pretendiam vingar-se, Steinhausen, depois de tê-lo livrado desse perigo, deu-lhe fuga dizendo-lhe:

“Escuta, miserável. Perseguiste-me de todos os modos, ofendeste a minha honra. Se fosses um homem digno, convidar-te-ia para um duelo, e te mataria como se mata um cão. Mas és tão indigno, que não mereces a morte nas mãos de um homem de bem. Foge daqui, cachorro, antes que os outros te estraçalhem”.

Terminada a revolta, esse capitão denunciou Steinhausen, soldado de 16 anos, como cabeça da revolta, e arranjou dois alemães revoltosos com promessa de protegê-los, para jurarem que isso era verdade.

Daí, a escolha do jovem e valente Steinhausen para bode expiatório da revolta.

Agora, a tragédia íntima dessa dolorosa página da História do Brasil.

Anna Steinhaussen Schuch, esposa de Roque Schuch¹², bibliotecário da Imperatriz do Brasil, era filha de Marcelo Bladisky e Rosa Steinhaussen.

Em 1814 esteve no Brasil com o pai, que viera a serviço secreto do príncipe de Metternich.

D. Pedro, rapazola ainda, conheceu-a e com ela teve relações amorosas, embora ambos fossem muito jovens.

Ingressando no serviço de Maria Luiza, no Palácio de Schoenbrunn, ali a foi buscar para esposa o bibliotecário de D. Leopoldina.

O filho daquele primeiro amor foi criado ignorando a sua paternidade. Vindo ao Brasil com 14 anos, procurou a mãe, e, apresentado ao marido dela

¹² Roque Schuch era um homem de grande inteligência e cultura. Diplomado em Filosofia e Direito pela universidade de Viena, acompanhara a Princesa Leopoldina ao Brasil, deixando na sua terra uma linda noiva: Anna Steinhaussen Bladisk, dama de serviço da Arquiduquesa Maria Luiza, ex-imperatriz da França. Roque voltou à Áustria para se casar e, em 1817, instalou-se, com a linda mulher, no Palácio de São Cristóvão, como bibliotecário de D. Leopoldina. Essa linda austríaca foi amante de D. Pedro I, de quem teve um filho de nome Augusto, fuzilado aos 16 anos como rebelde. Um memorial existente no castelo d'Eu faz referência a esses amores.

como filho de uma parenta, resolveram pô-lo no exército, aumentando-se-lhe a idade.

Contava o bibliotecário com a proteção da Imperatriz, para as promoções do rapaz. E a mãe depositava suas esperanças no Imperador.

Verificada a revolta, o jovem Augusto Steinhaussen foi denunciado como instigador do movimento. Era quase uma criança. O Imperador assistiu ao julgamento.

Valente, destemido, ardoroso, portou-se diante do “Tribunal Marcial” com a coragem de um verdadeiro herói. Interrogado pelo general Álvares, respondeu:

“Entrei na revolta e gritei contra o sistema de se surrarem com rebenques soldados do exército brasileiro ao qual eu pertencia. O capitão Kaufmann perseguia-me porque tentara levar-me para o seu leito e, apesar de simples soldado, dei-lhe uma bofetada como resposta. Não reagiu logo, mas foi aos poucos perseguindo-me, e não fosse a proteção que me dispensava a Imperatriz, já teria eu levado as vergastadas usuais no batalhão.

Feito prisioneiro pelos soldados que iam matá-lo, ajoelhou-se o capitão Kaufmann a meus pés e, em pranto, pediu-me por tudo que me era sagrado, que lhe salvasse a vida.

Enojado de tamanha covardia, achei que esse homem não era digno de morrer nas

mãos de valentes como éramos nós. Mandei-o embora, dei-lhe a fuga que me implorava tão covardemente.

Os juízes deste Tribunal deram crédito a um capitão sem brio e sem dignidade. Muito bem, sou apenas um adolescente, mas já sou um soldado do exército brasileiro que se revoltou contra a barbaridade dos costumes militares. Querem uma vítima para exemplo? Aqui estou eu, o mais jovem dos revoltosos. Condenem-me, morrerei como um soldado brasileiro!”

Essa linguagem escandalizou todos os presentes, menos o Imperador, cujos olhos se encheram de lágrimas. Ele já sabia que aquele menino era seu filho, sangue de seu sangue.

O Ministério, composto de Miguel Calmon, Teixeira de Gouveia, Pedro de Araújo Lima e Bento Barroso Pereira, fazia questão do fuzilamento daquele rapazola, que afrontava o governo com suas palavras, depois de ter pego em armas como revoltoso.

Havia testemunha de que ele, apesar de criança, fora o chefe? Pois, para o castigo, ficasse como chefe.

O Conselho de Guerra ia decidir o veredictum. D. Pedro inclinou-se ao ouvido do Ministro da Guerra, presidente do Conselho e cochichou:

- Absolvam o rapaz.

O Ministro da Guerra empalideceu e baixou os olhos. D. Pedro retirou-se para o Palácio de São Cristóvão.

O Conselho de Guerra, em vez de absolver, condenou o jovem Steinhaussen a ser fuzilado.

Às três horas da tarde de 15 de dezembro, o Ministro da Guerra, acompanhado de quatro generais de terra e mar, e de outros Ministros de Estado, levou a sentença para D. Pedro assinar.

O Imperador inquiriu, aflito:

- *Por que não o absolveram?*

- *Majestade, - disse o Ministro da Guerra, - ele se confessou chefe e com uma arrogância sem limites, desrespeitou o próprio Conselho de Guerra, insultando a um oficial do exército, na presença desse Conselho e de Vossa Majestade. É preciso puni-lo. O povo se revoltará no Brasil inteiro se se perdoar a esse rebelde. Lembre-se Vossa Majestade que morreram numerosos soldados brasileiros, e dezenas de lares foram conspurcados. Lembre-se V. M. que a anarquia, o roubo, o estupro, o incêndio, campearam nos dias da revolta.*

Em seguida, Araújo Lima, o futuro regente do Império, insinuou:

- *Majestade, é preciso pôr de lado as razões do coração para atender às razões de estado e à salvação pública. Vossa majestade é o juiz*

supremo do povo brasileiro e o povo brasileiro exige justiça, exige o castigo sumário e rápido do chefe dos rebeldes que espalharam o sangue e a desonra na capital do Império. Lembre-se V. M. que Brutus, cônsul romano, condenou o próprio filho à morte, por ter atentado contra a ordem pública, e que o Imperador Constantino condenou a esposa e o filho pelo mesmo motivo.

D. Pedro, sofria, atormentado. Pôs as mãos na cabeça. Seus ministros e os generais que representavam o exército brasileiro, cercaram o Imperador. Este ainda com os olhos cheios de lágrimas, sancionou a sentença de morte.

No dia 16 de dezembro, ele procurou, às seis horas da manhã, o jovem Augusto Steinhausen e disse-lhe:

- Somente anteontem fiquei sabendo que você é meu filho. Vim trazer-lhe a minha bênção. Como pai, eu lhe perdoei os crimes de perturbador da ordem e do sossego público e como Imperador eu o condenei à morte. As razões de estado são superiores às do coração. Sua mãe quer abraçá-lo.

Augusto virou-se e viu entrar o vulto de uma mulher vestida de preto. Atirou-se ao seu encontro e ambos choraram.

Pedro I, encostando-se na grade da prisão, soluçava. Depois, o Imperador e a mulher do bibliotecário da Imperatriz saíram juntos.

Augusto Steinhaussen levantou a cabeça e murmurou:

- Juro-lhe, meu pai, que saberei morrer como filho de rei.

Orgulhoso e destemido, cumpriu a palavra, comandando a voz de fogo do pelotão que o fuzilou.

No dia seguinte, apareceu no palácio o Ministro da Guerra, Bento Barroso Pereira. Tinha sido o presidente do Conselho de Guerra.

D. Pedro olhou para cima da mesa onde se achava o seu habitual chicote de cabo de ouro. Tomou-o na mão direita, avançou para o Ministro da Guerra e meteu-lhe o chicote na cara, bramindo:

- Você sabia que Augusto Steinhaussen era meu filho e condenou-o à morte...

- Senhor, cumpri o meu dever! - disse o Ministro da Guerra.

O Imperador reagiu:

- E eu agora estou cumprindo o meu dever de pai, depois de ter cumprido o de Imperador.

- Majestade...

- Suma daqui, canalha...

Nisto, afobado, entraram os outros ministros, Calmon, Teixeira e Araújo Lima.

Araújo Lima, o mais respeitável, protestou:

- *Majestade, comporte-se como Imperador do Brasil.*

D. Pedro investiu para ele, e com um sopapo atirou-o pela janela. E, aos berros, expulsou todos eles.

- *Já para fora, já para fora, todos demitidos, cães sanguinários!*

E caiu no solo, hirta e espumando, numa crise de epilepsia.

No outro lado do palácio, no oratório da Imperatriz, a esposa do bibliotecário Roque, rezava, soluçante, pela alma do condenado, do seu querido e inesquecível Augusto.



5 - Maria Joana¹³

Diogo Antonio Feijó, um dos mais notáveis brasileiros que, como regente, teve o destino do Brasil em suas mãos, mal chegara à sua cidade natal, Itu, fora informado de que o capitão-mor dessa cidade recebera instruções reservadas que lhe diziam respeito. Procurou, desde logo, o capitão-mor, que era seu velho e devotado amigo.

- *Então, meu caro Taques, há coisas a meu respeito?*

- *Na verdade, meu padre, não lhe deveria dizer nada. Mas, os amigos são para essas ocasiões. Aqui está a portaria reservada, com data de 11 de janeiro deste ano da graça de 1823, em que o Ministro José Bonifácio me dá ordens, em nome de Sua Majestade, para vigiar o anarquista padre Feijó.*

- *Vamos ver essa bobagem, meu capitão-mor.*

Em seguida, abrindo vagarosamente os óculos acavalou-os no volumoso nariz e, depois de

¹³ Melo Moraes, em uma de suas crônicas, conta o caso de um capitão do exército que entregara a filha ao Imperador por 20:000\$000. No panfleto “A Matraca”, João Batista de Queiroz explicou, com pormenores, esse caso repugnante, dizendo o nome do pai, o da moça, e o do marido, pois a moça se casara depois da sua aventura.

aspirar uma boa pitada de rapé carioca, leu o aviso reservado do Ministro do Império, o famoso José Bonifácio. Terminada a leitura, chamou a atenção do capitão-mor.

- *Veja só esta coisa, preste atenção nesta bobagem.*

Espirrou duas vezes, assoou o narigão carnudo no seu grande lenço de chita inglesa, e leu em voz alta:

“... vigiar por todos os meios ocultos, conservar debaixo da maior vigilância o padre Diogo Antônio Feijó, ex-deputado das Cortes de Lisboa, por ser constante que ele, aos sentimentos anárquicos e sediciosos de que é revestido, une a mais refinada dissimulação, da qual, sem dúvida, resultará grande prejuízo à tranqüilidade e união dos povos dessa comarca, se não se empregarem todas as cautelas na sua perniciosa influência...”

- *Veja você, seu Taques, que estupidez chamarem o padre Feijó de anarquista... Coisas desse sabidão do Zéca Bonifácio. Graças a Deus que já nos chegam rumores de que o bicho está para ir pr'os infernos com um pontapé da Domitila. Olhe, você pode me dizer quem lhe entregou esse aviso?*

- *Foi o capitão Marcelino. Ele deve regressar para a Corte amanhã cedo. Já providenciei sobre os animais e já lhe entreguei o meu ofício, em que participo que o “anarquista” está bem vigiado.*

O capitão Marcelino era hóspede do capitão-mor. À noite, Feijó foi procurá-lo.

- Desculpe, Sr. Capitão Marcelino, se vim incomodá-lo. Sei que o senhor é oficial da guarda de sua Majestade e veio a esta província em missão política.

- Oh! Quem lhe disse?

- Não se trata disso. Escrevi uma carta para Sua Majestade sobre assunto que deve interessar à marcha dos negócios políticos e peço-lhe o favor de entregar essa carta pessoalmente nas mãos de D. Pedro.

- Pois sim.

Cerca de trinta dias depois, D. Pedro tomando café em casa da Marquesa, soube por esta que o capitão Marcelino acabava de chegar de Itu, trazendo um ofício do capitão-mor Taques, dirigido a José Bonifácio, e uma carta reservada do Padre Feijó ao Imperador.

D. Pedro, curioso por saber o que poderia ter escrito reservadamente esse diabólico padre paulista, apressou a despedida, e, acompanhado do tenente Canto e Melo, irmão de Domitila, foi passar pela casa do portador da correspondência anunciada pela amante.

Depois de meia hora de cavalgada, o monarca parou diante de uma modesta casa, no bairro do

Catete. Bateu à porta. Surgiu a cara carvoenga de uma escrava, perguntando quem era.

- *O Imperador!* - respondeu Canto e Melo.

Houve um formidável reboião, um corre-corre azucrinado. Abriu-se a porta da sala, acendeu-se a candeia de azeite de peixe e logo depois, fardado, surgiu o capitão Marcelino com uma carta na mão:

- *Perdoe Vossa Majestade de não lhe ter entregue esta carta. O Padre Feijó me recomendou que só a entregasse nas mãos do Imperador e como eu soube que Vossa Majestade não estava no palácio...*

- *Vamos ver a carta, homem...*

Tomando o papel da mão do oficial, D. Pedro foi para perto da candeia e principiou a ler:

“Senhor. As minhas opiniões se fizeram públicas pelo pouco que disse nas Cortes de Portugal e elas, em suma, foram expostas no manifesto que apresentei a Vossa Majestade, nas mãos do seu Ministro, e, por infelicidade minha, S. M. não a leu, mas soube do seu contexto pela única informação do mesmo Ministro.

Este não se atreveu a censurar as ditas opiniões, apesar de opostas às suas; porque seria um despotismo, o mais cruel, querer obrigar todos a pensar como um só; mas foi o

bastante para ser julgado democrata, carbonário, etc., porque esta infelicidade acompanha a todo aquele que não quer o que o seu Ministro quer.

Se V. M. Imperial lesse aquele Manifesto me veria dizer que todas as expressões de V. M. na época de nossa revolução foram humanas, justas e desinteressadas, mas escapavam ao Ministro, algumas palavras que davam lugar aos inimigos da causa, e aos mesmos amigos da liberdade, a funestas reflexões.

Isto necessariamente não podia agradar ao Ministro; mas eu não fui fingido, disse o que entendia e sobre o que ouvia muitos queixarem-se, e pouco importava que V. M. também o soubesse.

Eu, analisando Constituição de Portugal, declarava francamente o que nesta me parecia de bom e de mau.

Eu declarei o meu sentimento contra o poder absoluto, e nisto parecia contrário a V. Majestade; mas, como não o julguei indispensável para ornamento do trono e sendo a Constituição feita para os povos, nunca me persuadi que o imperante tivesse poucas atribuições, sendo as necessárias para bem governar.

Estarei errado, mas ao menos muitos sábios têm errado comigo; nem julguei ser crime manifestar com franqueza os meus sentimentos

quando outros, também dizem o contrário francamente.

E julguei de meu dever dar a entender a V. M. o voto geral do Brasil, ao menos de minha parte, visto que parece de propósito se ter querido ocultá-lo a V. M., para estabelecer uma Constituição, segundo o entender dos nossos sábios, mas decerto pouco acomodada à opinião dos povos.

Eu descobri naquele manifesto o meu pensamento sobre o governo e assim expus em geral os meus sentimentos com a sinceridade e franqueza que caracteriza o mesmo manifesto, sem me importar com a contradição em que se encontrava com os planos e projetos do Ministro.

Senhor, se sou criminoso por minhas opiniões, elas são o que acabo de expor; ao que me animei pela liberdade de pensar e de escrever que tem cada um, direito que V. M. tantas vezes nos tem prometido garantir”.

Ao acabar esta leitura, D. Pedro dobrou a carta e a entregou ao tenente Melo:

- Leve isto para sua irmã Domitila ver como esse padre paulista é malcriado e insolente...

Levantou-se para sair e, de repente, estirou-se de novo no canapé donde se levantara um momento antes. Seus olhos, grandes e negros, fixaram-se sobre o talhe esbelto de uma linda e sedutora

moreninha que acabava de entrar na sala com uma bandeja de xícaras de café.

- *Vossa Majestade*, - foi dizendo a mocinha - *por certo não me recusará o prazer de aceitar uma xícara de café que eu mesma fiz...*

- *Oh! com prazer, dona...*

- *Maria Joana*, - disse ela, sorrindo.

- *Maria Joana*, - repetiu todo derretido o Imperador.

- *É minha filha* - explicou o capitão Marcelino Ferreira Sodré.

- *Sua filha? Meus parabéns... é realmente encantadora.*

- *Bondade de Vossa Majestade...* - exclamaram ao mesmo tempo pai e filha.

Depois do café, D. Pedro I disse ao seu ajudante de ordens que fosse embora, pois ele ficaria mais algum tempo em palestra com o capitão e a filha.

O Imperador voltou no dia seguinte e repetiu a conversa da véspera.

Na terceira vez, o capitão disse-lhe francamente, numa rudeza repugnante:

- *Meu Imperador e meu Senhor, já compreendi perfeitamente, e minha filha também, as intenções*

de Vossa Majestade. O monarca de um Império tão grande como o Brasil não pode estar perdendo o seu precioso tempo em galanteios com as suas vassalas...

- Então isso quer dizer que convida o seu Imperador a retirar-se de sua casa?

- Pelo contrário, Majestade, isso quer dizer que lhe peço e imploro não perder mais tempo na conquista de Maria Joana. Ela é sua. Pode levá-la, se quiser, ou ficará aqui para ser conversada como for da vontade do meu Imperador...

- Isso quer dizer que...

- Que lhe entrego minha filha...

- Oh! que coisa desajeitada.

- Pelo contrário, a coisa está muito bem ajeitada. Pão, pão, queijo, queijo... Vossa Majestade quer a minha filha, deseja-a como quem deseja uma fruta. Poderia, se fosse qualquer outro, comprá-la pelo casamento, se não fosse príncipe. Casado, e de sangue real, aí a tem, porém sob condições.

- E em que condições você me entrega a sua filha?

O capitão Marcelino pensou um instante e disse vagarosamente:

- Vinte contos de réis no ato da posse; e mais tarde um bom casamento, arranjado por V. Majestade.

D. Pedro chamou Maria Joana e perguntou-lhe de chofre:

- *Está de acordo, menina?*

Respondeu Maria Joana:

- *Estou de acordo, porém tenho um complemento a essas condições impostas por meu pai.*

- *Que é que você quer?*

- *Além dos vinte contos de réis para meu pai, quero, para mim, um anel de brilhante bem bonito, um belo vestido de noiva, um enxoval comprado na casa Wallestein da rua do Ouvidor, e quero mais que o noivo seja oficial da guarda de Vossa Majestade.*

O Imperador estrondeou numa gostosa gargalhada.

- *Oh, você, seu capitão Marcelino, me saiu um grande pândego. E sua filha é uma apreciável menina bem sabida.*

Pensou um pouco e virou-se para o pai:

- *Está fechado o negócio. Dê-me aqui uma folha de papel, pena e tinta.*

Recebendo o papel, a pena e o tinteiro, escreveu apressadamente:

“Ao tesoureiro do Império.

Mando e ordeno que, à vista desta, em dinheiro contado do país, por serviços prestados à Pátria, em caráter reservado, se pague ao capitão Marcelino Antero Ferreira Sodré a importância de R\$ 20:000\$ 000, que se levará a débito das despesas de dotação da Casa Imperial. E por ser essa a minha vontade soberana, cumpra-se imediatamente.

- Imperador”.

Entregou a ordem de pagamento ao capitão e, em seguida, atirando-se sobre a linda moreninha, carregou-a nos braços, embarafustou-se pela sala de jantar, entrou no primeiro quarto que encontrou, sem se lembrar de correr o ferrolho da porta.

Na noite desse dia, Sua Majestade o Imperador não apareceu nem no Palácio onde o devia esperar a Imperatriz, nem na residência de Domitila, que também o esperou em vão.

No dia seguinte, Maria Joana recebia um belo anel de brilhante e uma ordem do Imperador para, por sua conta, escolher um enxoval de casamento na famosa casa Wallestein & Cia., da rua do Ouvidor.

Quatro meses depois, um lindo cortejo nupcial subia as escadarias da Igreja da Candelária. O noivo, garboso capitão da guarda imperial, chamava-se Antônio Correa Seara, futuramente general; e a noiva linda, contente, risonha, orgulhosa, quem seria ela? Apenas a cativante Maria Joana, digna filha do capitão Marcelino.



6 - Madame de Saturville

Monsieur Lucien Saturville¹⁴ em pouco tempo se tornou um dos mais populares negociantes de jóias da rua do Ouvidor, rua essencialmente francesa pela quantidade de negociantes franceses e modistas francesas que aí se aboletavam.

Diziam as más línguas que Lucien não era batizado e não comia carne de porco nem por um decreto de Deus Padre.

- *Ele é da lei de Mafoma*,¹⁵ - asseveravam as comadres.

Nada disso, porém, era verdadeiro. O francês era simplesmente, como quase a totalidade dos joalheiros dessa época, um refinadíssimo judeu.

Velhusco, já na casa dos setenta anos, baixo e barrigudo, coxo, cego de uma vista, usando uma longa cabeleira postiça que lhe escondia a cabeça pelada, uns fiapinhos de barba no queixo pontiagudo, esse francês tivera a habilidade de arranjar para esposa a mais formosa filha de Paris.

¹⁴ Em carta de 14 de junho de 1829, o marquês de Barbacena se refere aos amores de D. Pedro I com Madame de Saturville.

¹⁵ Maomé (NE)

Imaginem essa monstruosa figura em idílios com uma parisiense de 18 anos, loura, olhos azuis, pele macia e leitosa, dentes perolados em duas fileiras e alegre como um passarinho.

Lucien alugara a casa assobradada no 32 da rua do Ouvidor, duas portas no andar térreo, e três janelas no sobrado. Em cima, as rótulas pintadas de azul escuro, não deixavam o transeunte divisar sequer a sombra daquela linda avezinha gaulesa ali engaiolada pelo ciúme do avaro judeu.

Todo mundo falava, por ouvir dizer, da beleza estonteante de Madame Saturville. Mas ninguém conseguia vê-la, porque ela vivia fechada a sete chaves.

O responsável por esse falatório de beleza era o cônsul francês, que, de vez em quando, conseguia a graça de uma espiadela furtiva, nos dias em que almoçava com o joalheiro.

Uma tarde, D. Pedro, acompanhado do Chalaça, do Plácido e do João Pinto, seus amigos inseparáveis, procurava na joalheria de Lucien um broche para um presente, quando, sem mais aquela, se ouviram gritos angustiosos que vinham do sobrado. O francês enveredou pela escada acima, acompanhado pelos circunstantes.

A confusão e o terror se estampavam no rosto de duas escravas e de uma mulherzinha que berrava a valer, correndo de um lado para outro. Era um princípio de incêndio que lavrava nos aposentos do judeu Lucien.

Corre para lá, corre para cá, baldes de água sobre baldes de água e o fogo foi vencido. Restabelecida a calma, o francês pôde fazer a apresentação daquele amável imperador que, como um improvisado bombeiro, ali prestara o seu serviço de extinção do fogo que começara a devorar o reposteiro do quarto de Madame e chamuscara o colchão do leito do casal.

- *Ma chérie Regine, mon grand ami l'Empereur du Brésil... le magnifique vainqueur du feu...*¹⁶

E virando-se para D. Pedro, indicou com o dedo a bela Madame Saturville:

- *Regine, ma femme, une inestimable perole...*

Cumprimentaram-se os dois, o gavião e a rolinha.

Logo depois Regina servia ao monarca um cálice de açúcarado “Pierpermont”. D. Pedro pôde então apreciar os encantos da francesinha, encantos que realmente eram de atordoar até um casto São Francisco de Assis.

Feito assim o conhecimento pessoal, o Imperador delirava por uma ocasião oportuna para a conquista da bela, mas essa não aparecia.

Afinal, um dia o intendente de polícia descobriu que o judeu Lucien era comprador de contrabandos.

¹⁶ Minha querida Regina, meu grande amigo o Imperador do Brasil... o magnífico vencedor do fogo... (NE)

Quando aportava na Guanabara qualquer navio da França, Lucien, à noite ia para o cais Pharoux e junto ao chafariz recebia o portador do contrabando.

E o intendente foi ao Palácio relatar o caso:

- *Então, Majestade, devo prender o francês em flagrante?*

- *Sim, pode prendê-lo.*

É de fato o monstruoso Lucien foi preso na noite seguinte, quando recebia das mãos de um marujo francês um contrabando de relógios.

Levado para o posto policial da carioca, foi revistado e autuado em flagrante. D. Pedro ceava ali perto com os amigos de costume quando soube da prisão do francês.

- *Boa ocasião, Chalaça, para se fazer uma visitinha ao engaiolado passarinho de Lucien - lembrou D. Pedro.*

- *Ótima!* - concluiu o Chalaça.

- *Mas, como se entrará lá? Pela janela não é possível!*

- *Pela porta, Majestade, pela porta. O guarda da Carioca deve ter inventariado tudo o que encontrou com o homenzinho. Deve estar lá a chave da porta. E, enquanto o judeu dorme no chão duro do posto policial...*

- *Bem lembrado. Vá buscar a chave.*

Chalaça saiu sorrateiramente, e dali a pouco regressava à Hospedaria com a chave da casa de Lucien.

D. Pedro desceu o sombrero nos olhos, envolveu-se nas dobras de sua capa espanhola, e recomendou ao Chalaça que desse ordem para não soltarem o francês.

No dia do princípio do incêndio. O Imperador ficara sabendo qual o quarto do casal. Abriu a porta, subiu, apalpando, a escada, e, chegando ao alto, divisou uma lamparina no desvão do corredor. A porta do quarto estava apenas encostada.

O Imperador apagou a lamparina do corredor, e, de mansinho, às apalpadelas, sentiu com as mãos a cama do casal e despiu-se, deixando cair com cuidado a sua calça e o traje exterior. Em seguida, deitou-se.

A francesa, meio acordada, suspirou:

- *Mon pauvre cochon... Vous êtes ici?*

- *Oui, ma petite chérie,* - respondeu em sussurros, com voz melosa, o atrevido Dom Juan imperial.

O que houve depois, ninguém sabe, e, quem o soubesse não seria capaz de fazer a descrição. O que é fato é que no dia seguinte o francês passava do posto policial ao xadrez da cadeia velha, a

polícia lhe arrumava um processo, e Madame de Saturville entrava com um requerimento de divórcio no Tribunal, sob a alegação de que o marido era um contrabandista e a conservara até então em cárcere privado. E dali bandeou-se para o antigo Hotel Pharoux, nas proximidades do Paço da cidade.

- *E Regina?* - inquiriu, aflito, o Sr. Saturville.

- *Ah! A sua Madame?*

O Chalaça coçou o queixo raspado, apertou a ponta do seu narigão de abutre, esboçou um longo sorriso.

- *E Regina?* - balbuciou o francês das jóias e relógios.

- *Pois bem, é condição sine qua non que Madame ficará por algum tempo aqui, e depois, pode ser que vá procurá-lo em Paris. Mas, por enquanto, é preciso e está resolvido que ela vai ficar e você, se não concordar com isso, tomará com dez anos de galés e confisco de sua loja. E então, meu querido Lucien?*

- *Ah! Sr. Conselheiro, Madame deve mesmo ficar* - balbuciou, choroso, o honrado e pacífico Lucien de Saturville.

E enquanto Lucien partia para Paris, Madame Saturville recebia de presente a loja do marido, comprada pelo Chalaça com o dinheiro de D. Pedro. E depois brilhou na sociedade carioca.

Em uma noite de baile no Paço, D. Pedro sussurrou para Madame de Saturville.

- Você se lembra daquela noite do contrabando, Regina?

E Madame de Saturville, escondendo com elegância um sorriso de inocência gaulesa detrás de seu leque aberto de plumas brancas, suspirou:

- Oh! se me lembro... Faz tão pouco tempo e já não há mais contrabando. Por que Majestade?

- Porque, minha querida, o contrabando não pode ser sempre... repetido assim. Repetido, é perigoso. Cansa e aborrece...

E riu-se, cinicamente, da indecente piada que fora ferir as susceptibilidades do coração da linda Madame de Saturville.



7 - Zindinha¹⁷

A rainha D. Carlota Joaquina era uma senhora realmente temível. Voluntariosa, irascível, iracunda, nem o próprio marido, El-Rei D. João VI, escapava de seus furiosos destemperos de atitudes e linguagem.

Odiando o Brasil, terra, no seu dizer, de bugres, negros e febres malignas, não perdia oportunidade para os seus vitupérios contra o país que a acolheu.

Ao regressar a Lisboa, antes de desembarcar, atirou nas águas do Tejo os seus sapatos de cetim, para que as solas desses sapatinhos não levassem para a sua nova residência nem um pouco da poeira da terra do Brasil.

Isso não a impediu, contudo, de se perder de amores por um brasileiro: Fernando Carneiro Leão. Este era, nesse tempo, o árbitro das

¹⁷ D. Gertrudes Pedra, casada com o elegante Fernando Carneiro Leão, foi assassinada às 9 horas da noite de 28 de outubro de 1820, quando, depois de assistir a uma procissão, regressava para casa com suas duas filhas. Melo Moraes, em sua crônicas, atribui a autoria do crime à rainha Da. Carlota Joaquina. Cipriano Barata e Estevão Grandome, panfletários da época, atribuem-na a D. Pedro, por motivo de seus amores com a sobrinha e afilhada de D. Gertrudes, de nome Adozinha, e apelido Zindinha.

elegâncias cariocas, príncipe da moda e Petrônio feliz, no dizer de Hermeto Lima.

Moço rico, inteligente, requestado pelas meninas e pelas donas nos salões elegantes, despertou em Carlota Joaquina um amor desesperado.

Nos desvãos do paço, quase sempre sozinhos nas janelas do fundo, às vezes nos aposentos reais, em pouco tempo os amores dos dois tornaram-se públicos.

O Fernandinho, como o chamava D. João VI, fora visto até em brigas e arrufos com a rainha. Certa vez, o Rei e o Marquês de Inhambupe passaram por uma sala, conversando sobre política, quando ouviram a voz alterada da rainha e o vulto de Fernando no desvão de uma grande janela, ambos mal escondidos pelo reposteiro de seda lavrada de Veneza.

Da. Carlota Joaquina, irritada, ameaçava de morte o amante. Ao ouvir a invectiva da esposa, o rei parou, aproximou os lábios aos ouvidos do amigo e murmurou:

- Deixemo-la; quando a rainha discute com o Fernandinho, se alguém a interrompe, a casa vem abaixo.

O jovem, rico, formoso e querido Fernando Carneiro Leão era casado com D. Gertrudes Pedra, distintíssima senhora, um oásis de

virtudes no oceano de vícios que era o Rio daquele tempo.

O casal tinha duas filhas, Guilhermina e Elisa, e uma sobrinha, Adozinha, apelidada Zindinha, filha de criação e adoção.

Essa boa e fidalga gente morava em uma bela e aprazível chácara, no lugar denominado Catete, junto a uma ponte de madeira que ficava no atual largo do Machado, por onde passava um afluente do rio da Carioca, que deságua no mar.

Carlota Joaquina era mulher capaz de tudo. Não coabitava com o esposo e, segundo o historiador português Benevides, era *“dissoluta, de costumes vis e baixos, e mais devassa e ambiciosa do que a esposa de Carlos IV”*.

Já em 1802, quando nasceu D. Miguel, na presença de vários diplomatas, D. João VI declarava que aquele recém-nascido não era seu, pois fazia dois anos que se separara corporalmente da esposa. Contudo, acrescentou o rei, para evitar escândalo, resolvia apresentar o pimpolho como filho.

Em 1805, a rainha mandara assassinar a mulher de um jardineiro de Ramalhão (Val de Milho), perto de Cintra, jardineiro que tinha sido seu amante.

Logo depois, mandou dar uma surra no Santos, moço da cavalaria, também seu amante.

Envenenou com uma xícara de café o intendente de polícia, Anastácio Lopes Cardoso, que recusou os amores da rainha por ter querido respeitar a honra conjugal do rei.

Mandou matar o Marquês de Loulé, em Salvaterra.

O Marquês de Marialva, pai de todos os filhos da rainha, com exceção da princesa D. Isabel Maria, escapou milagrosamente das furiosas diabruras da esposa de D. João VI.

Pois foi essa senhora que furtou o marido de D. Gertrudes Pedra Carneiro Leão.

No dia 26 de outubro de 1820 houve um tempo quente no Palácio. D. João reuniu o Conselho de Estado. Estava disposto a acabar com os escândalos da mulher e do filho. Queria mandá-los para Lisboa e ficar com o restante da família no Rio.

- *Mas isso não é possível,* - atalhou o seu conselheiro Tomás Vilanova.

- *Não consigo aturá-los mais.*

Em seguida, despedindo alguns ministros, conservou junto de si o mais íntimo e pediu-lhe que ficasse ali, pois iria receber naquele momento a mulher do Fernandinho Carneiro Leão.

A virtuosa e destemida D. Gertrudes entrou. Depois do cumprimento protocolar, D. Gertrudes abriu-se desta forma:

- Saiba V. M. que venho fazer queixas contra a rainha e contra o príncipe D. Pedro. A rainha, Senhor, perdeu o respeito até ao mais rudimentar princípio da moralidade, a ponto de ir de sege, pela noitinha, à minha casa, para carregar o meu marido e dormirem juntos. O príncipe D. Pedro, anteontem, raptou minha sobrinha e filha de adoção, reduzindo-a ao papel de comborça¹⁸. Enfim, Majestade, a esposa e o filho de um monarca virtuoso e justiceiro fizeram a desgraça de um lar que, antes de conhecer a família real, era feliz. O filho de V. M. teve o desprazo de dizer-me dentro de minha casa que será capaz de levar para onde quiser as minhas filhas Elisa e Guilhermina. Senhor, se o príncipe puser mais uma vez os pés na minha residência para atentar contra o pudor de minhas filhas, ou se a rainha for, à noite, de carruagem, procurar meu marido para levá-lo como amante, eu farei aquilo que os meus sentimentos de esposa e mãe vilipendiada o exigirem: matarei a rainha ou o príncipe com um tiro de garrucha.

No dia 27, o rei chamou D. Pedro e D. Carlota Joaquina, e verberando o procedimento de ambos, ameaçou-os com a sua autoridade e poder de soberano.

Nesse mesmo dia, apareceu no Palácio a formosa e jovem Zindinha Carneiro Leão dizendo a el-rei

¹⁸ Amante (NE)

que D. Pedro a raptara e agora a abandonara, e que a família dela não a receberia mais.

No dia 28 de outubro, D. Gertrudes, acompanhada de suas filhas Elisa e Guilhermina, foram ao centro da cidade acompanhar a procissão de N. S. das Dores, festa que os ourives faziam antes da Semana Santa.

Depois da procissão, às nove horas da noite, D. Gertrudes, ao descer da carruagem, em frente de sua casa, no Catete, recebeu um tiro de bacamarte, que a prostrou morta. O cocheiro reconheceu no assassino o mulato Joaquim Inácio da Costa, vulgo Joaquim Orelha, conhecido desordeiro.

Preso pelo intendente de polícia Paulo Fernandes Viana, confessou o crime, dando como mandante D. Carlota Joaquina. Em consequência dessa revelação o processo foi abafado.

E a formosa Zindinha, que fim teria levado, depois disso? Em 1830, disse um cronista, era ela “Madame Vandergh”, casada com um alemão, negociante de salsichas na rua da Vala, hoje Uruguaiana.

E, apesar de casada, criava em casa um rapazinho que lembrava os seus amores com o Imperador D. Pedro.

O gorducho Vandergh punha o filho adotivo no balcão e gostosamente dizia aos fregueses:

- Meus amigos, neste açougue se serve o freguês regiamente. Sim, porque este maroto do meu caixeiro é filho de rei... filho de D. Pedro I.

E gargalhava satisfeito.

Nessa mesma ocasião, Elisa e Guilhermina eram respectivamente Marquesa de Maceió e Viscondessa de São Salvador, e o Fernandinho se fizera o popular e respeitável senhor Conde de São José.



8 - Noêmia Valency¹⁹

Nem todos sabem que o general Osório, o valente cabo de guerra que encheu as páginas de nossa História com lances brilhantes, era um homem de espírito folgazão.

Desde moço, mesmo aos 16 anos, época em que se alistou no Exército, já o soldado, nos ócios da caserna, ouvia Calíope e dedilhava a lira, cheio de amores.

Recebera, é verdade, educação rudimentar. Nascido na vila de Conceição do Arroio, no Rio Grande do Sul, aos 10 de maio de 1808, aos oito anos estudava as primeiras letras na escola particular de um mestre, que, em Arroio, mantinha, de fêrula em punho, o cargo de desbravador de cérebros: esse era o sapateiro local Miguel Alves.

- *Excelente homem*, - dizia Osório, - *excelente homem, porém duvidoso mestre-escola e mau soletrador...*

Quando o sapateiro Miguel Alves nada mais tinha a ensinar ao trêfego e “inspirado” gauchinho,

¹⁹ Estevão Grandone, Cipriano Barata e Eugênio Monglave fazem referências aos amores de D. Pedro I com a francesa Noêmia Valency, dançarina do Teatro São João. Melo Moraes e Alberto Rangel repetiram essas referências.

coube ao tio e padrinho José Luiz Osório continuar os ensinamentos, que foram completados depois pelo capitão de Dragões Domingos José de Almeida, no Estado Cisplatino, onde se achava destacado Manoel Luiz Osório, pai do futuro herói.

Apaixonado pela mulher, que mais tarde se tornou sua esposa, fez-lhe muitos versos, entre os quais estes, aliás muito inspirados:

SUSPIRAR

Só vivo quando te vejo
Dia e noite penso em ti:
Ser nasceste para amar-me
Eu para te amar nasci.
Ausente dos teus encantos,
Sem teus lindos olhos ver,
Tudo me causa desgosto,
Nada me causa prazer.
O tempo curar não pode
As chagas que o amor abriu
Separar só pode a morte,
Corações que o Amor uniu.
Pavorosas, negras sombras,
Escondem o meu penar;
Em silêncio a dor me oprime
Meu alívio é suspirar...

Este poeta-soldado era também um delicioso humorista, de resposta pronta e apropriada. Certa ocasião, num baile oferecido a Osório, em regozijo

à sua eleição como senador, ao sinal de uma contradança chamada “Lanceiros”, então muito em voga e hoje esquecida, uma senhorita que se achava junto ao namorado, perguntou ao general, procurando fazer graça:

- *Oh! general, V. Excia. deve ser exímio dançarino de “Lanceiros”. Pois não foi um lanceiro no Paraguai?*

- *Dizem que sim. Manejei a lança, fui comandante de lanceiros, “dancei” lanceiros, ouvindo a música do canhão, e agora vem V. Excia., revivendo a saudade dos meus lanceiros, vai me dar a honra de ceder o seu braço, e verá que apesar de velho, ainda sou um “lanceiro”, dançando “Lanceiros”.*

A dama, desapontada, teve de deixar o braço do namorado e dançar com o general Osório. Este percebeu desde logo o desapontamento do seu par e, rindo-se, falou, baixinho, quase ao ouvido da moça:

- *A senhora me desculpe. Mas a guerra é assim: quando menos esperamos, o tiro nos sai pela culatra.*

Num canto do salão, o historiador, médico e deputado Alexandre Melo Moraes falava mal dos cortesãos, ajudado pelo jornalista Justiniano da Rocha.

- *Sabe quem é aquela dama do Osório?* - perguntou a Rocha.

- *A que dançou lanceiros com o general?*

- *Sim, essa mesma.*

Alexandre Melo Soares olhou para o rocha e disse-lhe sorrindo:

- *Aquela moça, meu caro, é uma neta da Noemia, dançarina do antigo Teatro São João.*

E vai daí, o indiscreto Melo Moraes, desembuchou a seguinte história:

“Em 1817, dançava no Teatro São João a francesinha Georgette. O príncipe desde logo a conquistou. E quando a irmã de Georgette, a bela Noêmia, estreou no palco, já o príncipe mudara de amores, deixando a irmã mais velha pela mais nova.

Noêmia foi mais esperta do que Georgette. Antes de se deixar conquistar, exigiu do seu Dom Juan doze contos de réis.

D. Pedro, ainda príncipe, com uma pequena dotação orçamentária, estando sem dinheiro, recorreu ao crédito.

Um negociante de escravos, Antônio Alves, por alcunha Pilotinho, emprestou-lhe os doze contos. E assim D. Pedro pôde atender às exigências da dançarina.

Chegando ao Rio no dia 5 de novembro de 1817, pouco depois D. Leopoldina foi procurada pela francesa do teatro São João, que lhe contou as diabruras do Príncipe.

Estava grávida de seis meses, confessara, envergonhada. A Imperatriz, condoída daquela pobre atrizinha que o donjuanismo de D. Pedro sacrificara, conversou com o sogro.

D. João VI, com a calma bonacheirona que o caracterizava, mandou chamar a dançarina Noêmia e pôs os pingos nos ii.

Dar-lhe-ia onze contos de réis, e a princesa daria um conto, para despesas do parto, e mais o enxoval da criança.

Além disso, o rei daria à dançarina um excelente marido, o Joaquim Fidelis, ao qual arranjaría, por isso, um emprego de 800\$ 000 por ano, o que, naqueles tempos era um ordenadão.

A dançarina aceitou o negócio. Teve filho três meses após a chegada da princesa e foi com o marido e a criança para Recife. Lá morreu o rebento pedrino, e o general Luiz do Rego, em pessoa, vindo ao rio, trouxe o pequeno corpo embalsamado, por ordem de D. Pedro.

Essa criancinha morta ficou no gabinete particular do príncipe até o ano de 1831, ano em que o regente Lima e Silva resolveu dar-lhe sepultura.”

- *De maneira que aquela dama que dançou lanceiros com o General Osório...*- obtemperou o Justiniano Rocha.

- *Aquela é Maria Elisa Valency Fidelis, uma das netas de Noêmia Valency, a dançarina do teatro São João e de Joaquim Fidelis, português da ilha Terceira. O pai enriqueceu no comércio de açúcar, em Pernambuco, e hoje é o Sr. Visconde de São Joaquim da Serra, título que lhe deu o governo de Portugal. Fidalguia portuguesa dos arames, meu caro Justiniano da Rocha - concluiu o velho e azedo deputado Melo Moraes.*



9 - Luizinha de Menezes²⁰

Trabalhadas previamente por agentes das Cortes de Lisboa, que tentavam recolonizar o Brasil, as tropas de Minas Gerais, aquarteladas em Ouro Preto, revoltaram-se contra a autoridade do Príncipe Regente, prontas para combaterem contra nossa Independência.

Ao chegar a notícia desse levante, chefiado pelo coronel José Maria Pinto Peixoto, não somente causou surpresa aos brasileiros, como ainda acirrou neles o descontentamento pela atitude dos portugueses do Rio, que se rejubilavam com o acontecimento.

O príncipe D. Pedro, na presunção de que sua presença na terra dos Inconfidentes de 1789 abafaria o fogo da rebelião, resolveu partir para Ouro Preto.

No dia 23 de março de 1822, no vasto salão do Paço da cidade, D. Pedro, em largas passadas, gesticulava sozinho, e, de vez em quando, parado diante de uma janela, espiava a praça fronteira.

²⁰ D. Mariana Amélia de Albuquerque, filha adotiva do general Severino de Albuquerque e filha natural da esposa desse militar, numa festa no Palácio das Mercês, em Lisboa, atribuiu, na presença de Pedro II, a sua paternidade ao primeiro Imperador do Brasil, conforme revelação que a mãe lhe fizera antes de morrer. Este caso, bastante escandaloso, foi muito comentado, segundo conta o desabusado Melo Moraes.

De repente, ressoou o trote de dois cavalos de sege. O príncipe olhou para fora e, em seguida, dirigindo-se para o Chalaça, que, arcado sobre uma pequena mesa escura, escrevia, no fundo do salão, disse-lhe:

- *Ai, chega o José Bonifácio. Mande entrar o Montenegro, o Alves e o Farinha.*

Pouco depois, D. Pedro, na mesa comprida da sala de despacho, ouvia as razões do Ministério.

- *Alteza, - dizia o venerando paulista da família andradina, - o momento pede atitudes rápidas e enérgicas. Posso garantir a Vossa Alteza que as tropas de Ouro Preto estão combinadas com as de São Paulo, da Bahia, de Montevidéu, do Pará e do Recife, para a re-colonização do Brasil e o regresso do príncipe a Lisboa. Mesmo aqui no Rio, os reacionários portugueses contam muitos oficiais da tropa de linha.*

- *Muito bem. Está tudo estudado e resolvido. Irei a Ouro Preto e deixarei as tropas em mãos de confiança. Irei a São Paulo e o mesmo farei lá; aqui, desde já fica o Ministro da Guerra autorizado a providenciar para pôr as tropas em condições de serem fiéis no momento do perigo. Agora, Dr. Bonifácio, leia o meu Decreto em voz alta.*

O ministro José Bonifácio procedeu à leitura, pigarreando e jogando perdigotos na cara do Ministro da Marinha, que, a seu lado, se expusera a essa metralha, conseqüente à falta de dentes do velho Andrada.

Eis esse Decreto lido por José Bonifácio:

DECRETO

“Tendo de ausentar-me, por motivos ponderosos, desta capital por mais de uma semana, e desejando que nesse tempo não cesse o expediente ordinário dos negócios, nem se deixem de tomar prontas providências acerca da segurança e tranqüilidade tanto pública como particular, dos seus habitantes, cuja felicidade desveladamente promoverei em todo o tempo; hei por bem que o conselho dos meus ministros e secretários de Estado continue nos dias prescritos e dentro do Paço, como até agora, debaixo da presidência do meu ministro e secretário dos Negócios do Reino, no despacho do expediente ordinário das diversas Secretarias de estado e repartições públicas, que será expedido em meu nome, como se presente fora, incumbindo-lhes outrossim de tomarem logo todas as medidas necessárias, que com urgência requererem a tranqüilidade pública e a salvação do Estado, de tudo o que me darão imediatamente parte para eu o aprovar e ratificar, pois confio da sua probidade, justiça e zelo pelo bem público, que nada obrarão que não seja conforme às leis existentes e aos sólidos interesses da razão do Estado.

O Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessários. –

Paço em 23 de 1822 (com a rubrica de S. A. R. o Príncipe Regente),

José Bonifácio de Andrada e Silva.

“Cumpra-se e registre-se, e se passem as ordens necessárias. –

Paço, 25 de março de 1822.

José Bonifácio de Andrada e Silva.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro

Joaquim de Oliveira Alves

Manoel Antonio Farinha”.

No dia 25 de março o príncipe partiu para Minas acompanhado do desembargador Estevão Ribeiro de Rezende, que lhe ia servindo de secretário, e pelo vigário de Pitangui Belchior Pinheiro.

Não levou tropa e nem armamento. O seu séquito, além dos dois mencionados, era de poucos criados da sua casa.

A sua entrada em Minas foi um triunfo desde a fronteira até a capital.

Logo depois que a província de Minas mandou a sua deputação pedir ao Príncipe Regente que não fosse para Lisboa, e que esperasse a resposta das Cortes, desconheceu o governo do mesmo príncipe como regente, e isto teve lugar porque D. Manoel de Portugal, nomeado governador de Minas por El-Rei, não querendo seguir a causa do Brasil,

expedira circulares às Câmaras da Província para a eleição, em Vila Rica, alguns anarquistas insurgiram-se e formaram um Governo Provisório, com atribuições ilimitadas, tendo por cabeças o comandante das armas, tenente coronel José Maria Pinto Peixoto e o juiz de fora Cassiano Espiridião de Melo Matos.

Constituído esse anárquico governo de Minas a sua justiça se julgou independente, e começou a fazer promoções militares, a nomear juizes e o mais, sem obediência ao poder legítimo, o que fez que o Príncipe Regente partisse para Ouro Preto, sem nenhum aparato.

Chegando a Barbacena foi recebido vivo entusiasmo; e daí saindo para Ouro Preto (Vila Rica), chegou ao lugar denominado Capão do Lanna, distante da capital duas léguas; parou e mandou chamar ao coronel de milícias João Luciano de Lima Guerra, que com o seu regimento estava em Ouro Preto para receber o príncipe, e ordenou-lhe que fosse prender o brigadeiro José Maria Pinto Peixoto, e o trouxesse à sua presença, o que efetivamente foi cumprido.

Chegados ao Capão do Lanna, Lima Guerra e Pinto Peixoto foram à presença do príncipe. Pinto Peixoto caiu-lhe aos pés cheio de desculpas; depois de algumas explicações e de repreendê-lo, o príncipe ordenou-lhe que voltasse à capital de Minas, e tomasse as providências para que sua entrada não encontrasse nenhum obstáculo, responsabilizando-o por qualquer acontecimento desagradável que houvesse.

Ordenou-lhe mais de tirar as dragonas de brigadeiro e pusesse as de tenente-coronel, que então era, o que assim se cumpriu; e o príncipe, logo depois seguindo para a capital de Minas Gerais, foi nela recebido em triunfo.

No dia seguinte Pinto Peixoto foi ao Palácio, como tenente-coronel, e o Príncipe Regente o promoveu a brigadeiro.

D. Pedro, recebendo as maiores demonstrações de apreço e de adesão à sua pessoa, a ninguém perseguiu, e nas proximidades de sua partida, falando dos acontecimentos políticos que o fizeram viajar, disse:

“Foi uma falta que se cometeu em família; esqueçamo-nos dela”.

Eis aí como o velho Morais relatou o caso político. Mas vejamos o caso amoroso.

Depois dos acontecimentos de Minas, D. Pedro foi alvo, no Rio de Janeiro, de uma bela manifestação, promovida por José Joaquim da Rocha, em regozijo de seu êxito político, jugulando a revolta mineira.

Dois dias após a manifestação, indo o príncipe à casa de Rocha, na rua da Ajuda, 34, para lhe agradecer os serviços prestados no movimento de propaganda nacionalista, ali foi apresentado a

uma linda mineira, filha de S. João d'El Rei, neta de um capitão-mor de Paracatu.

- *Alteza, eu lhe apresento a minha afilhada Luizinha de Menezes que, em S. João d'El Rei, cantou os versos do mestre Câmara.*

- *Oh! minha excelente amiguinha!* - exclamou D. Pedro, já estonteado pela beleza daquela jovem, - *fico-lhe muito obrigado pela parte que tomou nos festejos de S. João d'El Rei. Eu tenho na retina dos meus olhos o fulgor dos seus olhos, e no fundo dos meus ouvidos o cristal da sua voz...*

- *Alteza, quanta honra!... quanta bondade!...*

- *Quer ver, Luizinha, como gostei dos versos? Decorei-os na volta para o Rio. Ouça-os, meu caro Rocha, você não gozou o prazer de ouvi-los em Minas.*

E D. Pedro, com voz metálica e carregado sotaque lisboeta, recitou:

Real senhor, achareis
Nas Minas um povo leal,
Que carrega no seu peito
O Príncipe Constitucional.
Genuflecta ao reais pés,
Destas Minas grita a gente:
Viva o anjo tutelar!
Viva o príncipe regente!
Deseja o Brasil, senhor,

Com Portugal a união,
Com Vossa Alteza Regente
Justa e igual Constituição.
Já na trombeta da fama
Soa com graça e vigor:
Viva o Príncipe Regente
D. Pedro, Nosso Senhor!

- *Está vendo, minha bela amiguinha, como decorei seus versos?*

- *Eu os cantei, Alteza, porém não os fiz. Eles são da autoria do Sr. Câmara, mestre de Latim e Retórica em S. João d'El Rei.*

- *Mas eu os ouvi de seus lábios. Para mim, esses versos são seus. Você não os subscreve?*

- *De todo o coração, Alteza.*

E foi assim que começou o namoro do voraz lobo imperial com a linda ovelhinha mineira. No fim tinha que ser o que foi.

José Joaquim da Rocha, que não era tolo, passou a afilhada para as mãos de sua comadre, D. Nicésia Cardoso, residente na rua dos Latoeiros, com medo do final da fábula do lobo e da ovelha. Esta tinha de ser devorada, e o foi de fato.

Uma tarde, D. Nicésia, aflita, apareceu na casa do compadre Rocha:

- *Compadre, meu estimado compadre, eu vi uma coisa que parece assombração.*

- *Que assombração foi essa, comadre?*

- *Pois o príncipe, como sabe, deu para ir em casa todos os dias, tomar café e comer broas. Era presente para cá, presente para lá, tia Nicésia para cá, tia Nicésia para lá. Hoje, depois de me dar este rico anel de diamante, disse-me:*

“Tia Nicésia, a Luizinha terá logo mais uma criança. Trate dela com cuidado, guarde segredo, cuida da criança. Se guardar segredo e fizer tudo direitinho, comprarei para você esta casa em que está morando.”

- *Ora essa, comadre... E só agora é que descobriu essa enroscada?*

- *Não sou tão burra assim. Já desconfiava das visitas do príncipe. Ele chegava e ia logo dizendo:*

“Tia Nicésia, a Luizinha vai cantar, para eu ouvir, umas modinhas de Minas, e como aqui está muito abafado e quente, vou ouvi-la lá no bananal, perto do muro da horta. Daqui a uma hora, você nos leve um bom refresco de caju e alguns biscoitos de polvilho ou broas de fubá.”

Em seguida, punha nas minhas mãos uma moeda de ouro de 2\$000 e ia dizendo: é para pagar os biscoitos; não seja pobre soberba, guarde isso.

Horas depois, eu ia ao encontro dos dois namorados debaixo das bananeiras, e os achava cansados de tanto calor, molhadinhos de suor.

Rocha desarticulou as mandíbulas numa gostosa gargalhada:

- Ora, comadre Nicésia, era o efeito da canção mineira...

Tempos depois, em casa da comadre Nicésia, a Luizinha teve uma bela menina, que recebeu o nome de Mariana Amélia. Rocha foi o padrinho da pequerrucha; a madrinha, já se vê, foi tia Nicésia.

Certa ocasião, o Príncipe Regente chamou ao seu gabinete o capitão da tropa de linha, José Severiano de Albuquerque, e disse-lhe:

- Meu caro capitão, você sabe o quanto eu o estimo e já lhe dei provas, não dei?

- Já, Alteza, e eu lhe sou muito grato.

- Pois bem, capitão, deixemos de rodeios. Você conhece o Rocha, não conhece?

- Conheço-o sim. Não é o Rocha da Maçonaria?

- Esse mesmo. Pois ele tem uma afilhada, que é um mimo. Pediu-me para ver se, com o meu conhecimento dos homens da milícia Imperial, lhe

arranjava um esposo para a afilhada. Deve ter aí uns trinta contos. E se não os tiver, eu lhe darei um dote. Quero promover você a major. Mas a promoção será presente de casamento. E agora?

- Ora, Alteza, beijo-lhe as mãos pela felicidade e honra que me concedeu, lembrando-se do meu humilde nome...

- Pois olhe, além de bonita, é riquinha, é moça, e é ainda muito virtuosa. É bastante dizer que é mineira...

- Isso é uma garantia, Alteza...

- Se é, - murmurou o príncipe, rindo-se maliciosamente.

Houve o casamento. O casal adotou a afilhada de tia Nicésia. O cordato capitão subiu facilmente para major, tenente-coronel, coronel e acabou a vida como general.

A viúva do general não sobreviveu às saudades do inesquecível esposo, de quem foi consorte lealmente devotada. Ficou a filha Marianinha que, com cinco bons prédios de aluguel, noventa apólices do governo, uma chácara na Tijuca e o soldo do pai general, casou-se logo com o secretário do Ministro de Portugal no Brasil.

Doutor em leis pela Universidade de Coimbra, João de Deus Faria Leite foi, logo após o casamento, para Lisboa. Abandonou a carreira diplomática e enveredou pela política, chegando a deputado.

Quando D. Pedro II visitou Lisboa, em um baile oficial, o deputado Dr. Faria Leite, depois do cumprimento protocolar, apresentou sua esposa, brasileira do Rio, ao monarca em viagem:

- Minha mulher, majestade, é carioca e filha de um general do seu glorioso exército. É filha de José Severiano de Albuquerque.

- Oh! Foi um excelente militar, e um bom brasileiro!
- disse D. Pedro II.

D. Marianinha beijou a mão do austero Imperador. E depois, segundo relata Melo Moraes, indiscreto cronista do Império, na sua “Crônica Geral”, Madame Faria Leite, suspirando, murmurou:

- Oh! Majestade, permita-me chamá-lo de irmão...

D. Pedro estremeceu de susto.

- Como disse, senhora? Que é isto? Que está dizendo?

A mulherzinha, imperturbável, levantou a voz, e, diante de toda a Corte, dos reis de Portugal, dos Ministros e Embaixadores, da Nobreza e do alto Clero, dos deputados, generais, almirantes e banqueiros de Lisboa, falou alto, hierática, orgulhosa, magnífica:

- Pois é assim mesmo, Majestade. O autor de vossos dias foi também o autor dos dias meus. Porém, infelizmente para mim, a vossa mãe não foi a minha. Mas saiba Vossa majestade que a raiz é a mesma...

Imagine-se a cara que fez o sisudo Imperador do Brasil e o espanto de sua bondosa consorte, ao ouvirem essa confissão pública de identidade de raiz familiar...em pleno baile da Corte portuguesa.

Quando D. Pedro II regressou ao Brasil, mandou chamar Pedro Augusto da Silva, arquivista dos papéis de estado, e disse-lhe:

- Sr. arquivista, tenho lembrança de ter lido um relatório feito sob as vistas de meu pai pelo Estevão de Rezende quando de sua visita a Minas em 1822.

- Para que, meu pai? - perguntou a princesa Isabel.

- É que quando estive em Lisboa, uma senhora s proclamou minha irmã natural, dizendo que o meu pai conhecera a mãe dela em S. João d'El Rei. Talvez o Rezende tenha feito alguma referência a esse conhecimento.

O secretário do Arquivo Imperial trouxe umas folhas de papel costuradas a linha. D. Pedro, tomando as laudas, leu no cabeçalho da primeira página a legenda:

“Relatório reservado sobre as peripécias e acontecimentos da viagem do Sr. D. Pedro, príncipe regente, à Província de Minas Gerais em 1822, dirigido ao Sr. Ministro José Bonifácio de Andrada e Silva”.

D. Pedro II tirou o pincenê do bolso do colete e foi lendo as garatujas daquele relatório. Antes de acabar pendeu a cabeça sobre o peito, e cochilou, como de costume.



10 - Carmem Garcia²¹

Em 16 de outubro de 1763, o conde da Cunha, D. Antonio Alvares, que na véspera desembarcara no Rio de Janeiro, tomava posse do cargo de vice-rei.

O governo português, atendendo aos progressos e às riquezas de sua colônia, resolvera nesse ano elevar o Brasil a vice-reinado, podendo-se, portanto, dizer que o famoso conde da Cunha, iniciava a série dos verdadeiros vice-reis, pois os outros que o antecederam apenas governaram uma colônia.

Já tivera esse fidalgo lusitano outros postos de destaque, pois já fora capitão de mar e guerra, capitão general de Mazagão e Angola, embaixador em Paris (cargo recusado por ele após a sua nomeação) e em seguida, pelos seus serviços prestados, recebera o título de conde e vice-rei do Brasil.

Encontrava ele no Rio uma administração interina que ocupara a governança após o falecimento de Gomes Freire de Andrade, morto de desgosto pelas aleivosias e calúnias dos negociantes do Rio, segundo se dizia naqueles tempos.

²¹ Cipriano Barata, num folheto publicado em Buenos Aires, conta os amores de Carmem Garcia com minúcias escandalosas.

Vítima de um a cruel moléstia do fígado, adquirida em Angola, o conde era uma criatura tristonha, de poucas palavras, quase sempre irascível, desconfiando de tudo e de todos.

O secretário que trouxera de Portugal, desembarcara quase agonizante e poucos dias após o desembarque, fora repousar num jazigo da igreja do Carmo.

Foi então que o conde vice-rei procurou na gente que o cercava alguém que o secretariasse.

Encontrou o seu homem na pessoa de Alexandre Cardoso de Menezes, que era o tenente-coronel do “Regimento Velho da Praça”. Maneiroso, sagaz, inteligente, muito hábil, expedito e simpático, em pouco tempo o secretário do vice-rei era o factótum da governança.

Todos os negócios passavam pelas mãos do “oficial de sala”, cargo hoje correspondente a oficial de gabinete.

O conde da Cunha deixou traços de sua administração. Criou o Arsenal de Marinha, e o “Trem de Artilharia”, mais tarde “Arsenal de Guerra”, restaurou as fortalezas da barra e da cidade; mandou fazer as da “Praia Vermelha” e “Praia de Fora”; reformou a de Villegaignon; construiu na “Ilhas das Pombas” dois grandes prédios para paióis da Pólvora da Coroa; fez uma grande oficina de armamentos na fortaleza da Conceição; levantou quartéis para duas companhias de cavalaria ligeira e organizou um

parque de artilharia; iniciou o alistamento militar para a criação de quatro terços de infantaria auxiliar, nomeando mestres de campo, sargentos-móres e ajudantes que ficaram sem tropa, pois o alistamento não deu resultado satisfatório.

Abriu uma rua nova, a atual da Carioca, antigamente do Piolho, e ordenou à Câmara que, com pedras, mandasse entupir as valas existentes nas proximidades, donde se originou a antiga rua da Valla, hoje Uruguaiana.

Proibiu, sob pena de morte, a permanência de morféticos no centro da cidade, e estabeleceu, na antiga Chácara dos jesuítas, em São Cristóvão, um lazareto.

Decreto o casamento obrigatório aos homens jovens e de meia idade, e mandava os que não se casassem para as fileiras, como soldados.

Esse fidalgo hipocondríaco atraiu o ódio do povo do Rio por dois motivos:

as venalidades do seu secretário ou oficial de sala Alexandre Cardoso, e a execução da Carta Régia de 30 de julho de 1766, extinguindo as oficinas de ourives.

Em compensação, dois de seus atos o tornaram célebre: a perseguição aos celibatários e a fundação do primeiro teatro que se fez no Rio de Janeiro.

Chegando à capital do seu vice-reinado, o conde verificou a existência de grande número de solteirões.

Os homens, encontrando facilidade na dissolução dos costumes, não se queriam casar a não ser com moças ricas. A prostituição tomava proporções assustadoras. Raro era o dia em que não apareciam nas portas vários enfeitados.

O vice-rei resolveu a questão da seguinte forma: todo homem válido até cinqüenta anos era obrigado a casar-se ou alistar-se nas milícias como soldado, dentro do prazo de seis meses. E como os solteirões não quisessem ser soldados, foram ser maridos.

O Rio de Janeiro daquele tempo não tinha diversões. Um dia, o conde chamou ao palácio o padre Manoel Ventura, muito popular pela sua corcunda e pelas suas músicas, e o encarregou de organizar uma companhia.

Enquanto o padre Ventura preparava os cômicos, o vice-rei construiu no largo do capim, modernamente Praça Lopes Trovão, um casarão de porta larga e duas janelas laterais, a que deu o pomposo nome de “Casa da Ópera”.

Vários cronistas dizem que esse teatro foi feito pelo vice-rei marquês do Lavradio, porém, o barão do Rio Branco, nas suas “Efemérides”, esclarece o caso, dando a autoria ao conde da Cunha.

Um viajante francês, Bougainville, que esteve no Rio de Janeiro, de junho a julho de 1767, escreveu as seguintes linhas sobre o primeiro teatro carioca.

“O vice-rei reservou-nos um camarote na “Casa da Ópera”. Em uma sala muito bonita, assistimos a representação das obras primas de Metastásio, declamadas por uma companhia de mulatos e ouvimos bela música italiana de grandes mestres, executada por uma orquestra regida por um padre corcunda em vestes sacerdotais”.

Esse primeiro teatro, construído pelo conde da Cunha, foi devorado pelas chamas, em 1769, no governo do marquês do Lavradio, que encarregou o músico Manoel Luiz de construir, junto ao palácio, um teatrinho, com o nome de “Nova Ópera”.

Esse prédio, em 1783, passou a ser habitação de criados do Paço e depois, até 1889, Tesouraria da Casa Imperial.

Em 1813 inaugurava-se o Teatro Real de São João, transformado depois em Teatro São Pedro de Alcântara, três vezes incendiado (25/03/1824, 13/03/1851, 27/01/1856) e três vezes reconstruído.

O governo português, recebendo denúncias graves contra o secretário do vice-rei, para esse caso chamou a atenção do conde, que, verificando as

patifarias do seu chamado “oficial de sala”, não demorou em puni-lo.

Depois de uma sindicância secreta, ficou provado que o secretário Alexandre Cardoso obrigava os negociantes e proprietários a darem escravos com a desculpa de necessários para as “obras d’El-Rei”, e intimava os homens do povo para serviços públicos, dispensando todos aqueles que lhe dessem certa quantia em dinheiro.

Os empregos públicos, bem como patentes de mestres de campo, sargento-mor e outras, eram concedidas mediante dinheiro ao secretário.

Ainda mais, o vice-rei ficou sabendo que o seu famoso oficial de sala era um terrível D. Juan, tendo já levado a desonra em vários lares.

Apurado tudo isso, sem que o seu “factótum” desconfiasse de nada, o conde da Cunha o chamou e perguntou-lhe se queria uma paga digna dos seus serviços ao governo.

- *Que se o vice-rei lhe quisesse fazer essa mercê, ele a receberia com muita gratidão,* - balbuciou, alegre, o secretário.

- *Pois bem,* - retrucou o conde. E em seguida, levantando-se, disse-lhe:

- *O prêmio dos seus serviços é a confiscação dos seus bens para as “obras d’El-Rei”, cujo nome serviu de capa para as suas ladroeiras. E para não envelhecer nesse serviço, vai agora descansar o*

resto da vida num lugar que foi feito para gente como você.

E mandou-lhe para a cadeia.

Pouco tempo depois era Alexandre perdoado e partia para Montevidéu, aonde fora tentar fortuna.

Naquelas bandas do Prata, se amancebou com Ritinha Garcia, gaúcha de Porto Alegre. Teve vários filhos, entre os quais uma chibante²² morena, a Carmita, como a chamavam familiarmente.

Morto Alexandre, a mãe entregou os filhos cada um ao seu padrinho, pois ficara viúva em extrema miséria, suicidando-se com uma facada no ventre.

O padrinho de Carmem Garcia era o Dr. Lucas José Obes, que veio ao Rio representando Montevidéu, como deputado.

Dele escreveu um cronista estes conceitos:

“Montevidéu estava já incorporado à monarquia portuguesa, tendo eleito para as Cortes Portuguesas o Dr. José Obes e, na sua viagem para Lisboa, esse representante cisplatino passou pelo Rio em princípio de março de 1822. Informado das ocorrências políticas, deliberou

²² Orgulhosa, altiva (NE)

ficar, aceitando o cargo de membro do Conselho de Procuradores, criado por D. Pedro.

Ilustrado, vivaz, compreendia as circunstâncias do tempo e analisava bem os homens. O Dr. Obes disse que tanto a Província Cisplatina, como a Província Entre Rios, ambas desejavam unir-se ao Brasil, para formarem uma só monarquia ou Império”.

Em junho de 1822, esse notável cisplatino foi ao Teatro S. Pedro, antigo S. João, assistir um espetáculo de artistas franceses. D. Pedro, acompanhado de D. Leopoldina, lá se encontrava.

No intervalo, o ilustre conselheiro, em companhia de sua afilhada e filha adotiva, apareceu no camarote do Regente, fazendo a apresentação de Carmita. D. Pedro ficou desde logo encantado com a mocinha.

Pouco tempo depois, o honrado D. Lucas passou pelo dissabor de verificar que a sua querida Carmita fora seduzida por D. Pedro.

Desesperado, cheio de indignação, mandou às favas a afilhada e o cargo de membro do Conselho de Estado e foi-se embora do Rio.

A princesa exigiu do marido a expulsão de Carmita para fora do Brasil, pois ela tivera a petulância de dizer, de cara, a D. Leopoldina, que D. Pedro dava à esposa apenas a sobra do seu amor, reservando-o quase todo para as outras a quem amava.

Partiu a uruguaiana para Montevideu, com uma pensão mensal garantida pelo Imperador.

E o fim desses amores foi este, escrito por um escritor interessante:

“Depois de privar no Brasil com D. Maria da Glória e a Família Imperial, fora Carmem Garcia em 1828, relegada a Montevideu, aos bons cuidados do presidente D. Tomaz Garcia (tio da formosa gringa), que por sinal entrou com as primeiras importâncias para mobiliar-lhe a casa e provê-la de uma criada. Pensionou-a o Imperador com 150\$000 mensais.

Na capital da república do Uruguai, a 2 de agosto de 1828, o Sr. José Previtali, doutor em Medicina e Filosofia, interveio, extraindo a ferro uma criança, morta com seis meses de gestação, devido a um acidente de cavalo. Ela ameaçara voltar à Corte, por não lhe terem mandado os recursos prometidos”.

Depois de se ter livrado dos ferros cirúrgicos do parteiro Dr. Previtali, a bela Carmita escrevia esta sugestiva carta a D. Pedro:

“Meu Imperador e meu amor sempre lembrado, eu lhe digo mais uma vez o seguinte: dei-lhe minha mocidade, meu coração, meu corpo, meus suspiros, meu tudo, tudo mesmo. E o Imperador que, com a cabeça no meu colo, jurou mil vezes um amor do tamanho do mundo, o que me deu até agora? Um desterro, uma casa, uma escrava,

e uns minguaos 150\$000, que mensalmente me entrega o tio Tomaz Garcia.

Pois bem, até agora não recebi os prometidos 15:000\$000. Quero que esse dinheiro chegue, e com ele uma pequena lembrança do meu querido Imperador, lembrança que pode ser um colar de pedras, um vestido e um cachorrinho peludo, de raça. Se vierem, continuarei amando de longe. Se faltarem, irei buscá-los na corte do meu Imperador e meu amor.

Beijos de Carmita”.

O Imperador leu a carta ao seu secretário particular, conselheiro Francisco Gomes da Silva, vulgo Chalaça, dizendo-lhe:

- Essa sujeitinha é capaz de até matar-me. Se você visse com que topete ela disse à Imperatriz, na minha presença, que eu só dava à minha mulher os restos do meu amor... Olhe, Chalaça, mande o que ela pede, e escreva-lhe uma carta, ameaçando-a se continuar a pedir dinheiro e presentes.

Depois disso Carmita não pediu mais nada. É que passara a dominar o coração de um homem que arrancara ao Império do Brasil a província Cisplatina, o caudilho Lavalleja, o vencedor, com o general Alvear, da famosa batalha do Passo do Rosário, e proclamador da independência do Uruguai.

Carmem Garcia, depois disso, escreveu outra carta a D. Pedro:

“Viva la gracia de usted!

Quando precisar da “Madame” do Lavalleya, aqui estou em Montevideu, Calle S. Francisco, 93, Palácio antigo de D. Solano Obes. Desculpe a surra de Iruzaingó. Vossas bandeiras, vossos canhões e vossos trens de guerra já foram para o museu de Buenos Aires, levados pelo general Alvear. Mais de mil dos vossos guerreiros, entre os quais um vosso general, já estão no inferno, graças a Deus. Daqui a pouco tempo, também o vosso trono ficará de pernas para o ar. No meu palácio haverá então uma vaga de lacaio. Podeis então procurar a vossa amiga saudosa Carmita”.

Ao receber essa carta, D. Pedro não se conteve. E bramiu irado e colérico:

- Ah! Cadela sem vergonha, se eu a pegasse agora...

Diante desse desabafo, o Chalaça, impassível, comentou:

- Para que, majestade? Daqui a pouco tempo, envelhecida e desgraçada, o Lavalleya a mandará para o lixo, aonde algum soldado raso a pegará.

- Tem razão, Chalaça, o fim de Carmita será mesmo servir de traste de soldado. Que chininha vagabunda!

Apesar da praga rogada por D. Pedro e pelo Chalaça, Carmem Garcia morreu em 1838, respeitabilíssima matrona da sociedade platina, casada com um importador de vinhos, o espanhol Juan Lorenzo Barrios.

E os jornais platinos concederam à Senhora Barrios um belo necrológio:

“...grande perda para a família e para a sociedade, era a respeitável matrona um ornamento de nossa sociedade...”

Pudera! Carmem Garcia morreu milionária.



11- Madame Saisset²³

Vários escritores estrangeiros que andaram pelo Brasil no tempo de D. João VI descrevem a nossa vida social com as cores escuras de uma crítica impiedosa.

O sábio Arago, diretor do Observatório de Paris, num livro de impressões, e a indiscreta e perversa Rose de Freycinet, no seu “Diário”, não pouparam os próprios soberanos, os embaixadores estrangeiros e também os frades.

Vem à baila nessas descrições azedas até as feridas purulentas de D. João e a fedentina horrível de Sua Majestade a rainha, ambos inimigos régios da água e do banho.

Os frades, com as suas libertinagens, têm o seu comentário nas impressões do sisudo Arago.

Luiz Edmundo, que já estudou o Brasil dos vice-reis, agora está esquadrinhando o tempo do rei, aproveitando-se das publicações sobre o assunto.

Porém não somente o tempo dos vice-reis ou o reinado de D. João VI teve escritores que foram também maus impressionistas.

²³ Os amores de Madame Saisset com D. Pedro foram narrados com pormenores no ofício do Ministro francês Conde de Gestas, de 6 de janeiro de 1829.

O primeiro Império também deu motivo a apreciações de estrangeiros, aliás muito desagradáveis para nós.

Um desses viajantes que descreveram o Brasil de D. Pedro I foi Victor Jacquemont. Esse francês, comissionado pelo Museu de Paris para fazer estudos e arranjar coisas interessantes na Índia, morreu em Bombaim em 1832.

Antes de chegar ao seu destino, o veleiro, em que viajava o referido comissionado, viu-se em apuros com uma grande tempestade, e veio bater em costas brasileiras.

Jacquemont esteve, por isso, no Rio de Janeiro e daqui, como mais tarde da Índia, escreveu aos parentes e amigos de Paris. O historiador Merimée, achando muito interessante a correspondência do bisbilhoteiro viajante, colecionou-a e publicou-a.

Na parte que diz respeito ao Brasil, o francês Victor Jacquemont foi impiedoso.

Dizia ele que Pedro I era um almocreve²⁴ coroado e acrescentava, em uma carta dirigida ao pai:

“Vou ver, nesta noite, um animal muito curioso na América, isto é, um Imperador. Assistirei, ao

²⁴ Indivíduo cuja função é conduzir bestas de carga, tropeiro, cavalariaço (NE)

mesmo tempo, a uma representação na “Ópera” desta cidade, que nos dará o ensejo de ver também o “imperial” e hábil moço de estrebaria, que é Sua Majestade o Imperador do Brasil”.

Em carta que escrevera ao seu amigo Mariste, comentava o francês maldizente:

“O Imperador gosta muito do teatro, porque ali, além das modistas francesas da rua do Ouvidor, ainda ele se avista com as dançarinas, coristas e comparsas, dando-lhes o que elas realmente valem: dez ou vinte francos, quando muito”.

Indagando sobre a nossa nobreza, contaram-lhe que a primeira nomeação de titular do Império coube a um aventureiro inglês, expulso da marinha de guerra da Inglaterra. Esse foi o Marquês do Maranhão. O título de Marquesa de Santos fora dado a uma comborça de São Paulo, bonita, porém, destemperada.

Mais adiante, comenta:

“Aqui no Brasil, todo o mundo está com a probabilidade de um título nobiliárquico qualquer: marquês, visconde, barão, oficial do Paço, etc. E isso porque o Imperador recompensa com tais títulos e honras não somente serviços prestados ao país, como também serviços especiais, prestados ao homem, grande apreciador de aventuras

galantes. Por exemplo, aqueles que lhes emprestam as mulheres legítimas, ou lhes arranjam amantes em mulheres do próximo, conseguem o que quiserem de Sua majestade. Nesse particular, as tradições monárquicas do Brasil são poderosas. Cada homem tem na sua própria baixeza motivo certo de proventos e regalias, bastando, para isso, que arranje moças bonitas para o monarca ou que se case com raparigas engravidadas por ele. As concessões de títulos e honrarias mantém, entre os homens vis, grande emulação na conquista das graças imperiais”.

Sobre os seus patrícios da rua do Ouvidor, explica o viajante do Museu de Paris:

“Aqui no Rio de Janeiro os franceses sustentam com vantagem os créditos de bons cabeleireiros e mestres de dança. A “Rue Vivienne” desta terra que aqui se chama “Rua do Ouvidor”, está apinhada de modistas, alfaiates e penteadores de Paris. As modistas daqui são raparigas alegres, e quase todas borboleteiam em volta do Imperador, na conquista do seu dinheiro e também do seu coração. Os brasileiros do Rio pensam que todos os franceses são cabeleireiros e todas as francesas são modistas e “vendeuses” de amor”.

É bom pararmos aqui. Esses franceses desbocados, com toda a certeza exageraram as mazelas dos tempos antigos do Brasil.

Parece verdade que D. João e sua real esposa Carlota Joaquina não tomavam banho e fediam, como conta a mexeriqueira e malvada Rose Freycinet.

Parece verdade que D. Pedro gostava de modistas francesas da rua do Ouvidor e de mulheres bonitas, fossem solteiras, viúvas ou casadas, distribuindo títulos nobiliárquicos a muita gente ruim, no dizer de Jacquemont.

Parece verdade que os frades também faziam das suas, como afirmou Arago.

Que tudo isso fosse verdade, apenas seriam episódios a mais nas baixezas e degradações humanas, registradas pela História.

Na França, terra dos viajantes que escreveram os venenosos conceitos por nós citados, muitas foram as mazelas das realezas de carolíngios ou capetos, de orleans, bourbons ou valois.

Os romances históricos de Victor Hugo, de Alexandre Dumas e de Miguel Zevaco, e as obras de pesquisas históricas de Cabanés, Henry Robert e Blanc, nos revelam nas cortes dos reis franceses coisas cem vezes mais degradantes do que aquelas que escandalizaram os cientistas Arago e Jacquemont e a trêfega maluquinha Madame de Freycinet.

Não é portanto, novidade o escândalo de D. Pedro com a francesa Clemencia Saisset, fato assim descrito por um dos nossos historiadores.

“Na lista que não é arbitrária e fantasmagórica dos seus desvios de homem e bilontragens²⁵ de rapaz, entra o caso verídico de Clemencia Saisset. As modistas francesas do tom, no Rio de Janeiro, mudaram-se, de 1821 a 1822, das ruas Direita e dos Ourives para a rua do Ouvidor. De parceria com os cabeleireiros os perfumistas, joalheiros e quinquelheiros tinham feito da estreita via urbana a galeria mais concorrida da elegância e do mundanismo nacional.

“Um casal francês, de sobrenome Saisset, estabeleceu ali uma casa de modas, em sociedade com Bernardo Wallestein, na loja ocupada mais tarde pelo “Grão Turco”. Saisset adquiriu a terça parte do prédio, comprando-o de Joaquim da Silva Carvalho e esposa. Tinha o estabelecimento artigos de modas, fazendas e papéis pintados e ficava no no 98, em frente à rua Nova do Ouvidor.

“Madame Saisset ostentava por seu garbo e para anúncio do negócio todas as graças naturais e casquilhas de sacerdotisa do artifício e de bruxa do armarinho.

Contudo, os negócios não iam bem, tanto que a Saisset, em garantia de uma letra de 2:500\$000,

²⁵ Bilontra: que ou quem age com esperteza, espertalhão, finório, velhaco, aquele que é dado a conquistas amorosas, aquele que costuma frequentar bordéis(NE)

assinada a favor de David Harris, negociante vizinho, hipotecara, a 23 de junho de 1828, o estabelecimento.

“D. Pedro, para se distrair dos pesares que o sangravam e das consideráveis perturbações do enlace matrimonial, encangalhou-se no final de 1828 a essa mulher, cuja beleza, espírito e elegância assanhavam os mais gélidos e mais pétreos senhores.

A autorização oficial de 5 de dezembro de 1828 permitiria que Wallestein & Cia. chapassem as armas imperiais na frente da casa de negócio. Sugestiva concessão.

A 8 de janeiro de 1829, o Saisset pagava ao Harris...

O Ofício de 6 de junho de 1829, do conde de Gestas, historiando minuciosamente os acontecimentos, parece um conto decamerônico. Acorçoou o Imperador à aventura o próprio Pedro Saisset, o qual se embebedava sofrivelmente. Aos vapores do Borgonha partia o espelho, e, arremetendo contra o toucado da senhora, vociferava descomposturas”.

D. Pedro freqüentava a casa a seu modo, dia claro, sem ambages²⁶, e freqüentemente. Presenteara a Saisset com uma casa em São Cristóvão e excedeu-se em outras liberalidades.

²⁶ Rodeios, evasivas, subterfúgios (NE)

O público, de benevolência mais propensa aos circunlóquios e obscuridades, indignava-se daquelas atenções imperiais, que não contavam com a hora, nem com a plateia.

Contudo, o complacente esposo se amedrontava da reação provável por parte de alguns zelosos, irritados com a patifaria, e falou em deixar prudentemente a terra do Brasil.

O Imperador não via com bons olhos tais propósitos, aferrado como se achava à linda criatura de educação aprimorada e donaires incontrovertíveis.

Aproveitando as férias do Natal de 1828, D. Pedro ausentou-se da Corte para ver os filhos instalados, em mudança de ares, na Serra dos Órgãos, na fazenda do padre Correa.

Aconteceu que, durante essa ausência, nos jardins da casa Saisset, reboasse um tiro. Madame não se mexeu com o estampido.

Grande susto, porém, teve o violento Saisset, que fugiu com os filhos, e foi reclamar do Ministro da França a proteção devida ao compatriota arcabuzado.

Dados os primeiros passos nesse sentido, o plenipotenciário recebeu a visita de Miguel Calmon, que, em nome de D. Pedro, concertou com Gestas a entrega e devolução de certas cartas.

O casal tinha dois filhos. O último de dez meses, foi deixado em terra com a ama, sobra de carregamento do navio atestado quando os Saisset se achavam instalados para a partida, feita a 30 de dezembro de 1828, no pacote “Salisbury”, destinado a Falmouth.

O Imperador, às onze horas da noite, em pessoa, fez embarcar a criança e a criada negra.

Dificuldades de última hora, por ser a negra escrava de senhor espalhafatoso e recalcitrante, foram resolvidas por uma carta de alforria, arranjada às pressas.

Prodigalizados imensos valores por D. Pedro na bagagem francesa, tornaram-se medidas contratuais para garantir a formosa Saisset da miséria e dos desregramentos do marido”.

“Refere-se o Ministro Gestas a um “cheque” contra Rotschild, no valor de 73.000 francos, e a mais 6.000 francos em ouro.

Na correspondência de João Loureiro, na carta de 2 de janeiro de 1829, há este pedaço:

“Também levou o pacote a Mr. e Madame Sé-Sé, que começaram a atrair as adulações da Corte pelo favor da beleza de Madame Sé-Sé e bom gênio de seu marido, que enfim a pegou à unha por ajuste de contas, e foram pela barra fora no dia seguinte”.

Desses amores de D. Pedro com a modista francesa nasceu Pedro de Alcântara Brasileiro Saisset, contemplado no testamento do ex-imperador do Brasil e ex-rei de Portugal.



12 - Gertrudes Meireles²⁷

Numa tarde de junho de 1874, o Imperador do Brasil depois de ter palestrado com um oficial de marinha, Teotônio Meireles da Silva, que se dizia seu irmão por parte de pai, mandou chamar a princesa Isabel e disse-lhe:

- Minha filha, aqui está uma petição de um oficial de marinha, o Teotônio Meireles. É uma justificação de paternidade. Poderá ser filho de meu pai, tanto quanto o Pedro Saisset, o Delfino Pereira, a condessa de Iguazu, a duquesa de Goiás e alguns outros. Porém o seu avô, minha filha, apenas legitimou a duquesa de Goiás, agora condessa na Baviera. Devemos respeitar a vontade daquele que fundou o nosso Império, mas não podemos nos esquecer daqueles que têm o nosso sangue, como esse Teotônio. Este documento que aqui está constituirá um segredo de Estado. Se eu morrer, não se esqueça desse oficial de marinha, facilitando-lhe as promoções.

- Sim, meu pai, sua vontade será feita.

A princesa Isabel levou a petição para mostrá-la ao conde d'Eu. E, ambos, depois do sossego do

²⁷ Os cronistas Melo Moraes e Alberto Rangel contam que Teotônio Meireles da Silva era filho de D. Pedro com uma conhecida mineira, de Ouro Preto. No arquivo do castelo d'Eu existe a petição justificadora de paternidade, datada de 12 de junho de 1873 e não 64, como afirma Melo Moraes.

Paço, puderam conversar sobre a justificação de Teotônio Meireles da Silva, filho de Gertrudes Meireles de Vasconcelos, aquela encantadora Tudinha, que em 1821 e 1822, enlouquecia os corações dos moços ouropretenses.

E os dois, a filha e o genro de D. Pedro II, leram a peça interessante do memorial do capitão-tenente Teotônio Meireles:

“Senhor, o povo do Rio de Janeiro, em geral, acredita e diz que eu sou filho natural do Sr. D. Pedro I, crença que apareceu, sem dúvida, pela circunstância da estada daquele senhor na província de Minas, em 1822, e coincidir, felizmente, a nossa idade com a dessa estadia na província de Minas, e mais pela proteção que nos dispensou o dito Senhor em 1830, quando, pela segunda vez, foi a Minas, proteção que se estendeu a trazer-nos, a mim e a minha mãe Gertrudes, e deixar-nos em São Cristóvão sob os cuidados de V. M. Imperial, em 1831”.

Juntamente com essa petição, os príncipes encontraram um pequeno volume, impresso na tipografia de Seignot Planchet, em 1831. Era a descrição da viagem de D. Pedro a Minas em 1831, nas vésperas de sua abdicação.

Quem a fez?

Foi o irmão da formosa ouropretense Gertrudes Meireles, o futuro deputado brasileiro João Fernandes de Vasconcelos.

Atribuíram esta narrativa a Bernardo de Vasconcelos e Evaristo da Veiga. Nem um nem outro. Foi o tio do capitão-tenente Teotônio.

No dia 22 de fevereiro de 1822, com grande e espaventoso acompanhamento de tropa e povo, entrava D. Pedro em Ouro Preto. Os membros do Senado da Câmara, do Corpo Municipal, receberam o príncipe debaixo de pálio, com as solenidades de um grande acontecimento.

Indo, nesse dia, à casa do famoso João José Leitão, a quem condecorou, teve ocasião de conhecer a mais bela flor da família ouropretense: a Tudinha Meireles.

O príncipe D. Pedro era uma espécie de avatar do mais célebre conquistador do mundo que foi D. Juan Tenório. Ver uma bela mulher era para D. Pedro um caso sério. Seu coração pulava, pulava tanto, que chegava a perturbar-lhe o próprio bom senso.

- Ó, João José, - segredou D. Pedro ao ouvido do dono da casa, - *diga-me aqui baixinho, quem é essa linda cachopa que nos serviu a limonada?*

- *Aquela moça, Alteza, é filha de uma notável família de Minas. O pai é o capitão-mor Sebastião Meireles Fagundes, aquele valente, que, como*

sargento da campanha Cisplatina, serviu sob as ordens do coronel Castro.

- Como se chama a menina?

- Gertrudes, ou, como é geralmente conhecida em Ouro Preto, a Tudinha do Meireles.

- Muito bem, - disse o príncipe, e calou-se, pensativo.

De noite, a cidade em festas, houve baile no Paço Municipal. Como era de se esperar, Tudinha estava encantadora. Risonha, alegre, graciosa, era o alvo de todos os olhares masculinos.

Até os velhos comentavam, babosos e sorridentes, a beleza do rosto e a tentação do corpo da famosa ouropretense.

Quando chegou a hora da quadrilha de honra, com geral espanto de todos os presentes à festa, o príncipe, ao invés de procurar para dama a esposa do presidente da Câmara, que era a senhora mais representativa no baile, deu o braço à galante e travessa Tudinha. Aquilo chocou de espanto a assistência.

- Pois seria possível tamanho escândalo? - balbuciou a mulher do cirurgião Procópio Pinto.

- Isso tem água no bico, - comentou D. Benedita, casada com o boticário Eusébio Câmara.

- *Rirá melhor quem rir por último*, - completou suspirando a ilustre consorte do presidente do Corpo Municipal.

Depois da quadrilha, D. Pedro ainda dançou com a Tudinha uma valsa, uma pavana e um minueto.

E depois, cochichos nos desvãos das janelas... Lá no fundo, juntos à grande janela ornada de reposteiros verdes, os dois heróis da festa. D. Pedro e Tudinha, conversavam, tão baixo, que as pessoas situadas nas proximidades apenas podiam notar o mexer dos lábios dos dois. Mas eles falavam, e já se amavam nesse instante.

- *Então, minha sedutora princesinha de Ouro Preto, você deixará a janela do seu quarto encostada?*

- *Ó Príncipe, eu o conheci apenas hoje, mas já o amo tanto, tanto...*

- *E não quer conceder-me a graça de uma entrevista a sós, não é?*

- *Príncipe, não exija de mim essa prova de amor. E se meu pai souber? e se o povo descobrir? O que será de mim, meu Deus?*

- *Tudinha, eu juro pela minha honra e pelas cinzas de todos os meus antepassados, juro por Deus e por tudo quanto é sagrado, que saberei respeitá-la. Ficarei satisfeito apenas com um beijo, um beijo que me ilumine o coração, e dê a doçura da pureza do seu amor.*

- Como poderei duvidar do juramento de uma Príncipe como Vossa Alteza? Pois bem, esta noite, às onze e meia, eu o esperarei na janela do meu quarto.

O príncipe esteve no ponto marcado. Junto da janela apenas? Não, porque mais forte que seu sagrado juramento, foi o vulcão do seu amor, cujas lavas candentes produziram nove meses depois deste encontro o nascimento de uma criança que o vigário local batizou com o nome de Teotônio.

Esse pimpolho foi depois o capitão-tenente Teotônio Meireles, que, diante do Imperador Pedro II, requereu, documentadamente, o reconhecimento de sua origem imperial.

Era ele o filho de Gertrudes, daquela famosa e travessa Tudinha do capitão Meireles, figura de realce do Ouro Preto de 1822.



13 - A Baronesa de Sorocaba

Em 7 de março de 1823, aniversário de Domitila, havia festa na casa dos Castros e D. Pedro não faltou. Nesse dia fora apresentado a uma irmã mais nova da amante.

- *Minha irmã, Maria Benedita*, - disse Domitila.

- *Muito prazer*, - respondeu D. Pedro, beijando a mão da jovem e sedutora apresentada.

Pouco depois, Maria Benedita saiu para dirigir o serviço interior da casa.

Noite fechada. Um calor sufocante.

A irmã de Domitila, enquanto se dançava no salão da frente, foi ao jardim para aproveitar, sob o arvoredado das camélias e dos plátanos, o frescor ambiente. E aí se lembrara do olhar belo e senhoril do Imperador e da maneira galante com que ele lhe beijara a mão.

Marschal, Ministro da Áustria, no ofício de 22 de outubro de 1827, falando de Maria Benedita, diz que ela era “*uma apetitosa encarnação de fêmea desejável*”.

Qual não foi o susto da moça, debaixo das árvores do jardim, na escuridão da noite de 7 de março de 1823, pensando no Imperador, quando se sentiu

presa, enlaçada, beijada e logo depois subjugada inteiramente pelo mesmo Imperador, cujo rosto ela não conseguiu ver no momento, mas cuja impetuosidade e calor, descrito pela sua irmã Domitila, foi para ela uma adorável confirmação.

Amaram-se desde logo. E assim foi que D. Pedro, na mesma casa, repartia o pão de seus amores com Domitila e com a irmã Maria Benedita.

E mais moças bonitas ali houvessem, mais bocadinhos do seu pão de amor Sua Majestade distribuiria prodigamente.

No dia 5 de novembro desse mesmo ano de 1823, D. Maria Benedita dava a luz a um menino que se batizou com o nome de Delfim, que quer dizer filho de rei.

D. Pedro, como de costume, já protegia o marido da formosa irmã de Domitila. Quem era o marido? O Boaventura Pereira, que se orgulhava em assumir a paternidade do “Delfim”.

Em compensação, o Boaventura se enchera de venturas, assim sem mais nem menos, de um momento para o outro, com uma porção de negócios venturosos e ótimos empregos.

Como era de prever, a Domitila vira logo na irmã uma rival e dizem que mandou dar-lhe um tiro, quando de uma festa na Glória. É que de irmãs muito agarradas e muito amigas, Domitila e Maria Benedita se tornaram ferozes inimigas, a ver qual das duas monopolizava os amores do imperador.

Enquanto isso, D. Pedro cortejava alternadamente as duas irmãs e muitas outras irmãs bonitas houvessem, outras tantas ele cortejaria naquela mesma casa.

D. Juan? Lovelace? Nada disso. Apenas um esperto aproveitador das circunstâncias.

A respeito desses amores, ouçamos um verídico e erudito cronista desse tempo:

“É em 1824 que se passam os acontecimentos da maior relevância no crescendo compromissório dos atos vinculados às relações de amor do monarca e D. Domitila.

A 21 de abril mimoseava-se o coronel Boaventura Delfim Pereira com o cargo de Superintendente Geral da Fazenda de Santa Cruz “atendendo à capacidade, e honra de que é dotado”, e dava-se-lhe o ordenado de um conto de réis por ano. A 8 de maio seguinte, o Imperador, rasgando o regulamento da fazenda de 8 de maio de 1822 e artigos adicionais de 3 de setembro de 1823, investia Boaventura de poderes discricionários. A comissão do coronel alargou-se com a administração das Imperiais Quintas e Fazendas. Não deixaria de ser trabalhoso cuidar dos imóveis da Coroa, povoados de escravatura remissa, eivados de questões com os confinantes.

Santa Cruz, Boa Vista, Macaco, São José, Campo d'Anta, Caju, os palacetes da Praia Grande, do Caminho Novo, de Botafogo, dos Arcos e a casa do Aguiar, um domínio disperso, ilimitado e dispendioso, de mato a crescer, de tetos esburacados e de muros rachados a degingolarem...”

“No orçamento das despesas das Repartições dependentes da Secretaria de Estado dos Negócios do Império para 1828, era de cento e cinco contos anuais a quota relativa à administração dessas propriedades.

No tralhalhaz do queijo governamental morderia Boaventura Delfim Pereira, apresentando as suas contas de saques para que o Tesouro Público sem tugar nem mugir as saldasse, segundo a expressa determinação dos decretos de 26 de setembro e de 30 de dezembro de 1825, reiterados por ofícios consecutivos de Estevão Ribeiro de Rezende, Mariano da Fonseca e visconde de Barbacena.

“Nada pior para o amor do que lhe nascer outro ao pé. Uma residência nobre, na ladeira da Glória, abria freqüentemente as portas de par em par ao Imperador, grande afeiçoado às devoções da Senhora da Glória e apreciador incorrigível das ceiatas e bons ditos. O sol, pondo-se em face da Quinta da Boa Vista, parecia renascer no Outeiro”...

“Ao pé da colina onde um eremita sensibilizou fiéis a ponto de certo feudatário erigir as terras, a que se recolhera o santarrão, em patrimônio do

eremitério, morava o barão de Sorocaba, que mandara levantar junto de casa outra habitação para servir ao gasalho do hóspede imperial, e tal era a intimidade das relações com D. Pedro I, que, muitas vezes, D. Maria da Glória experimentava forças com a menina Margarida e sendo vencida por esta, não falhava o comentário risonho do pai à filha menos forte: - “És uma pamonha!”.

“Em data fixa se festejava anualmente a padroeira da poética capela, erguida no cocuruto da montanhazinha, a vigiar o quebro das vagas e o florir das pitangueiras, com a graça ativa da ave marinha, pousada no ápice de um rochedo. D. Leopoldina e D. Pedro tinham peculiar devoção ao morro gracioso, supedâneo alpestre da rainha dos céus, de pé no Atlântico e coroada de estrelas do trópico.

Todos os sábados D. Pedro e D. Leopoldina costumavam comparecer ao culto da Madona, subindo a ladeira para ouvir a missa e fazer a imagem alvo de especiais atenções e reverências.

Assim, depois da convalescença da queda, em julho de 1823, o primeiro cuidado do casal de soberanos foi agradecer o recém-nascido herdeiro da Coroa”.

“Inevitavelmente a 15 de agosto, os romeiros enchiam os arredores da ermida de bulício festivo. Roqueiras, bandeirolas, repiques, cantochões, bailarinos e lampiões.

Residiam nas proximidades do morro além do barão de Sorocaba, a baronesa de São Salvador de Campos, o abastado tesoureiro da Alfândega José Maria Velho da Silva, Joaquim José Marques, lente da Escola Médico Cirúrgica, o escrivão da Mesa dos Despachos marítimos Júlio César Muzzy, e outros representantes da sociedade carioca.

Celebravam-se nesse arrabalde, por ocasião da festa popular, grandes bailes, cuja tradição de concorrência e brilho se prolongou até os últimos anos do segundo Império.”

“Mas, nesse dia 15 de agosto de 1827 as chuvas não haviam permitido queimar as peças de fogos de artifício que coroava o novenário da Virgem, tendo sido esse divertimento transferido para o domingo seguinte, 19 do mesmo mês.

“O Imperador, que compareceu a esse festejo na Glória, partiu no dia seguinte para Santa Cruz, acompanhado do barão de Sorocaba, intendente dos próprios da Coroa”.

“Foi na noite de 23 de agosto que D. Maria Benedita Delfim Pereira, baronesa de Sorocaba, na entrada de sua casa para a qual regressava, deparou-se com um dos oficiais íntimos de sua irmã, a marquesa de Santos, o qual oficial em companhia de José de Castro lhe desfechava um tiro que felizmente se perdera, atravessando a carruagem.”

“Era D. Maria Benedita, segundo Marschal, *“ce qu’on appelle vulgairement une bonne pate de femme”*. Afirmava também esse ministro que a Marquesa tinha em relação à sua irmã Sorocaba *“de temps à outre des accès de jalousie très fondée”*²⁸.

Chegando de Santa Cruz a 25 de agosto e tendo sido informado do que se passara na Corte, por um expresso que D. Maria Benedita enviara a seu marido, ficou D. Pedro completamente senhor de todos os pormenores do acontecido.”

“Furioso, o Imperador demitiu no dia seguinte à sua chegada a Alberto de Aragão, íntimo da Marquesa, e Intendente de Polícia. Foi com efeito esse 26 de agosto um dia de juízo.

Nessa data D. Pedro comunicava à Marquesa, por intermédio do bispo de São Paulo, que devia partir para a Europa no navio português “Treze de Maio”, que se achava no porto.

Poderiam acompanhá-la os irmãos Pedro e José e bem assim lhe seria conservada a pensão que lhe dava o Imperador. A Marquesa, porém, não aceitou os desejos expressados pelo seu amante”.

“À notícia da recusa, D. Pedro pretendeu que Marschal intervisse pessoalmente para domar a refugada, mas o barão se limitou a aconselhar o Imperador ao não pagamento da pensão e o

²⁸ “aquilo que se chama vulgarmente de mulher gostosa” – “frequentemente acessos violentos de ciúmes” (NE)

afastamento do pessoal da camarilha que a sustentava.

Das sugestões do austríaco foi adotada a última, ficando afinal resolvido que a Marquesa seguiria para São Paulo no mês de outubro próximo, visto o melindroso estado de sua saúde de parturiente.”

“E foram recolhidas definitivamente ao Paço as meninas Goiás e Ceará”.



14 - A Marquesa de Santos²⁹

Em 14 de maio de 1812 a cidade de Vila Rica se alvoroçara. Era um corre-corre, toques de clarins e cornetas, retumbâncias de tambores, tropéis de cavalaria em marcha. E isso tudo ainda de madrugada, mal o sol despontara no horizonte daquela terra de montanhas e pedras, hispidas e numerosas, estriadas de veias de ouro.

Um esbelto oficial, alto e louro, acompanhado de um outro, moreno e baixo, de rosto bexigoso, arrastando um espadagão colonial no lajedo da calçada, encaminharam-se para um sobrado do Largo da Matriz, onde se achavam reunidos os membros do Corpo Municipal, o vigário, o ouvidor e demais pessoas gradas da localidade.

Quem eram, porém, esses dois oficiais?

Um, o alto e louro era o capitão da sexta companhia do Regimento de Dragões de Vila Rica, o famoso filho da não menos famosa senhora Marquesa de Alorna - isto é, era o conde João Carlos Ulrico de Oenhausen; o outro, o baixo, moreno, bexigoso era o dono do sobrado do Largo da Matriz, para onde ambos se dirigiam: era o capitão agregado do Regimento de Vila Rica, chefe do Estado Maior, Antônio Caetano Pinto Coelho

²⁹ Não há no Brasil quem não tenha ouvido falar dos amores da marquesa de Santos com o Imperador.

da Cunha, o famigerado capitão Totó Caetano, cavalariano exímio que brilhava nas cavalcadas do Rio de Janeiro, quando houve os festejos comemorativos do casamento da princesa Maria Tereza com o príncipe Gabriel, infante da Espanha.

Tais artes de montaria fizera o mineiro Antônio Caetano nas famosas cavalcadas do campo de Sant'ana, que D. João VI, a pedido da filha casante Maria Tereza, resolveu promover o cavalariano da Vila Rica, então tenente, ao posto de capitão.

Na sala de jantar do aludido sobrado via-se uma grande mesa com uma infinidade de guloseimas: pão-de-ló mineiro, broas de fubá, biscoitos de polvilho, canudos de cocada, quindins, sequilhos, mães bentas, e mais guloseimas que fariam fuzilar de concupiscência e devassidão estomacal os olhos do guloso vigário de Vila Rica.

Logo que os dois capitães entraram, todos se levantaram e o presidente do Corpo Municipal, aboletado numa cabeceira da mesa, foi logo desfiando um discurso de despedida:

- *“Sr. capitão comandante, em nome do povo de Vila Rica, nós, os circunstantes, que tanto vos admiramos, oferecemos nesta hora matinal em que partis para São Paulo com os vossos brilhantes e bravos Dragões, esta modesta e simples homenagem...”*

E por aí ia indo o discurso quando entrou na sala um rapazinho, fardado de alferes, que, em voz baixa, disse qualquer coisa ao ouvido do conde-capitão.

Era ele o seu ajudante de ordens interino, alferes Felício Pinto Coelho de Mendonça, que assentara praça em 1805 e por favor do Príncipe Regente começara a prestar serviços de alferes encarregado no Regimento de Dragões de Vila Rica, em 21 de outubro de 1810.

Depois do recado trazido pelo alferes Felício, o homenageado disse qualquer coisa ao ouvido do ouvidor e este ao do orador, que, com evidente desgosto, fez ponto, com o costureiro “tenho dito”, à sua arenga laudatória.

Era sete e meia da manhã, manhã iluminada e aquecida de escaldante calor. Dia 6 de março de 1819. O alferes Felício recebeu de um pretinho um bilhete anônimo, letra de mulher. Abriu-o e leu esta denúncia:

“Se quiser apurar a verdade sobre a sua virtuosa esposa, vá agora ao lugar chamado “Outeiro da Biquinha” e verá com quem se consola a fascinante Domitila. Quem avisa amigo é”.

Aquilo era demais. Não fora nem o primeiro, nem talvez o último bilhete anônimo. Abandonou o quartel, montou a cavalo e disparou para o

“Outeiro da Biquinha” distante de sua casa cerca de dois quilômetros. E, oh! surpresa das surpresas! Lá estava a esposa, risonha, amável, encantadora.

- *Que é isso, Felício? Deixaste o quartel nesta hora de disciplina?*

- *Deixei sim, e aqui está o motivo,* - respondeu o moço exibindo o bilhete anônimo.

Domitila leu o conteúdo daquela imputação miserável e repugnante, e resmungou, zangada:

- *Felício, isto é demais. Tu sabes muito bem que a parteira me aconselhou que fizesse exercícios recomendáveis ao estado de gravidez. Por isso aproveitei esta manhã para passear, pois a noite temos sempre visitas em casa; e tu também não costumavas sair de noite porque tens parceiros para o “jogo do faraó”.*

- *Mas você não me avisou que viria aqui tão cedo. E aqui, como você sabe, é ponto de encontros amorosos.*

- *Ora não sejas tolo. Tiveste ciúmes do Moraezinho e nem respondi ainda aos cumprimentos dele; tiveste ciúmes do Assis Lorena ao ponto de me obrigares a desfeiteá-lo. Agora só falta teres ciúmes da tua própria sombra. Sabes o que mais? Não me aborreças...*

- *Tenho provas de que você namorou o Moraes e o Lorena e ainda agora está de namoro com o*

Boaventura Pereira, esse canalha que foi nosso padrinho de casamento.

- Pois olhe, para que não penses que tenho medo de caretas de marido ciumento, faça de conta que tudo isso é verdade...

O alferes Felício, tonto de raiva e ódio, num assomo de vingança pessoal, não mais se conteve e bramiu:

- Cachorra sem vergonha, cachorra sem vergonha...

E enquanto espumava de ódio, desferia, com um aguçado punhal, tremendos golpes no corpo da jovem e formosa Domitila.

Nesse mesmo dia o escândalo arrebentou na cidade de São Paulo. E as comadres comentavam:

- Vejam só, o alferes Felício, desconfiando que a mulher estava grávida de um filho que não era dele, tentou matar a adúltera com terríveis punhaladas. Uns dizem que o filho é do Morais, outros que é do Lorena...

- Nem de um, nem de outro - sussurrou uma matrona desdentada, a esquelética D. Chiquinha Alvim. E pigarreando, sugeriu que o pimpolho era do Boaventura.

E todas riram.

D. Glorinha Barros acrescentou:

- Pois vocês ainda não sabem? O Boaventura já era o apaixonado da Domitila quando aqui chegou o Felício. Escolhido para padrinho de casamento, está sendo um bom padrinho da Domitila. Ora se está...

O alferes Felício, três dias depois do crime, saiu de São Paulo com um processo nas costas. Domitila, com os ferimentos cicatrizados, teve meses depois um filho.

Ela jurava que o menino era do Felício. As mexeriqueiras paulistanas também juravam que não era.

O caso é que Domitila, retirada para a casa de sua avó, D. Ana Maria Ribas, continuou bonita, sedutora, elegante, cortejada por todos os galanteadores da Paulicéia.

Brilhava em todas as festas e os rapazes, sempre de olho em cima da mulher do Felício, babavam de gosto quando ela lhes deixava um sorriso fugido de seus brejeiros lábios, através da renda do leque. Chamavam-na de “formosa Titília”.

O próprio vigário geral, monsenhor Andrade, chegou a dizer:

- *Esta Domitila, se quisesse, seria capaz de virar a cabeça até de Santo Antônio. Ela tem feitiço nos olhos...*

Tal galanteria do Monsenhor, rendeu-lhe mais tarde, um bom bispado, pois Domitila fê-lo bispo de São Paulo, quando tinha poderes para fazer bispos e ministros de Estado.

No dia 30 de agosto de 1822, D. Pedro, Príncipe Regente do Brasil, achava-se na colina do Ipiranga a caminho de Santos. Montado em uma grande e ferosa besta baia, envergando uma fardeta azul claro, de polainas altas e chapéu de fita, parecia um condottiero medieval.

De repente estacou. A sua escolta também se deteve. Que era aquilo? Apenas carregada por dois pretos, uma cadeirinha, que seguia em sentido contrário ao do esquadrão do Príncipe. Um lindo rostinho moreno saiu para fora e em voz alta ordenou:

- *Sigam... Que esperam vocês para andar?*

Um dos dragões da frente do esquadrão se aproximou. Era o primo da moça, o alferes-ajudante Mariano José de Oliveira, que mais tarde escreveu as suas “Memórias” contando os episódios deste encontro. E foi logo dizendo:

- *Boa tarde, prima Domitila...*

- *Boa tarde, primo Mariano...*

- *Olhe, prima, os seus negros têm que recuar para dar passagem ao esquadrão do Príncipe Regente...*

- *Ah! É D. Pedro? E esse galante príncipe tem coragem de perturbar a viagem de uma dama?*

O Príncipe que já se apeara e ouvira a deliciosa voz de tão sedutora mulher, ali mesmo se derreteu em galanteios:

- *Não, minha dona, o Príncipe seria incapaz disso. Olhe, o Príncipe, diante de uma dama como esta, vai carregá-la com prazer.*

Em seguida, virando-se para o alferes Mariano, ordenou-lhe que segurasse nos varais de trás, enquanto ele, D. Pedro, se agarrava aos da frente. E carregaram a cadeirinha para um desvão da estrada.

Risos da moça, bravos e palmas dos Dragões. Domitila, comovida, murmurou:

- *Oh! Alteza, nunca supus que fosse um homem com tamanha força muscular. Sabia-o forte na força do coração...*

- *Pois, minha bela e encantadora paulistana, há de experimentar essa força do coração... Sua imagem já está sendo carregada por esse coração que sabe ter muita força. Há de ver... há de ver...*

Nessa noite de 30 de agosto, depois do Te Deum na Igreja dos Jesuítas, junto ao Palácio do governador de São Paulo, D. Domitila recebia do secretário do Príncipe, o famigerado Francisco Gomes, vulgo “Chalaça”, um bilhete pedindo encarecidamente um encontro reservado. E esse foi concedido.

Chovia, essa chuva impertinente e demorada das alti-planuras paulistanas.

No quarto de Domitila, na antiga rua do Ouvidor, hoje José Bonifácio, D. Pedro, em frente da formosa e cativante paulistana, conversava coisas de amor, enquanto a bela procurava encaminhar o assunto para a política.

- *Então, Domitila, aceita o meu coração?*

- *Alteza, é honra demasiada para mim. Como já sabe, fui apunhalada no corpo por meu marido e apunhalada na alma pela maledicência pública. Dizem coisas horríveis sobre minha honra...*

- *Ora, tudo isso não tem importância... Arranjarei a anulação do seu casamento e depois...*

- *Alteza, prefiro conversar sobre a política. Então, como vai ficar o Brasil? Será recolonizado?*

- Isso nunca, Domitila... Os homens que, em Lisboa, atormentam o meu pobre e velho pai, costumam referir-se a mim, chamando-me, com desprezo, de “rapazinho do Brasil”. Eles verão o que vale o “rapazinho”... Mas, isso não vem ao caso, Domitila. Nesse momento o seu amor, para mim, é maior do que o Brasil, do que Portugal, do que tudo...

- Príncipe, contenha-se um pouco. Olhe que eu o recebi com o seu juramento de não falar de amor, nem de se fazer amoroso...

- É verdade, mas...

- Alteza, deus lhe pôs agora nas mãos os destinos do Brasil. Meu pai me disse hoje que se Vossa Alteza não fizer a Independência de nossa pátria, a recolonização será fatal... Aqui em São Paulo, no Rio, na Bahia, em Minas, por toda a parte, os agentes das Cortes procuram humilhar o Brasil e desprestigiar Vossa Alteza.

- Domitila, juro-lhe que o Brasil não será recolonizado.

- Então faça a Independência... Vossa Alteza será o nosso Rei ou nosso Imperador. Seu nome ficará imortal na História dos Povos como o do grande Duque de Bragança, ou o do glorioso Afonso Henrique. Vossa Alteza será o criador do Império Americano do Brasil... E eu serei escrava desse grande Imperador.

D. Pedro avançou para Domitila, tomou-a nos braços, beijou-a ardentemente, e nos arroubos de uma paixão vulcânica exclamou:

- Pois seja como você deseja e quer. Eu serei o Imperador do Brasil. E você, minha adorada Domitila, não será a escrava desse Imperador, porque já é a dona do meu coração.

E dias depois D. Pedro fez o Império do Brasil. E Domitila, desde essa noite de 30 de agosto de 1822, foi a rainha do coração de D. Pedro, por sete anos.

E foi assim que D. Pedro reinou no Brasil enquanto Domitila reinava no coração de D. Pedro...

Dos seus amores com Domitila D. Pedro teve filhas, a quem legitimou ostensivamente, dando-lhes títulos de nobreza.

Eis um desses documentos:

“Declaro que houve uma filha de mulher nobre e limpa de sangue, a qual ordenei que se chamasse Dona Isabel Maria de Alcântara Brasileira, e a mandei criar em casa do gentil-homem de minha Imperial Câmara, João de Castro Canto e Melo. E

para que isto a todo o tempo conste, faço esta expressa Declaração, que será registrada nos Livros da secretaria dos Negócios do Império, ficando o original em mãos do mesmo gentil-homem da Imperial Câmara para ser devidamente entregue a dita minha filha, como seu Título.

Palácio do Rio de Janeiro, vinte e quatro de maio de mil oitocentos e vinte e seis, quarto do Império e da independência.
Imperador”.

Assim reconhecidas as filhas adúlteras, após o período de lactação, eram, batizadas com as mesmíssimas solenidades dos filhos legais, e passavam a figurar em todas as festas do Paço, ao lado da Imperatriz e dos filhos legítimos.

A esse respeito conta um historiador do Império:

“Vieram os filhos desse conúbio e o Imperador, porque os anos e as responsabilidades do cargo lhe amenizassem a índole quase selvagem, ou porque obedecesse à transformação que a paternidade opera nas almas rijas e aflitivas, compreendeu o indeclinável dever de disfarçar o passado, elevando a mulher amada para que ela pudesse chegar depurada por um título de nobreza aos degraus do trono, dignificando assim o ventre onde o sangue real engendrara príncipes e enfrentando franca e corajosamente todas as consequências de seus desvarios.

Após solene batizado, a infante Duquesa de Goiás foi, por ordem do Imperador, levada ao Paço, para que a Corte se curvasse reverente ante a filha da amante; e para que fosse mais solene e completo o reconhecimento da filha adúltera, apresentaram-na à Imperatriz que, fiel ao compromisso de holocausto dos direitos de mulher aos deveres de esposa de um monarca, beijou, com carinho, a pequena duquesa, dizendo-lhe entre lágrimas:

- *Você não tem culpa.*

Numerosas foram as vezes em que Bonifácio levava um decreto de nomeação para um candidato seu, geralmente pessoa de mérito, e recebia ordem de o inutilizar e fazer outro, porque Sua majestade já prometera a Domitila nomear um parente ou protegido da mulher amada.

A audácia da moça paulistana era tamanha que chegou a organizar no Rio de Janeiro um batalhão de paulistas, cuja oficialidade era gente que lhe obedeceria ao menor aceno, fosse contra quem fosse.

Dizia o povo ao vê-lo passar, sempre com fardamento novo, garboso e magnífico:

- *É o batalhão da Domitila...*

Em 17 de julho de 1823, pouco depois do aparecimento de Vésper, o Ministro resolveu pôr as cartas na mesa e jogar o jogo franco, ganhasse quem ganhasse.

O imperador estava quase refeito de uma sova que tomara, com a conseqüente fratura de duas costelas.

O Ministro entrou. Lá estava no Palácio a rival política, a Pompadour brasileira. Fora ela pedir clemência à Sua Majestade para os presos e exilados políticos.

Deu-se o choque que se tornara inevitável.

- Conselheiro, lavre o decreto de anistia para todos os paulistas e fluminenses que estão sendo processados...

Retorquiu o Ministro:

- Permita Vossa Majestade que lhe diga: Se prometeu isso, fez mal. Vossa Majestade tem o direito de perdoar a condenados e não de impedir às autoridades que cumpram o seu dever. Quero e exijo que não me desprestigie... depois de sobre eles sentenciarem os juizes, usará Vossa Majestade o direito que tem de “perdoar”.

Domitila, em uma sala vizinha, em frente a um grande espelho florentino que lhe fronteava, revia-se, estudando o melhor sorriso para o remate do duelo. E brincando com o seu lindo leque de

marfim, marchetado de ouro, antegozava o triunfo final.

D. Pedro I que se recostava no leito, esperou o “sim” do Ministro.

Após um silêncio de minutos, em que sua alma de patriota se dilacerava de dor e indignação por constatar a existência do pompadourismo no Brasil, José Bonifácio explodiu, não suportando mais a pressão de sua cólera:

- Senhor, estou cansado de aturar as intrigas de uma cortesã. No coração de Vossa Majestade deveria estar a sua esposa, santa e boa, e não uma concussionária. Recuso e deponho nas mãos de Vossa Majestade o cargo de Ministro. Faça dele o que quiser.

Mal curado ainda da “tunda” que lhe quebrara a costela, o jovem Imperador, irado, contemplou fixamente o velho Ministro.

Um era a encarnação da majestade do Amor, ofendido naquilo que tinha de mais amado; o outro era a realeza do caráter de um patriota, ferido na sua altivez.

D. Pedro, então, em soluços de furor, clamou:

- Já lhe chamei em 30 de outubro do ano passado - meu amigo e agora...

O Ministro José Bonifácio interrompeu:

- “... e agora quem me julga é a minha consciência e não Vossa Majestade...”

O Imperador deu dois passos em direção ao Ministro e, bem perto dele, quase ao seu ouvido, murmurou:

- *O que agora lhe salva a vida pelo insulto a essa mulher que amo, é a sua velhice, é o seu grande patriotismo, é o devotamento que teve sempre, pelos meus e por mim.*

Nessa noite, cabisbaixo, vencido, com duas profundas rugas na fronte como a indicar a tormenta que se desencadeara naquele assombroso cérebro de sábio, José Bonifácio foi para casa.

E ao descer a escadaria de São Cristóvão encontrou-se com o seu amigo, o camareiro-mor Pedro Dias, que assim o interpelou:

- *Então, Sr. Ministro, que houve?*

- *Meu amigo, não sou Ministro, nem o serei jamais. Perdi o Ministério, mas ganhei a minha liberdade. Para o Imperador mais valem os enleios de uma mulher bonita do que os meus conselhos; e para mim, tenho em melhor conta a satisfação do dever cumprido do que os favores do monarca.*

E partiu.

Da escadaria do paço de São Cristóvão, com os olhos, o camareiro Pedro Dias acompanhou o ex-

ministro. Depois, quando ele desaparecia, ao longe, nas aléias do parque, murmurou para si mesmo, meneando a cabeça:

- *Ninguém pode com a paulista.*

Pedro I estava em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Três dias antes da morte da Imperatriz, achando-se à sua cabeceira sua grande amiga Marquesa de Aguiar, disse-lhe D. Leopoldina que sempre amara D. Pedro e sempre fora amada por ele.

Só a mocidade impetuosa e desenvolvida pela descuidada educação moral dada pelos seus professores e progenitores, o atirara à senda das paixões, incitado por maus amigos, e desencaminhado do lar doméstico por criaturas que talvez também o amassem tanto quanto ela.

Mas, acrescentou, com lágrimas nos olhos, tudo isso lhe perdoava e sentia que ele ali não estivesse, naqueles últimos instantes de sua vida tormentosa.

Concluiu recomendando à amiga que dissesse à Marquesa de Santos, a quem tanto D. Pedro amava, procurasse corrigir os defeitos do Imperador, dando-lhe bons conselhos.

E entre soluços, tomando nas mãos a linda cabecinha da Duquesa de Goiás, filha da Marquesa e D. Pedro I, que fora visitá-la, balbuciou, sincera e santa:

- Tu Isabel, apesar de seres filha “dela”, que tanto mal me fez, também és filha “dele”, e, por isso eu te quero bem como se fosses minha própria filha. Que Deus te abençoe e te faça feliz.

Este episódio tornou-se público e consternou sobremaneira a população.

A Marquesa de Santos, sabendo do acontecido, quis fazer as pazes com a Imperatriz no seu leito de morte, e foi visitá-la.

Já transpusera a porta dos aposentos imperiais, quando a viu o marquês de Paranaguá, ministro do Império, que se achava junto ao leito. Rapidamente se voltou para a entrada e indicando a saída do quarto disse categórico e resolutivo:

- Saia, senhora Marquesa. Não consentirei que, com a sua presença indesejada, insulte nos seus últimos instantes de vida a minha imperatriz. Respeite na morte a quem não soube respeitar em vida.

- Ficarei aqui, - respondeu arrogantemente D. Domitila.

- Não ficará.

- E se ficar?

- *Mandarei prendê-la, com a minha autoridade de ministro do Império.*

- *E depois?* - murmurou a formosa e afoita marquesa.

- *Depois? Antes que o Sr. D. Pedro regresse do Rio Grande, V. Excia. Será sumariamente processada e condenada. Assim como o marquês de Pombal mandou cortar a cabeça da marquesa de Távora, com os seus quatro séculos de fidalguia, somente porque desrespeitou a rainha de Portugal, e, Ministro do Império do Brasil, mandarei enforcar na praça pública a senhora marquesa de Santos, com os seus quatro anos de fidalguia, por ofender à minha Imperatriz agonizante. Saia, senhora, eu ordeno. Agora, quem manda aqui sou eu.*

A marquesa de Santos saiu; porém, quando, em 16 de janeiro de 1827, D. Pedro desembarcou no Rio, de regresso do Rio Grande, quem saiu do Ministério foi o Marquês.

Conta-se que o ministro, interpelado pelo Imperador, depois do seu regresso, se teria tido coragem de mandar enforcar a Marquesa, caso ela não saísse do quarto da Imperatriz, ele respondeu afirmativamente:

- *Se não saísse seria presa e enforcada sumariamente por crime de lesa-majestade.*

D. Pedro com aquela bom humor que jamais o deixava, retrucou imediatamente:

- *E eu, no meu regresso, enforcaria sumariamente um Ministro por crime de lesa-beleza.*

Rindo, acrescentou:

- *Agora, meu amigo, para que jamais apareça motivo de perigo para o seu pescoço, eu o dispenso do Ministério. A um ministro enforcado, prefiro um ministro esquecido...”*

De cabeça erguida, nobre e hierático, digno e orgulhoso, o marquês de Paranaguá olhou o imperador e saiu, entristecido por ver um chefe de estado preferir uma formosa mulher, aos conselhos de um consciencioso ministro.

Aliás, era a eterna história de Dalila e Sansão.

E D. Pedro costumava dizer que se os reis governavam os povos, eram também governados por um tirano implacável: Sua Majestade o Amor...

Em 1826 o Imperador se tornara profundamente impopular. Os corsários que sulcavam as águas brasileiras, aprisionando embarcações com a nossa bandeira, causavam sérios prejuízos ao comércio.

O recrutamento em massa, feito violentamente, lançava o ódio das famílias contra Sua majestade.

Os insucessos e derrotas infligidas pelos uruguaio e argentinos contra as nossas tropas do sul, feriam a susceptibilidade patriótica do povo, que atribuía tudo isso à inépcia do general visconde de Barbacena, comandante em chefe do nosso exército em operações de guerra no sul.

Afrouxara a campanha da Cisplatina, e o território da província insurrecta estava em sua quase totalidade dominada pelos uruguaio e pelos seus aliados argentinos.

Os brasileiros, desanimados, ocupavam apenas uma estreita faixa que ia da Colônia do Sacramento até Maldonado, incluída a cidade de Montevidéu.

A própria povoação de Maldonado, ponto estratégico de primeira ordem, já tinha sido ocupada pelo caudilho Lavalleja, que dirigia, como comandante, uma tropa de 8.000 guerrilheiros.

As guarnições brasileiras de “Ponta de Leste” e da “Ilha de Gorite”, com o auxílio da marinhagem da nossa esquadra, conseguiram recuperar a vila tomada, porém havia sérios receios de novos ataques.

As tropas brasileiras acampavam em Bagé e em Santana do Livramento, com várias divisões de milicianos, espalhados desordenadamente, mal disciplinados e mal armados, em São Borja, Uruguaiana e proximidades do Rio Quaraim.

Os insurrectos da província Cisplatina e os seus amigos argentinos preparavam-se para uma ofensiva decisiva, reorganizando e provendo as suas tropas.

O caudilho Lavalleja resolvera passar o comando do exército republicano ao general platino D. Carlos de Alvear, que era então o melhor cabo de guerra de Buenos Aires.

Esse novo comandante em chefe, assumindo o seu posto em Durasno, transferiu o seu quartel-general para a vila de Pueblesito, na margem do Rio Negro, avançando-o depois para Taquaraembó-Guaçu.

Nações estrangeiras, como a França, os Estados Unidos e a Inglaterra favoreciam visivelmente os inimigos do Brasil, com o qual provocaram incidentes diplomáticos, sujeitando-o a humilhações, que irritavam o povo do Rio de Janeiro.

Era essa a situação do país quando o Imperador, ameaçado de uma revolução republicana na própria capital do Império, resolveu ir ao Rio Grande do Sul para, pessoalmente, assumir a direção dessa guerra nefasta e infeliz.

Com esse fim mandou preparar a corveta “D. Pedro” e mais seis navios de guerra, guarnecidos de tropas e munições, determinando o dia 24 de novembro de 1826 para a partida.

Chegou afinal o dia 24. O Imperador preparava-se para o embarque. Em São Cristóvão estavam ao seu lado a Imperatriz Leopoldina e a primeira dama do Paço, senhora Marquesa de Santos.

D. Pedro despediu-se dos amigos e dos filhos, abraçou e beijou a esposa, que estava grávida, e ao se dirigir à amante, disse-lhe qualquer coisa ao ouvido, dito que provocou na comborça paulista um sorriso cascadeante.

A Imperatriz, que estava lavada em pranto, revoltou-se e explodiu:

- Isto é demais! Esta mulher não respeita nem as minhas lágrimas. Eu vou pôr fora do Palácio esta sujeita atrevida. Não posso mais... não posso mais...

E avançou para D. Domitila. As duas mulheres, uma a esposa e a outra a amante, olharam-se de frente: Domitila calma e sorridente; a Imperatriz, irada e chorosa.

Falou a esposa:

- Eu sou a esposa de Pedro. Ele há de ser sempre meu, embora tu m'ó queiras roubar...

A Marquesa, com ar risonho, calmamente, retrucou:

- Majestade, eu sou apenas a primeira dama do Paço. A gravidez de Vossa Majestade Imperial perturba o seu espírito com esses delírios.

D. Leopoldina não se pôde conter e esquecendo-se de ela era a Imperatriz, que tinha diante de si a primeira dama do Paço, esbofeteou, diante do próprio Imperador que se despedia, a mulher que a insultara com o seu sarcasmo, e que lhe roubara o coração do esposo bem amado.

D. Pedro, brutal e raivoso, ao ouvir o estalido da bofetada que a sua esposa aplicara nas lindas faces de D. Domitila, arremeteu contra a Imperatriz, segurando-lhe os pulsos e gritando-lhe:

- Pois fique sabendo, Leopoldina, que essa mulher é mãe de filhos meus e dona do meu coração.

E atirou a esposa de bruços aos pés da primeira dama do Paço.

Dali foi a Imperatriz carregada para o seu leito, onde teve um parto prematuro, de cujas conseqüências veio a morrer dias depois, em princípios de dezembro.

E enquanto a esposa ficava nos seus aposentos, cheia de dores e de lágrimas, D. Pedro carregava com a Marquesa de Santos até o cais, e aí, em 24 de novembro de 1826, dela se despedia com um apaixonado beijo, deixando aos seus Ministros especiais recomendações de respeito e zelo para com ela. E partiu para o sul.

Ao chegar em Santa Catarina, no dia 29 de novembro de 1826, lembrou-se cheio de remorsos,

da boa e santa esposa, e cheio de amores saudosos, da formosa Domitila.

E a ambas escreveu as seguintes cartas, na mesma hora, no mesmo local e com a mesma pena, porém com sentimentos diferentes:

(À D. Domitila): Às 17h e 30m

Santa Catarina, 29 de novembro de 1826.

Minha querida filha e amiga do meu coração.

Neste momento fundeamos com muito boa viagem e com o comboio todo junto ao largar ferro caiu um Pampeirete com trovoadas, mas fraca. Esta manhã às 9 horas avistamos uma corveta com bandeira francesa, demos-lhe caça por 2 horas e meia, e não entrando com ela pois andava mais, voltamos a entrar com o Comboio. Mande o Pássaro por excelência que é a fragata Isabel que tendo este nome não podia ser má e anda muito, e tenho sobejas esperanças que seja agarrado o tal inimigo que é uma linda corveta, e esteve tão perto da nau como pode ser de tua casa a ilha da Cachaça.

Pretendo partir, se Deus quiser, depois de amanhã para o Rio Grande pois assim farei que com mais facilidade a tropa se vá incorporar ao Exército.

Não te posso minha filha explicar as acerbadas saudades que dilaceram o coração do teu constante, fiel saudoso filho.

Nada mais digo senão que sou só teu, e do mesmo modo quer esteja no Céu, no Inferno, ou não sei aonde.

Tu existes e existirás sempre em minha lembrança, e não se passa um momento que meu coração não doa de saudades tuas, e da nossa querida Bela, em quem darás mil beijos e abraços de minha parte.

Recomenda-me a tua mãe, a Nhá Cândida, e acredita que sou o mesmo teu amante, filho, fiel, constante, desvelado, agradecido, e verdadeiro, e saudoso por estar de ti ausente.

O Imperador.

(À D. Leopoldina): Às 17h e 30m

Santa Catarina, 29 de novembro de 1826.

Minha querida Esposa do meu coração.

Agora neste momento fundeamos com muito boa viagem, e o comboio todo junto, e ao largar ferro caiu um Papeirete com trovoada mas fraca. Esta manhã às 9 horas avistamos uma corveta com bandeira francesa, demos-lhe caça por duas horas e meia, e não entrando com ela pois ela andava mais, voltamos a entrar com o comboio, e mandei o Pássaro por excelência que é a fragata Isabel que anda muito, e tenho sobejas esperanças que seja agarrado o tal amigo que é uma linda corveta.

Pretendo partir para o Rio Grande por ser assim mais conveniente para fazer ir a tropa com brevidade para o Exército.

Agora só me resta patentear-lhe por este modo as acerbos saudades que tinha da Imperatriz que pode contar que é amada do fundo do coração. Deste seu esposo amante e saudoso.

Imperador

P.S. - Abraços e beijos em todos os nossos queridos filhos, e conte que quanto mais depressa eu puder lá estarei.

Ao ouvir, no seu leito de morte, a leitura da carta do esposo que partira para a guerra, a Imperatriz Leopoldina, debulhada em lágrimas, e apertando a mão da amiga e confidente, a marquesa de Aguiar, disse-lhe:

- Coitado do meu querido Pedro, ele se arrependeu do que me fez ao partir e está se lembrando de mim. E vou morrer, minha amiga, e vou morrer tão longe dele e pensando sempre nele. E apesar de tudo o que aconteceu, ele ainda continua a ser meu...

Do outro lado, no seu Palácio, a Marquesa de Santos, sorridente e alegre, beijava a carta em que o amante imperial pusera um pedaço do seu coração apaixonado e murmurava para a mãe:

- *Está vendo, minha mãe, como o Imperador é todo meu?!*

E ambas não foram sempre do Imperador: a esposa foi roubada pela morte e a amante... pelo fastio.

A Condessa de Iguaçu, num manuscrito intitulado “*História da filha bastarda do Sr. D. Pedro I*”, escreveu este relato:

“Desde o ventre de minha mãe principiei a sofrer. Estando ela grávida de mim com dois meses, quis meu pai matá-la, dizendo que eu não era sua filha. Então meu tio José de Castro pondo-se na porta do quarto de minha mãe na ocasião em que meu pai queria entrar, embargou os seus passos e perguntou-lhe onde ia. E meu pai respondeu:

- Matar aquela que diz estar grávida de mim, não sendo minha a criança...

Então meu tio lhe disse:

- Sr., se o filho ou filha que minha irmã tiver não for seu, eu lhe dou a minha cabeça.

Nessa mesma ocasião que se passa isto que acabo de contar, meu pai mandou minha mãe e toda a família para São Paulo, em 1829.

Eu nasci em 28 de fevereiro de 1830”.

Assim se acabaram os amores de D. Pedro I com Domitila, numa tentativa de assassinato por denúncias do Marquês de Barbacena, do Chalaça, do Marquês de Paranaguá e outros, os quais convenceram D. Pedro de que a Marquesa de Santos lhe era infiel.

Conta-se que D. Pedro, recebendo uma denúncia positivada, foi inesperadamente à casa da marquesa e lá encontrou um homem, oficial do Exército, a quem chicoteou na face e que esse militar, sacando do seu revolver, alvejara o Imperador, indo a bala, desviada do objetivo, furar um quadro a óleo que estava na parede. O cronista Alberto Rangel refere-se a esse caso.

Pouco antes de cair no esquecimento imperial, Domitila teve o seu último triunfo. Esteve com o diadema de Imperatriz na cabeça e recusou-o, atirando-o aos pés do Imperador.

“O dia 24 de maio de 1829 foi solenizado, - diz um cronista, - de modo excepcional e grandioso no Paço de São Cristóvão, na sala dos Estrangeiros, onde não havia nem trono, nem dossel. Compareceu todo o mundo oficial, funcionários, senadores, deputados, oficiais, familiares e gente do povo”.

“A Marquesa, ornada de mantô, recamada de pedras preciosas, plumas e sedas extraordinárias, deixara a sociedade das famílias, que desde onze

horas da manhã se entretinham com a Viscondessa de Castro, no salão nobre do palacete de São Cristóvão.

Cingia-lhe o alabastro do colo a cadeia de ouro em que se cravava em cada elo o nome de D. Pedro e da qual pendia na moldura de brilhantes o retrato do imperante e amado.

O coronel de Infantaria conselheiro João Valentim de Faria de Souza Lobato, vogal e secretário de Guerra do Conselho Supremo Militar e da Justiça, porteiro e guarda-joias, esperou na entrada principal do palácio a espaventosa fidalga para lhe abrir a portinhola da carruagem.

Era esta puxada por seis cavalos em que se escarranchavam sotas. À chegada da dama triunfante, pelas três horas da tarde, ao pé da escada central, como para lhe sublinharem a imponência, as músicas tocaram, as guardas prestaram continência, as bandeiras inclinaram-se.

Entre filas de arqueiros em grande uniforme, sobrecasaca realçada do talabarte branco, calças verdes e meias de seda branca, perfilados com alabardas e floretes, passou a paulistana, despeitorada e magnífica, levada pelo braço do camarista de semana e precedida de Souza Lobato à presença do monarca e dos filhos, em cujo grupo se achava a Goiás.

O Imperador ofuscava nas insígnias e opulentos bordados do uniforme, entre as meninas paramentadas com luxo.

A Marquesa osculou a face da duquezinha, tendo beijado a mão de D. Pedro e das princesas. Os amantes trocaram algumas palavras cerimoniais.

A Marquesa convidou o Imperador para uma chávena de chá, à noite, na rua Nova. D. Pedro aquiesceu, e, rompendo os rigores formalísticos da etiqueta, acompanhou-a ao alto da escadaria de saída.

Durara uns dez minutos a cerimônia esquipática³⁰, o bastante para divertir e estatelar testemunhas e cronistas.”

“Na casa da marquesa prolongaram-se num bródio os júbilos da jornada. O dia cheio custara-lhe por sua parte dezesseis contos de réis. O banquete foi servido provavelmente na baixela de prata com que o Imperador a presenteara, tendo sido o convite para ele datado de três dias antes e impresso em caracteres itálicos.

“O marquês de Cantagalo e o de São João da Palma refestelaram-se nas cabeceiras da mesa opípara”.

³⁰ Extravagante (NE)

“Às oito da noite, apresentou-se o Imperador, que se apeou à porta do palacete de São Cristóvão, onde os cavalheiros o esperavam.

No patamar do topo da escada formava o enxame taful³¹, perfumado e comovido das senhoras. Aí o Imperador estendeu a destra aos lábios dos vassalos, honrados na distinção. Em seguida, deixou-os à vontade.”

- Sans façon, en liberté, - ordenou D. Pedro, gozoso na apoteose das luzes e no sussurro da festa luculenta³².

Para romper o baile se iniciou a contradança de cerimônia, marcada por D. Pedro ao lado da Marquesa. O mestre de dança Luiz Lacombe tomava parte irrepreensível na quadrilha, regulando-lhe as medidas e passadas protocolares. Francisco Gomes provocaria a hilaridade do par...

Durante a noite, entre os refrescos e as guloseimas, circulou por entre os convidados a subscrição para os cento e quarenta e oito emigrados portugueses, chegados quatorze dias antes na galera dinamarquesa “Cecrops”, sendo a lista apresentada de supetão pelo Chalaça, nos derrengues e saracoteios da fúria dançatriz.

“Nessas horas escandalosas de luminária e baile atingiria a Marquesa de Santos, senão os mais

³¹ Festeiro (NE)

³² Que esbanja luxo (NE)

altos, os mais espalhafatosos e aparentes píncaros de sedução e de ascendência.

O agente espanhol Delavat não deixou de consignar: *“En el mês anterior, el día del aniversario del nacimiento de la Duquesa de Goyaz, Hija que tiene dicto Augusto Señor com la Marqueza, hubo una gran comida y baile en la casa de la ultima, a que assistió la mayor parte de la Corte, a la eception del Cuerpo Diplomático y el Emperador rompió el baile com la Marqueza”*.

O agente da Suécia na véspera das festanças confessava aturdido: “A influência desta última (Marquesa de Santos) é mais do que nunca o foi.

Mas, a elevação de D. Domitila à Duquesa nesse dia 24 de maio, segundo o boato a que se refere o diplomata, havia-se frustrado”.

“Essa fase de prestígio de D. Domitila é instantânea, lembrando o crepitar da chama, no capricho de dar mais brilho ao apagar-se...

Ainda a 29 de maio D. Pedro enviava à D. Domitila um bilhete de gracejo libertino, e, para anteceder a assinatura de um floreio de vênia, espichava-lhe o cumprimento insano: “Teu filho amigo e amante até a morte”, que ele reproduziria em outro recado no mês seguinte”.

D. Pedro resolvera casar-se com Domitila. O baile de 24 de maio de 1829 foi o preparativo público, pois as formalidades religiosas estavam prontas.

O Imperador redigira um decreto, elevando a Marquesa de Santos às honras e prerrogativas principescas, dando-lhe o título de Duquesa. Os Ministros estrangeiros já tinham tido conhecimento do cerimonial.

No dia 25, às três horas da tarde, no Palácio de São Cristóvão, reuniram-se os Ministros de Estado, os presidentes da Câmara e do senado.

Além desses aí se achavam o Padre Feijó, representante dos políticos do Sul e o Dr. Holanda Cavalcanti, representante dos políticos do Norte.

D. Pedro, tendo ao seu lado a Marquesa de Santos, expôs o assunto:

- Reuni os senhores aqui para lhes comunicar o meu desejo de casamento com a Marquesa de Santos. Todos os preparativos religiosos estão prontos. O cerimonial está determinado. O Corpo Diplomático ciente. Espero que o povo brasileiro, neste momento representado pelos Ministros de Estado, pelos presidentes do Senado e da Câmara, e pelos chefes do Sul e do Norte do país, digam qualquer coisa, exponham qualquer observação.

O Padre Feijó levantou-se, encostando-se à janela que dava para o arvoredo do parque e disse:

- Majestade, eu posso garantir ao meu Imperador que existe dentro das próprias tropas imperiais um conluio para assassinar a Senhora marquesa se tal consórcio se realizar.

- *Senhor Padre Feijó, - observou a Marquesa de Santos - a minha vida tem sido ameaçada desde que vim de São Paulo para cá.*

Em seguida abriu o seu leque de plumas e sorriu desdenhosamente.

O Imperador, enfurecido, retorquiu:

- *Por um motivo igual assassinaram Inês de Castro e meu antepassado no trono português, o rei D. Pedro, arrancou com as próprias mãos, pelas costas, o coração do assassino. Eu faria o mesmo ao assassino e aos seus instigadores e alimentaria os cães vagabundos e lazarentos do Valongo com os corações desses miseráveis.*

- *Majestade, - atalhou o Dr. Holanda Cavalcanti, - o Norte todos e organizou para se separar do resto do Brasil, com o apoio da França e dos Estados Unidos, se esse casamento se realizar. Tenho elementos para garantir a V. M. que Minas Gerais se ligará ao Norte se o Sul apoiar esse casamento.*

- *Pois que se levante o Brasil inteiro. Se uma fredegonda se tornou Imperatriz da Alemanha; uma Leonor Telles, rainha de Portugal; uma Catharina, Imperatriz da Rússia; uma Ana Bolena, rainha da Inglaterra; uma mulata da Martinica, Josephina, Imperatriz da França, por que eu não poderei fazer de uma brasileira a Imperatriz do Brasil? Acaso Luiz XIV não se casou com Madame de Maintenon contra a vontade de seus súditos? A essas razões de Estado eu imponho as soberanas razões do meu coração. Fiquem os senhores*

avisados que já lavrei o decreto concedendo o título de Duquesa à Domitila, para fazê-la em seguida Imperatriz do Brasil. E ninguém neste mundo será capaz de se opor à minha vontade, porque só a morte impedirá a realização desse casamento.

Os representantes da Nação entreolharam-se, pálidos e vencidos, e baixaram a cabeça.

D. Pedro, virando para o Ministro dos Negócios do Império, ordenou:

- Leia, Sr. Ministro, o decreto que dá à Domitila de Castro o título de Duquesa com as honras e tratamento de Alteza.

O Ministro do Império leu o decreto e passou o título a D. Pedro que, por sua vez, o pôs nas mãos da Marquesa de Santos.

Domitila, ofegante, trêmula, nervosa, deteve-se um instante e beijou as mãos do Imperador.

- Senhor Ministro dos Negócios do Império, publique o texto deste decreto no Diário do Governo e faça as comunicações públicas e protocolares do casamento. E agora há quem se oponha a esse casamento?

Domitila avançou para D. Pedro e disse-lhe;

- Senhor, há quem se oponha a esse casamento.

- Quem?

- *Eu, Majestade. Depois de ser sua amante, recuso ser sua esposa. Não por medo das ameaças de morte transmitidas pelo Sr. Padre Feijó. Eu sei que se Vossa Majestade me fizer sua esposa, algumas nações estrangeiras darão apoio ao levante do Norte contra o Sul. O Norte foi preparado para a separação com o apoio da França e dos Estados Unidos pelo Sr. Holanda Cavalcanti que é o chefe ostensivo dessa coligação. Virá a guerra civil. E ao prazer de me sentar ao lado de Vossa Majestade como Imperatriz, dando motivo à guerra civil e ao desmembramento da minha Pátria, eu prefiro continuar a ser a Marquesa de Santos, amiga do Imperador D. Pedro I. Aqui está o título de Duquesa com os foros de Alteza, prelúdio do casamento.*

- *Então tem medo, Marquesa?* - perguntou D. Pedro.

- *Tenho medo, Majestade, de afligir o Brasil, destruindo a unidade nacional...*

Dominado pela emoção, com os olhos cheios de lágrimas, D. Pedro, na presença dos homens notáveis que o cercavam, abraçou a Marquesa de Santos e beijou-a longamente.

O historiador Alberto Rangel escreveu que era notório o desejo que tivera D. Pedro de casar-se com a Marquesa de Santos, achando-se já a cerimônia do casamento com os seus pormenores litúrgicos.

O cônsul da Escandinávia afirmou esse caso, atestado pela Condessa de Iguaçu e pelo Barão de Marschal, em ofício de 11 de julho de 1829.

Alberto Rangel pergunta:

- Por que recusaria Domitila a honra insigne e quais os motivos que levaram o Imperador a desistir desse cometimento?

Os arquivos diplomáticos dos Estados Unidos e da França respondem a tal pergunta, dessa forma:

“Porque o Norte se levantaria coeso para, sob a chefia de Holanda Cavalcanti e apoio da França e dos Estados Unidos, proclamar-se uma república”.

A Marquesa de Santos, diz o cônsul americano desse tempo, ouvindo as ponderações a respeito da guerra civil, recusou-se a casar com D. Pedro, temendo a desagregação do território brasileiro.

O “Diário Fluminense”, em 1827, publicou a carta que a Marquesa de Santos dirigiu a D. Pedro quando o governo precisou de dinheiro para a guerra com a Argentina.

Nessa carta, Domitila diz que, “como brasileira, e brasileira paulista” e por ser paulista, muito amiga da pátria e da honra dela, oferece o seu dinheiro para o custeio da guerra do Sul. E termina assim:

“Como brasileira e brasileira paulista, e por consequência muito amiga da minha Pátria e da honra dela, ofereço 10 contos de réis para a guerra do Sul. O meu sexo não permite que eu ofereça também a minha pessoa; mas Vossa Majestade Imperial conte com tudo o mais que possuo em necessidade de Estado
Marquesa de Santos”.

Domitila recebeu a seguinte resposta:

“Repartição dos negócios da fazenda.
Ilustríssima e excelentíssima Senhora
levei à Augusta presença de S. M. o Imperador, nosso Amo, a carta que V. Excia. Lhe dirigiu na qual ofereceu 10 contos para a guerra do Sul. O mesmo Imperial Senhor manda louvar-lhe muito o rasgo dos eu acrisolado patriotismo; e para ainda mais dar a conhecer o apreço que faz do modo de proceder de V. Excia. em prol deste Império, muito especialmente por ser V. Excia. a primeira dentre todos os brasileiros que assim age, ordenou-me que mandasse publicar no Diário, logo abaixo deste Aviso, a carta que V. Excia. dirigiu à sua Imperial Pessoa.
Deus guarde V. Excia.
Paço, em 17 de outubro de 1827.
Marquês de Queluz.
(Para a Exma. Sra. Marquesa de Santos).

Na guerra do Paraguai também a Marquesa de Santos contribuiu com parte de sua fortuna em prol do exército brasileiro.

Essa mulher que recusou o diadema de Imperatriz do Brasil para evitar a guerra civil; essa mulher que por duas vezes colocou sua fortuna pessoal à disposição da Pátria em luta com nações estrangeiras; essa mulher que afrontou as iras dos mais cavilosos e odientos políticos do primeiro Império, casou-se em São Paulo, em segundas núpcias com o Brigadeiro Tobias e ali viveu cercada de prestígio, distribuindo esmolas aos pobres e beneficiando os necessitados. Foi uma respeitável matrona na sua velhice.

Quando o Visconde de Ouro Preto, então estudante pobre na Paulicéia, contraiu varíola, foi a Marquesa de Santos quem dele se acercou e quem, embora velha e adoentada, lhe serviu de enfermeira dedicada.

Se pecou, pecou como muitas pecaram. Resgatou o seu passado com uma velhice santa.

Madalena foi pecadora e a Igreja Católica colocou Madalena, a pecadora, na adoração dos seus altares.



15 - Cartas de Amor de D. Pedro I dirigidas à Marquesa de Santos³³

Carta nº 1

Filha.

Tua carta muito me consola, e muito me aflige tu me dizes que te ponho condições que não são a bem meu e que muito prejuízo te causam tal não há (perdão) digo-te o meu plano de vida que me parece vantajoso, e útil a ti e a mim. Se tens alguma coisa contra manda-me dizer.

Teu filho amte. e amo para sempre
Pedro.

P.S. - Estou esperando resposta avisada.

* * *

³³ As cartas do Imperador D. Pedro I a Domitilla Castro, Marquesa de Santos, contêm na primeira página a nota seguinte: «*Os autógrafos destas cartas pertenciam a Da. Maria Isabel de Bourbon, Condessa de Iguassú, foram confiadas por essa sereníssima senhora a Júlio Ribeiro que deles extraiu cópia fidelíssima, sem alterar uma palavra segundo a ortografia caprichosa do Sr. D. Pedro I. Depois da morte daquele homem de letras, a cujo primoroso talento tanto deve a Pátria, a cópia passou a mãos de amigos que, avaliando o justo preço de tais documentos, confiaram-na aos arquivos da Biblioteca Nacional.*» Reproduzimo-las aqui com a máxima fidelidade, sem alteração duma vírgula sequer (Cintra, A – D. Pedro I e o Grito do Ipiranga – Melhoramentos – 1921)

Nota³⁴

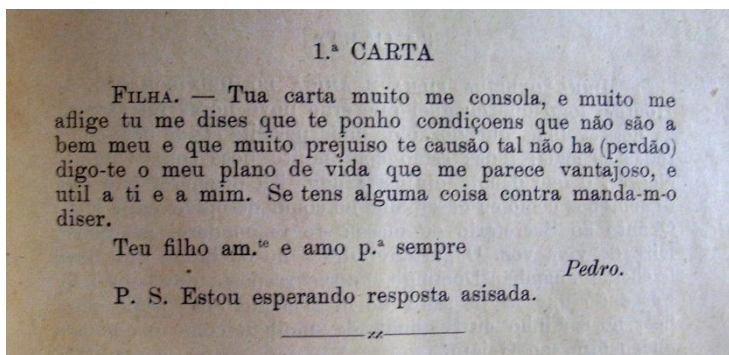


Foto da carta 1 do livro mencionado

Carta nº 3

Minha Querida Filha e Amiga do meu Coração.
Ontem logo que cheguei que eram nove horas fui abraçar as nossas filhas que gozam da mais perfeita saúde bem como todas as mais; todas estão com muito boas cores e muito alegres, o que denota ótima saúde. Eu desejarei que esta te ache boa como eu desejo que é como desejava para mim. Quanto ao Secretário eu mesmo te responderei na quarta feira de viva voz. O portador desta é o Gaiato que deve lá chegar amanhã Domingo, e a sua resposta deve vir pelo Fernando que há de sair de lá amanhã de tarde para ficar no caminho ou, Segunda de manhã como o quiseses que o dirás ao Gaiato.

³⁴ Nota do Editor: As cartas estão reproduzidas no livro de acordo com a ortografia vigente na época de D. Pedro I. Para melhor clareza foram transcritas aqui corrigidas.

O tempo está muito enfumaçado não sei se dará lugar amanhã para te mandar pelo Telégrafo noticias das nossas queridas filhinhas. Como vou na quarta feira e esta chega lá amanhã, e a reposta cá segunda ou terça feira espero me desculpes de te não escrever pois eu naturalmente chegarei a S. Cristóvão quarta feira com mais brevidade do que a carta que pode desencontrar a resposta e assim saberei de tua saúde pelo telégrafo e te mandarei dizer da minha e das nossas filhas.

Aceita meu amor as mais vivas sinceras e cordiais saudades e igualmente o coração que é teu e existe dentro.

Deste teu amante amigo e filho fiel constante desvelado agradecido e verdadeiro

O Imperador.

29/9/27

(O telegrafo a que se refere o imperador é o velho telégrafo de sinais, o antigo semáforo).

Carta nº 6

Filha, meu coração

Não há juramento quando de uma parte se aperta o juramento a faltar motivos de raivas e desesperação. Eu te amo; mas mais amo a minha reputação agora também estabelecida pela Europa inteira pelo procedimento regular e emendado que tenho tido. Só o que te posso dizer é que minhas circunstâncias politicas atualmente estão ainda mais delicadas do que já foram - Tu não há de querer a minha ruína nem a ruína do teu e meu País e assim visto isto além das minhas razões me faz novamente protestar-te o meu

amor; mas ao mesmo tempo dizer-te que não posso lá ir o que é além de tudo conveniente para te não mortificar nem me amofinar sempre me acharás em tua defesa, e te terei uma lícita e sincera amizade.

Imperador.

27-12-27

Carta nº 8

Filha.

Sinto que te não confessasses para mutuamente pedirmos perdão um ao outro. Não te aflijas por faltar o fato, e a sege das meninas veio, já vai sem a tua. Perdoa-me as raivas que te fiz pois de nada mais me acusei que te ofendesse nem levemente.

Adeus até logo

Teu Filho &

Imperador.

Carta nº 9

Meu Amor e Minha Filha.

Estimo que passasse bem, a nossa Bella, como me mandou dizer. Eu não passei muito bem pois acordando com um braço dormite depois senti tremer-me um dedo da mão esquerda o que me assustou bastante a ponto que acordei com um tremor depois obrei, e agora estou perfeitamente bom, e as suas determinações para tudo...

Aceite os mais sinceros protestos de estima.

Deste seu desvelado verdadeiro constante agradecido e fiel amante

O Imperador.

No fim do despacho lá vou no carrinho e de lá ao Depósito.

Carta nº 10

SOBRESCRITO. Para a Marquesa de Santos em Sua Casa.

Querida Marquesa.

Estimo muito que continue a passar conforme me mandou dizer de manhã, e só assim eu poderei ficar contente pois deveras lhe digo que tenho tido muito cuidado pela sua pessoa. Aceite os protestos da maior amizade e consideração com que sou Querida Marquesa

Seu amo que muito a estima e estimará

O Imperador.

03-01-28

Carta nº 11

Minha Querida Filha,

Até agora que acabei o despacho não tive ocasião de te escrever a saber como passaste o resto da noite que faço por meio desta igualmente lembro o anel para que não hajam desculpas a noite quando tiver o gosto de ir estar contigo. Adeus filha até as horas da ordem recebe o coração.

Deste teu filho amigo e amante fiel constante desvelado agradecido, e verdadeiro sempre

O Imperador.

30/09/30

P.S. - O Batalhão chegou a Pernambuco com um mês no dia três e todos bons.

Carta nº 12

Minha Querida Filha e Minha Amiga Do Coração.
Só tu poderás sentir o teu incômodo do que eu,
mais ninguém te ama mais sinceramente do
fundo d'alma do que este teu filho. Já vou mandar
outra negra e essa será paga em cá chegando de
tudo que tem feito. Quanto ao Venâncio
falaremos.

Adeus minha filha até as 10 horas recebe no
entanto o coração saudoso que é teu

Este teu filho amigo, e amante fiel constante
desvelado agradecido e verdadeiro.

O Imperador.

P.S. - O Hercules, e o Peixoto estão arranjados;
amanhã se publicarão os despachos.

Carta nº 13

Querida Marquesa.

Desejo saber como tem passado e participo-lhe
que as meninas bem como eu estão bons de
saúde. Aceite os protestos da mais pura aliás
lícita amizade que lhe consagra.

Este que a estima e é seu

Imperador.

20/12/1827

Carta nº 14

Querida Marquesa.

Mande-me dizer como passou, e como está sua Mãe e Tia. Eu estou bom e todos. Não sei como lhe não caíram os olhos do camarote abaixo quando olhou para debaixo da minha tribuna, e saiba que o seu disfarce de olhar para cima, quando eu reparei não é dos melhores.

Eu lhe agradeço dizer que a Eloise é como os amores da cintura para cima, pois a mim me parece melhor da cintura para baixo e por isso tenho feito “quelques demarches pour elle.”

Aceite os protestos da maior mais pura sincera e desinteressada amizade com que sou Querida Marquesa

Seu amo que muito a estima e estimará
Imperador.

09/05/28

Carta nº 15

Filha.

Não pude conseguir que me mandasses dizer - Podes vir - Paciência; mas apesar de tudo, e, do meu incômodo eu lá vou, e me contarás as pressas de inda agora, e me dirás o que te parecer. Manda-me dizer se posso ir e manda estar a porta aberta que eu lá vou, e adeus até as 10 horas responde-me a esta para ficarmos justos até logo filha.

Seu filho e amante &

Imperador.
06-12-27

Carta nº 16

Querida Marquesa.

Desejo muito saber se passou bem e se não lhe fez mal a umidade saindo do Teatro em carro sem cortinas. O conde do Rio Pardo já está ao fato do que me mandou participar, e faça-a examinar, e a fazer executar suas ordens que por não serem exatamente cumpridas acontecia o que eu lhe participei. A tarde como naturalmente não sai lá irá a Duquesa e a Maria Izabel, e quando me mandar dizer que - eu tinha começado as lições a Duquesa para a desacostumar de lá ir - seguramente não se lembrou em primeiro lugar que há Domingos e dias Santos e em segundo que todos os dias tem tardes e nessas ela pode ir.

Aceite os protestos da maior amizade e consideração com que sou querida

Marquesa seu amo que muito a estima e estimará
Imperador

Carta nº 18

Minha Filha e Minha Amiga.

Vai o colarinho como tu me ordenaste e além dele vae também um abraço, e um beijo para minha coisa.

Teu filho amigo e amante até a morte
Pedro
01/06/29

Carta nº 21

Filha e Amiga

Chegando mandei chamar o Silveira havendo consultado Manoel Bernardes que aprovou tudo que fizeram ontem, e voltou que nada há mais com o que se conformou o Clarindo e o mesmo Silveira. Mal sabem eles que o remédio heroico foi ##@@## que descoberta para quedas de costas pôr-se uma pessoa de bruços!!

Teu filho amigo, e amante até a noite
Pedro.

Carta nº 22

Filha.

Mande-me dizer como passaste e se já há novidade: eu passei de saúde pois tua coisa apenas deitou a lagrimazinha de água branca³⁵; mas de que não passei bem foi de saudades tuas pois decerto nunca as tive maiores porque estive lendo as cartas amorosas de madame de Sevigné que muito me fizeram recordar o nosso bom tempo. Se á noite tiveres alguma coisa irei a

³⁵ Indício de doença venérea, provavelmente gonorreia (NE)

Gloria primeiro que a tua casa às dez ou pouco depois. Adeus filha até então que terá o gosto de abraçar-te.

Este teu filho desgraçado amigo e amante.

Imperador.

22/11/27

P.S. - A noite torno a escrever-te para saber se há novidade para em tua casa ir cumprir a promessa.

Carta nº 24

Meu Amor, Meu Tudo.

Neste momento acabo de perdoar toda a pena ao Martino, e o mandei soltar.

Mande dizer quando está lá pois de cá vejo duas seges. Adeus meu encanto, e meu tudo quanto pode haver de bom e aceite o coração deste que é Seu verdadeiro fiel constante desvelado, e agradecido amigo e amante

O Imperador - Boa Vista, 18/12/1828.

Carta nº 25

Meu Amor do Meu C.

Estimo que passaste bem a noite eu passei sonhando que vinham atacar ao Brasil, e acordei tremendo de raiva mas dentro em meia hora, adormeci e dormi bem.

Como o tempo se pôs bom e pilho o Domingo pegado com hum dia Santo estou resolvido a ir hoje até a minha Fazenda de Santa Cruz com a Imperatriz, e vir na Segunda feira repousar nos seus braços amorosos, e aí sentir, aqueles

prazeres que nos são iguais. A necessidade de eu ir a Fazenda é grande porque já lá não vou há perto de 4 meses, se ela não fosse tão grande eu preferia o estar na sua amável companhia todas as noites. Você tem juízo conhece a razão há de me perdoar a ausência e conte que vai no C
Aí vai o cavalo para ir a Gloria, e quando o quiser diga ao Joze.

Deste teu amante
O Demonão Pedro.

Carta nº 26

Meu Amor.

Estimarei que passaste bem a noite e mais a nossa Bellinha a quem mando um beijo. Fui ao Arsenal, e andei vendo os navios todos: ninguém esperava; mas tudo vai melhor.

Remeto os bolos para a Izabelinha, e o Diário de 28 do passado para que veja que não sou teimoso. No lugar onde vir risco por baixo da linha aí achará o nome de seu mano João estirado ao comprido. Aceite meu bem os protestos da maior veneração e cordial afeto.

Deste seu fiel constante desvelado agradecido e verdadeiro amante do coração

O Demonão Pedro.

05/05/27

Carta nº 27

O Peixoto já me tinha participado que tu havias mandado por ele buscar a Madama Joze e ela mesma me havia dito quando eu lhe perguntei

quando foi ver meus filhos quando cheguei da Cidade. Depois o Amaro também da tua parte me fez a participação de que tu a mandavas buscar pelo Peixoto: eu te agradeço tanta delicadeza não precisa pois já me havias falado, e tu mandas nesta tua casa como se fosse eu, e tudo que, não te resolveres a mandar ordena e dize que eu prontamente o executarei com todo o gosto, e prontidão com quem é, e será até a morte.

Teu filho amigo e amante fiel desvelado agradecido verdadeiro e constante.

O

Imperador.

P.S. - Perdoa o Português da carta que não está o mais correto pois as notícias me puseram a cabeça pelos ares. Morreu o comandante da Piranga.

(Na palavra “até” o imperador hesitou em empregar o “h” e borrou-o por fim).

Carta nº 28

Minha Filha.

Manda-me dizer como passaste o resto da noite, eu cheguei bem as duas horas e meia, e todos estavam bons.

Filha não estejas mal com teu filho que te quer muito de todo, o coração, e por te querer muito, e ser muito franco contigo no que tu não lhe correspondeste ele rompe em dizer-te algumas coisas que não deve, e de que te pede perdão pedindo-te ao mesmo tempo que sejas como ele, e

lhe digas antes um - Não quero ou Não lhe digo - do que coisas... não são como existem e q... pois a verdade que é como o azeite... aparece. Eu muito contente ficarei... do que tu me releves algum excesso de língua, e estou disto tão certo como que... me estimas e me acreditas em minha verdade anda nua até de inverno debaixo do mais rigoroso frio. Filha se me dás licença eu quero amanhã á noite ir verte a não haver algum temporal e portanto ordena que esteja a porta na forma da ordem. Eu assim espero como Seu filho a.. amante & Imp...

(O papel desta carta está dilacerado em parte; respeitando escrupulosamente o texto preferi deixar as lacunas das partes dilaceradas a enche-las com frases hipotéticas embora quase certas).

Carta nº 29

Filha.

Muitas cartas tenho eu recebido tuas que me tem escandalizado pela tua pouca reflexão

A escreve-las, mas nenhuma tanto como a de hoje em que me dizes que nossos amores são reputados por ti como - Amores Passageiros - Se teus amores para comigo são assim é porque tua amizade para comigo te não borbulha no peito como a minha para contigo: pois sejam embora teus amores para comigo Passageiros os meus que são baseados sobre a mais firme amizade (além ainda de todos os reveses) hão de ser sempre puros e mui constantes. Tu entendes

AMOR pela MANIVERSIA então ainda pior porque reputando tu como reputas o amor que fazes por um - amor passageiro - está claro que só a tua carne é quem chama a fazer a coisa, e não o prazer de ser com teu filho o que é capaz de dispor-te a fazeres com outro qualquer - amor passageiro - para aliviar, pois não entra em tal negocio a amizade, e portanto uma melhor figura qualquer que te ensinará a fazer um desses - amores passageiros - Deus me livre pensar que tu escreveste isto depois de considerares; eu estou certo que ou tua paixão ou um não sei que te compeliu a escreveres assim a
Teu filho amigo, e amante não passageiro &
Imperador.
15-12-1827

Carta nº 30

Filha.

Escrevi-te como Imperador agora te escrevo como teu filho. Eu estimo muito que passasses bem o resto da noite eu também passei hoje fui ao banho não ficou um dito. A noite a Ópera, eu lá vou se tu fores estarei até ao fim se não fores venho antes do fim para ir estar contigo onde eu tenho prazer neste mundo, e se assim não é deus me não salve. Como tu queres que nós não tenhamos duvidas se elas nascem do amor? Por força as há de haver mas eu vou tratar de coibir-me, e não te escandalizar; vamos ao caso da janela da tua câmara fechada tudo o mais aberto é acaso mas

eu não o desejo que haja, que tens esquisitice, paciência que é boa para a vista. Adeus filha recebe o coração cheio de saudades que posto que seja teu contudo tu não me privas que te ofereça até mesmo a única pessoa a quem o dediquei, e por quem ele sempre suspirará dentro do peito.

Deste teu filho amigo e amante &

Imperador

07/11/1827

Carta nº 31

Filha.

Não tendo até agora novidade na tua coisa, e querendo persuadir-te que te estimo, e que o que me fez meu aborrecimento sou eu mesmo por me ver neste mundo sem saber o que sou digo a quem pertenço ou hei de pertencer permite-me filha que eu lá vá esta noite, e para isso manda estar a porta aberta na forma de costume. Eu espero figurando a mim mesmo tempo antigo poder estar contigo sem estar já sentindo saudades que por força hei de (a casar-me) sentir para o futuro. Adeus minha filha até a noite, e não assente que te não amo nem mal pois o desespero de minha posição é que assim faz proceder e a Este teu filho amigo e amigo Imperador.

Carta nº 32

Nem posso mais sofrer saudades nem quero fazer as sofrer lá vou esta noite depois da Ópera ver-te,

pois filha meu coração assim me pede. Adeus filha até depois da Ópera tem paciência se eu chegar tarde mais é para se não reparar o retirar-me antes de finda a Peça que é nova para mim.

Teu filho amigo, e amante &
Imperador.

20/11/1827.

Manda-me dizer se vais a Ópera ou aonde vais passear.

Carta nº 33

Meu Bem e Meu Amor.

Pelo amor que lhe tenho e pelo que Você me tem peço mui encarecidamente que não queira dar-me um desgosto que tanto nos há de magoar. Não se aflija não se consuma que o mal que lhe pode acontecer é pior que tudo quanto há. Perdoe a letra mas eu estou tão aflito que mais não posso, e até verei se vou jantar ao Macuco para que a Imperatriz vá antes e eu lá poder passar por sua Casa.

Seu amante

O Demonão

Pedro

P.S. - Valha Deus.

Carta nº 35

Filha,

Muito obrigado te estou por mandares fechar as janelas (estando tu na casa redonda sentada na

janela e não me corresponderes ao sinal) estando eu de óculo olhando para te ver; paciência eu não tenho culpa de estar pior porque não fiz nada com ninguém senão contigo e a minha piora é devido a andar a cavalo como te mandei participar, eu não te mereço isto paciência - desconfio que fosse ordem tua o fechamento das janelas, pois em tua carta não me dizes que a porta estará aberta para eu entrar na forma do costume tendo-te eu mandado dizer que lá ia esta noite o que farei sendo lá.

Se o motivo além de eu estar pior é o de ter eu ontem xingado o Albino e o João Caetano tenho muita glória de punir por ti, e pela tua honra nada mais digo senão que apesar de todos os pesares hei de ser sempre.

Teu filho amigo, e amante fiel constante desvelado agradecido e sempre verdadeiro

Imperador.

P.S. - Perdoa se está forte mas é o coração sentido e teu quem fala.

Carta nº 37

Filha,

Agradeço-te muito o beijo e o abraço que me mandaste no teu bilhete, e tanto mais por não ser de retribuição mas sim de espontânea vontade tua. A Marequita tomou uma onça da Aguam e nada de obrar, fui agora dar-lhe outra, vomitou, e se não obrar às 3 horas tomará mais. A Paula quebrou a cabeça em uma cadeira, e fez um brecha atravessada de polegada e meia mas pouco funda. Adeus filha até amanhã lembra-te,

Deste teu filho amigo e amante & &
Imperador.

P.S. - Beijos, e abraços sem conta.

Subscrito Para A Marquesa de Santos em (Sua Casa).

Carta nº 38

Meu Amor,

Estimarei que fosse bem cecia com o seu vestido, e touca irman como foi ao campo; ninguém repara na touca porque não é dia de função, e é muito da moda ir-se ao Teatro como lhe digo e gosto.

Este seu fiel constante desvelado e agradecido e verdadeiro amante,

Imperador

P.S. - A Imperatriz ia me agarrando a escrever, mas valeram-me as suas orações. Mandeí entregar a mulher ao Soares. Até a noite meu bem e meu...

Carta nº 39

Meu Amor.

Manda-me dizer como passou a nossa querida Bellinha. Já comecei a falar com o Queiroz no ajuste do cavalo e espero a tarde mandar-lhe resposta e pode ser que seja indo já o dito.

Aceite o coração sincero deste seu amante fiel constante e desvelado

O Demonão P.

Carta nº 40

Querida Marquesa.

Agora mesmo acabo de saber que há falecido a sua Sobrinha, e minha afilhada Leopoldina filha do seu cunhado Carlos: eu sinto que tanto a Marquesa como ele, e sua irmã tenham tão grande desgosto. Se é possível eu concorrer de algum modo para minorar aos Pais a dor tão justa que seguramente hão de ter pela dor desta filha; eu concedo desde já (como vou expedir Decreto) a mesma pensão da falecida ao meu afilhado Pedro igualmente seu sobrinho, e estimarei que ele goze por muito tempo.

Aproveito esta ocasião para significar-lhe a consideração em que a tem.

Querida Marquesa. Este que a estima, e é seu Imperador.

Boa Vista aos 12 de Novembro de 1827.

Carta nº 41

Querida Marquesa.

Muito folgo sabendo que nada teve, e que está boa mas espero não abuse pois a regra segura, e dos velhos que tenham mais juízo do que nós hoje em dia - tantos dias de convalescença quanto os da doença. Já dei ordem para os homens, e ou hoje ou amanhã lá estarão. Agradeço lhe dar-me uma ocasião de lhe mostrar o quanto desejo obsequiá-la o que vem uma vez por ano bem como a Pascoa.

Aceite os protestos maior amizade e consideração com que sou

Querida Marquesa
Seu amo que muito a estima e estimará
Imperador.
06/02/1828

Carta nº 42

Minha Filha e Amiga.
Agradeço-te a participação que me fazes, e creio
que te será preciso para sair com a Chiquinha. As
ordens para o teu carro e muda para ele no
Botafogo já estão passadas, e estimarei que te
divirtam e que me encontres. Adeus até cedo.
Teu filho amigo fiel constante desvelado
agradecido e verdadeiro.
O Imperador.

Carta nº 44

Meu Amor, Minha Filha e Minha Amiga.
Mando este soneto que foi escrito para ti, minha
querida filha e amiga do coração.
Aceita meu amor e os versos que são teus.
Deste teu amante amigo e filho fiel constante
desvelado senhor e servo ao mesmo tempo
verdadeiro em tudo por tudo.
O Imperador.

SONETO

Filha dos Césares, Imperatriz Augusta,
Tu abateste altiva soberbia
Com que tuas Damas de raça ímpia
Abater q'rião quem deles não se assusta.

Ved'Aristocratas cafres quanto custa,
Apezenhar aquela cuja alegria,
Consiste em amar a Pedro e a Maria.
Titilia bela sois sempre sustemetta

O mérito e a verdade em todos os países
Aparecerão sempre em grand'explendor
Sustentem n'as o Sob'ranos, são suas raízes

Conta com Pedro pois Ele é Defensor
Do pobre, do rico, do Brasil, dos infelizes
Ama a justiça, do seu amigo e vingador.

(O 4º verso do 2º quarteto está emendado no original: a palavra híbrida sustemetta é perfeitamente legível através do borrão.)

Carta nº 47

Querida Marquesa.

Estou com muito cuidado na sua saúde pois ontem me disseram á noite que estava com modo de ter sezão; não me admiraria isso muito pois sei que em apanhar ar, e ainda como ontem quase a noite quando eu me recolhia, e que estava de janela.

Aceite os protestos da maior amizade e consideração com que sou.

Querida marquesa
Seu amo que muito a estima e estimará
Imperador.
06/02/1828.

Carta nº 48

Meu Bem.

Manda-me dizer como passou, e a nossa Bellinha eu meu amor passei como uma breca em uma perna que me atormentou muito a ponto que estive perto de uma hora acordado de manhã acordei enjoado bebi macella vomitei-a, e alguma cólera, e agora estou bem vou jantar ao Corcovado somente para descer pelas Laranjeiras e vê-la em casa do Magessi.

O Marcos cá vem esta noite, a sege lá vai; convida o Carlos para vir ouvir.

Aceite o Coração Deste seu constante fiel e desvelado amante.

O Demonão.

Carta nº 49

Minha Filha.

Mando um preto para vir o Lagarto, e acha bom tu ires, e eu ficar sem ir ao Teatro pois de certo julgarão que tu fostes para me veres, e não indo eu hão de assentar que eu não tenho interesse de ir ver; mas não te importa ninguém assim como a mim, me não importa. Até a meia noite e um quarto que naturalmente é quando chegarás a casa.

Deste teu filho amigo e amante &
Imperador.

Carta nº 50

Meu Amor, Minha Viscondessa, e Meu Tudo.

Neste momento que são 9 horas e um quarto chego do meu passeio com p.a C.a, vindo da Fábrica das Chitas, e do papel que ainda o não faz, e de ter entrado na Chácara do Visconde de Barbacena aonde me não apeei, e lhe falei a cavalo mesmo. Estimei muito saber que Você, e nossos queridos filhos vão passando bem.

Bem desejei que esta lhe fosse escrita em papel Brasileiro da Fábrica; mas por ora o não há o que em pouco espero assim não seja.

Agora, meu encanto, só me resta dizer-lhe que é e será sempre.

Seu fiel constante desvelado, agradecido, e verdadeiro amigo e amante do fundo d'alma Imperador.

Boa Vista, 11/10/1826

Carta nº 51

Querida Marquesa.

Sinto infinito que esteja doente, e com febre, e cada vez o sinto mais porque minha posição atual me não permite por ir prestar-lhe socorros, ainda que ordinários com tudo nascidos do coração.

Deus permita que não seja coisa de maior o que eu seguramente muito sentiria, e me agravaria ainda muito o pesar com que estou do seu

incômodo. Embora lhe pareça que meu amor é fingido minha consciência me diz que não é.

Aceite os protestos da maior amizade e consideração com que sou Querida Marquesa

Seu amo que muito a estima, e estimará

Imperador,

P.S. - Se se incomodar em responder não o faça pois eu ficaria contente com notícias boas.

Subscrito. Para A Marquesa de Santos em Sua Casa.

Carta nº 53

Querida Marquesa.

Esta só serve a ir pelos modos que minhas circunstâncias e posição política me permitem saber da sua saúde que eu desejo em ver restabelecida. Não respondo já a sua de ontem (o que farei de tarde) em razão de ter muito a fazer agora por ser dia de despacho, e só o que lhe digo é que o seu afilhado há de ser servido por estar muito nos termos da razão, e da Lei.

Aceite os protestos da maior e mais sincera amizade e consideração com que sou

Querida Marquesa

Seu amo que muito a estima e estimará

Imperador.

24/12/1827

Subscrito como de costume.

Carta nº 55

Filha.

Muito estimo saber que estás boa apesar de ainda não ter chegado a suspirada assistência. Eu te agradeço a lembrança dos leques mais eu filha o que quero é hum leque mais ordinário que é mais próprio para homem, e sim te pedi para trazer comigo mais uma coisa tua além das saudades que tenho de ti; assim eu te remeto; e espero que mandes o que te peço, e acredita que o que te digo sai do fundo deste teu coração.

Adeus minha querida filha até amanhã

Teu filho amigo, e amante &

Imperador.

24/11/1827

Carta nº 56

Filha.

Não tive o gosto de te encontrar posto que te visse duas vezes ainda que de longe quando tu passaste pelo portão do Barão quando eu voltei estavas tu em casa do Amaro Velho eram sete e vinte minutos quando chegaste a casa estava eu já para sair eram nove menos vinte e vinhas muito prudentemente com archote. O seu cavalo Lagarto diz o Ritchard que está pronto e capaz de tu andares portanto quando o quiseres está as tuas ordens.

Filha recebe abraços beijos, e o coração que te ofereço e a noite te dará ao vivo.

Este teu filho amigo, e amante fiel constante verdadeiro &

Imperador.

Sobescrito. Para a Marquesa de Santos em Sua Casa.

(Está em um pequeno envelope muito bem feito como os atuais, fechado com obreia encarnada e selo imperial).

Carta nº 57

Minha Filha e Minha Amiga.

Mande-me dizer como passastes, e mais a nossa querida Bella único furto existente dos nossos amores. Eu passei bem; mas sempre sonhando e pensando sobre o negocio árduo que atualmente tenho entre as mãos. A D. Mariana esta hoje melhor e eu estou suspirando que seja noite para gozar da tua para mim muito grata companhia. Adeus meu amor recebe ainda que de longe abraços, e beijos sem conta.

Deste teu filho, e amante fiel constante desvelado agradecido e verdadeiro

Imperador

02/04/1826

(Esta carta sem subscrito estava fechada com uma obreia encarnada quadrada a que D. Pedro deu tinta preta naturalmente como luto).

Carta nº 59

Filha.

Agora chego a esta tua casa e que saudades estou sentindo por rever a função em tua casa, e eu por culpa minha privado de acompanhar-te!!!

Ah! filha só me resta a consolação de passar contigo bocados da noite até que o destino decida de nós. Filha, dança, diverte-te, mas lembra-te sempre de mim bem como eu sempre me lembro saudosos de ti.

Adeus filha até logo

Seu filho amigo, e amante &&

Imperador.

P.S. - Se não poderes responder ou quiseses não faz mal.

Carta nº 62

Querida Marquesa.

Muitos parabéns de seus anos, e um desejo ardente de lhe mostrar o contentamento que tenho por este dia me compellem a pegar na pena certificando-lhe que sobremaneira estimarei que conte mais cem dias destes gozando daquelas felicidades que mais desejam e par de uma não interrompida saúde vigorosa. Desejava saber como passou, e lhe participo que eu passei bem, e

mais as meninas das quais a Duquesa logo irá para sua casa passar o dia em sua companhia; e Maria Izabel não pode ir por estar vacinada de mui poucos dias.

Aproveito esta ocasião para certificar-lhe a minha lícita e sincera amizade além de protestar-lhe a maior consideração com que sou

Querida Marquesa

Seu amo que muito a estima

Imperador.

Boa Vista aos 27 de Dezembro de 1827.

Carta nº 63

Muito estimarei que esta te ache boa, e igualmente que te divertisses vendo a procissão que se fosse cá na roça de certo não saia porque choveu de tarde, e as horas a que ela deveria sair. Esta noite terei o gosto (para mim maior) que é de estar contigo, e abraçado e espero ser hum Cavalheiro polido para não me chamares de Bandalho. Filha não tomes a mal esta minha brincadeira pois tu deves estar certa que muito te amo, e que se algumas vezes estou algum tanto grosseiro é motivo disso o desespero de não poder gozar de ti como desejaria que me faz dizer, e praticar semelhantes coisas; não que elas sejam nascidas do coração pois esse te adora, e por ti sempre está sentindo um não sei que que não posso explicar e que mesmo no meio das passadas e espero nunca mais vindas asneiras se

estava com afeição, e decidido amor lembrando de ti.

Manda estar a porta na forma da ordem e pelas horas do costume terei o gosto de abraçar-te, e apertar-te em meus braços. Adeus até a noite, e acredita

Neste teu filho amigo e amante

Imperador.

